

Lidice Meyer Pinto Ribeiro
(ORGANIZADORA)

O Congresso do Panamá 1916

*e as missões protestantes
na América Latina*



Mack
Pesquisa



Editora
Mackenzie

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Conselho Editorial

Helena Bonito Pereira (Presidente)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

Lidice Meyer Pinto Ribeiro
(ORGANIZADORA)

*O Congresso
do Panamá
1916*

*e as missões protestantes
na América Latina*



Mack
Pesquisa



Editora
Mackenzie

Copyright © 2017 Lidice Meyer Pinto Ribeiro
Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial: Jéssica Dametta Cruz
Preparação de texto: Jéssica Dametta Cruz
Projeto gráfico e diagramação: Ana Claudia de Mauro
Estagiária editorial: Carolina Amaral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Congresso do Panamá 1916 [livro eletrônico] : e as missões protestantes na América Latina / Lidice Meyer Pinto Ribeiro, (org.). -- São Paulo : Editora Mackenzie, 2017. 866 Kb ; PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-8293-695-5

O Congresso do Panamá 1916 [livro eletrônico] : e as missões protestantes na América Latina / Lidice Meyer Pinto Ribeiro, (org.). -- São Paulo : Editora Mackenzie, 2017. 866 Kb ; PDF

17-08312

CDD-280.4098

Índices para catálogo sistemático:

1. América Latina : Congressos : Protestantismo :
História 280.4098

Editora Mackenzie
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino,
São Paulo - SP - CEP 01302-907
Tel.: (5511) 2114-8774
editora@mackenzie.br
www.mackenzie.br/editora.html

Editora afiliada:



Sumário

Apresentação	6
LIDICE MEYER PINTO RIBEIRO	
O verdadeiro <i>leader</i> e sua necessidade fundamental	14
EDUARDO CARLOS PEREIRA	
O poder vital e conquistador do Cristianismo: como realizado e mantido	27
ÁLVARO REIS	
Os apelos de Cristo aos homens pensantes	42
ERASMO BRAGA	
Congresso do Panamá 1916: perspectivas sobre um evento pioneiro	46
ALDERI SOUZA DE MATOS	
O Congresso Evangélico do Panamá: aspectos do contexto histórico	60
SILAS LUIZ DE SOUZA	
As comunidades locais protestantes e o Movimento do Panamá	91
DARLI ALVES DE SOUZA	
O Congresso Missionário da Obra Cristã na América Latina (Panamá, 1916) e seu impacto no protestantismo de missão no Brasil	121
LEONILDO SILVEIRA CAMPOS	
Biografia Reverendo Álvaro Reis	175
JORGE LUIZ PATROCÍNIO	
Anexos	189

Apresentação

Lidice Meyer Pinto Ribeiro

Pós-doutora em Antropologia e História e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).
Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pesquisadora-líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos do Protestantismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

No centenário da realização do Congresso sobre o Trabalho Cristão na América Latina, que ocorreu de 10 a 19 de fevereiro de 1916, no Hotel Tívoli, em Ancon, o Núcleo de Estudos do Protestantismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) realizou, com o apoio do MackPesquisa, um simpósio para debater as consequências e contribuições desse Congresso para o protestantismo brasileiro.

O Núcleo supracitado atua como um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UPM e tem buscado aprofundar o estudo do protestantismo histórico na universidade, fornecendo subsídios para alunos e professores que se interessam pelo tema. Embora seja um grupo relativamente recente, com



início em 2016, já contribuiu para a elaboração de dissertações de mestrado e de trabalhos de conclusão no curso de Teologia, além de estimular a participação de alunos e professores em congressos nacionais e internacionais. Paralelamente a essas atividades, o Núcleo tem se dedicado à produção de um Dicionário Enciclopédico das Instituições Protestantes no Brasil, com lançamento previsto para 2017, cujo primeiro volume é dedicado às instituições educacionais.

O Congresso sobre o Trabalho Cristão pretendeu reunir as missões evangélicas que já atuavam na América Latina, fortalecendo a ação conjunta em prol do desenvolvimento de áreas como educação, evangelização e formação pastoral. Constituiu-se, assim, a primeira grande discussão sobre o protestantismo latino-americano com ênfase na cooperação evangélica, envolvimento social, testemunho cristão na sociedade, educação teológica de alto nível e evangelização das elites. Entre os participantes estavam três representantes da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), nomes de destaque na história da UPM: Álvaro Reis, Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Braga.

Em novembro de 2016, reuniu-se na UPM um seletivo grupo de pesquisadores, historiadores, sociólogos e teólogos para relembrar as conquistas do evento, que ficou conhecido como Congresso do Panamá, e dialogar sobre as suas repercussões nos dias atuais.



Após uma palestra de abertura proferida pelo doutor Alderi Souza de Matos, Historiador Oficial da IPB, seguiram-se três mesas-redondas. A primeira mesa, com a temática “O Congresso e seus antecedentes”, contou com a participação do doutor Silas Luiz de Souza e do mestre Darli Alves de Souza, cuja pesquisa aborda especificamente o Congresso do Trabalho Cristão.

A segunda mesa-redonda, com a temática “Atores brasileiros no Congresso do Panamá”, abordou um pouco da trajetória de cada um dos brasileiros participantes do Congresso, entre eles: Erasmo Braga, pelo doutor Alderi Souza de Matos; Eduardo Carlos Pereira, pelo doutor Eber Ferreira Silveira Lima; e Álvaro Reis, pelo doutor Jorge Luiz Patrocínio.

Por fim, na terceira mesa-redonda, foi abordado o tema “Os resultados do Congresso do Panamá”, por meio das comunicações proferidas pelo doutor Leonildo Silveira Campos, da UPM, e pelo doutor José Carlos de Souza, da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

O Congresso do Panamá (1916) e as missões protestantes na América Latina é proveniente das reflexões realizadas durante o simpósio “Panamá 1916-2016 – Centenário de um Congresso Missionário Pioneiro” e conta com algumas das comunicações nele proferidas, bem como com três textos dos brasileiros partici-

pantes do Congresso de 1916, sendo dois deles publicados pela primeira vez em português. Originalmente, os três textos foram publicados em inglês nos anais do Congresso, em 1917, sob o título: *Christian Work in Latin América, Cooperation and the Promotion of Unity*. Na edição de 25 de maio de 1916 de *O Estandarte*, jornal oficial da Igreja Presbiteriana Independente (IPI), número 21, ano XXIV, foi publicado o texto de Eduardo Carlos Pereira, na versão aqui transcrita.

Eduardo Carlos Pereira, em seu texto “O verdadeiro *leader* e sua necessidade fundamental”, é extremamente atual em sua análise sobre a sociedade brasileira, que em muito remonta aos pensamentos de Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro acerca da miscigenação e suas consequências socioeconômicas. O autor ressalta sua preocupação com a educação, que, a seu ver, era a solução para o progresso social do país. Cabe lembrar que Eduardo Carlos Pereira foi o fundador do jornal *O Estandarte*, além de ter exercido o magistério, lecionando português e latim desde 1877 na Escola Americana, atual Colégio Mackenzie, e no Ginásio Público de São Paulo de 1894 até sua morte, em 1923. Nesse período, produziu três gramáticas, todas reeditadas sucessivas vezes. De sua participação no Congresso sobre o Trabalho Cristão resultou a obra *O problema religioso na América Latina*, publicado em 1920.

O texto inédito de Álvaro Reis, intitulado “O poder vital e conquistador do cristianismo: como realizado e mantido”, foi traduzido por Jorge Luiz Patrocínio, atual pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, pastoreada por Álvaro Reis durante 28 anos. Em seu texto, Álvaro Reis destaca o papel do cristianismo no resgate do valor familiar, ressaltando o papel da família na educação da criança, bem como o papel da igreja na valorização do estudo e da formação acadêmica. O autor cita diversos exemplos de como pessoas de origem humilde conseguiram atingir cargos e posições sociais de prestígio por meio do estudo, incentivado pela igreja. Cumpre lembrar aqui a prática desses pioneiros presbiterianos em criar uma escola sempre que se formava uma igreja, a fim de que todos pudessem aprender a ler, para, por si só, poderem estudar e conhecer a Bíblia. Entre os líderes citados pelo autor está Miguel Gonçalves Torres, primeiro pastor presbiteriano a residir em Minas Gerais, cuja biografia, de autoria de Júlio de Andrade, foi intitulada *O Apóstolo de Caldas*.

Erasmus Braga, em seu texto “Os apelos de Cristo aos homens pensantes”, inédito no Brasil, faz um apelo aos líderes da América do Sul a buscarem em Cristo a sabedoria e a força necessárias para trabalhar pelo bem da sociedade ali residente. A tradução desse texto foi realizada por Alderi Souza de Matos, que há anos tem



desenvolvido estudos sobre a vida e obra de Erasmo Braga. Esse grande homem, reconhecido como o presbiteriano mais culto de sua geração, foi professor e capelão do Colégio Mackenzie e Presidente do Conselho do Mackenzie College. É autor da “Série Braga de Livros de Leitura”, utilizada por muitas escolas brasileiras, e, inspirado pelo Congresso do Panamá, escreveu os livros: *Pan-americanismo: aspecto religioso* e *A República do Brasil: uma análise da situação religiosa*.

Após esses três ricos textos da época do Congresso do Panamá, apresentamos o capítulo de Alderi Souza de Matos intitulado “Congresso do Panamá 1916: perspectivas sobre um evento Pioneiro”. Por meio desse excelente texto podemos mergulhar nos antecedentes históricos que levaram à organização do Congresso, as suas particularidades e os seus desdobramentos. Em uma visão abrangente, podemos observar quantas das instituições atuais de grande atuação social foram fruto desse Congresso, bem como as que não mais existem, mas que deixaram a sua marca na sociedade e na igreja brasileira. O autor dá destaque à questão da cooperação interdenominacional em prol da evangelização, um desafio ainda a ser enfrentado pelas igrejas do nosso país.

Por sua vez, Silas Luiz de Souza, em “O Congresso Evangélico do Panamá: aspectos do contexto histórico”, aprofunda as questões socioeconômicas e religiosas



envolvidas no momento em que o Congresso foi idealizado. Além da “Conferência Mundial de Missão”, que ficou conhecida como “Congresso de Edimburgo”, realizada em 1910, o autor dá destaque a questões do pensamento vigente na época com referências ao iluminismo, ao pietismo, ao destino manifesto americano bem como aos movimentos de avivamento e suas consequências às missões mundiais.

Darli Alves de Souza traz o texto “As comunidades locais protestantes e o Movimento do Panamá” em que aborda as consequências do Congresso para o movimento ecumênico latino-americano de 1916 a 1934, com base em fontes documentais. O autor ressalta que a sustentação desse movimento estava no combate à hegemonia católica, embora houvesse outros eixos norteadores.

Em seguida, Leonildo Silveira Campos nos apresenta o texto “O Congresso Missionário da Obra Cristã na América Latina (Panamá, 1916) e seu impacto no protestantismo de missão no Brasil”, em que evidencia os desdobramentos do Congresso do Panamá nas áreas da educação teológica e social e na conscientização missionária.

Por fim, transcrevemos a comunicação de Jorge Luiz Patrocínio sobre Álvaro Reis. Além da sua atuação no Congresso do Panamá, o autor aborda o ardor missionário do reverendo, sua dedicação à educação e suas habilidades como orador



e polemista. Destaca-se o registro da participação de Álvaro Reis na Convenção Mundial de Edimburgo, onde, embora fosse apenas um ouvinte, questionou a ausência de um convidado representante da América Latina. Desse questionamento, surgiu a semente que frutificaria seis anos depois, na organização do Congresso do Panamá.

Com a leitura dos textos que compõem este livro, constata-se a visão dos participantes diretos e dos nossos contemporâneos sobre um evento de grande importância para o protestantismo latino-americano e, em especial, para o protestantismo brasileiro. A nossa expectativa é que esta obra contribua para a compreensão da construção da história do protestantismo em nosso país e estimule o debate sobre o papel desse protestantismo diante da sociedade brasileira.



O verdadeiro *leader* e sua necessidade fundamental¹

Eduardo Carlos Pereira (1855-1923)

Pastor presbiteriano, professor e escritor, fundador do jornal *O Estandarte*, principal organizador da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil em 1903.



Líder, como soa a palavra, é aquele que conduz, que guia, aquele que, tendo o coração vibrante de entusiasmo pelas aspirações comuns, encara à frente da comunidade, mostrando-lhe o caminho de seu destino. Sua autoridade repousa no apoio espontâneo de seus concidadãos.

O termo *líder* é um neologismo semântico do idioma inglês: o seu sentido genérico primitivo assumiu significação específica, a qual passou para o uso corrente das línguas modernas.

1 Tese lida perante o Congresso da Obra Cristã em Panamá. Originalmente publicada em inglês no *Christian Work in Latin America, Cooperation and the promotion of unity*, volume III, New York, *The Missionary*, 1917 e em português no jornal *O Estandarte* ano XXIV, número 21, São Paulo, 25 de maio de 1916.



A sua origem e história nos mostram que a ideia específica, de que é ele portador, se relaciona igualmente com a sociedade anglo-saxônica.

De fato, das clássicas liberdades britânicas, da sociedade em que reina uma opinião pública esclarecida e sensata, do povo, que deu à sociedade moderna os ideais da democracia, nasceu essa personagem nova, a que damos o nome de *líder*.

O verdadeiro *líder*, como poeta, nasce, e não se faz. O seu posto é alcançado e mantido por ele, não devido ao voto formal, mas à adesão espontânea de seus correligionários.

Filho legítimo do meio, ele absorve as ideias generosas e incertas, que flutuam no ambiente moral, os sentimentos confusos, as esperanças mal definidas, as vagas aspirações comuns, interpreta-as, define-as, ilumina-as. Agido pelo meio, ele reage sobre o meio. Uma corrente moral se forma e avoluma. Trava-se a luta, inflamam-se os espíritos, uma bandeira se desfralda aos ventos fortes do ideal, e em torno dela perfilam soldados prontos a todos os sacrifícios. Nos rudes embates da requesta, o *líder* torna-se herói ou mártir. Como o Bom Pastor da Parábola, ele jamais abandona os seus aos dentes vulpinos dos inimigos.

O *líder*, porém, não é só o comandante na hora de combate: ele é também o intérprete, o expoente, o órgão autorizado daqueles que dirige.

Tal é, em geral, em seu aspecto superior, a função do *líder*, mormente em as novas sociedades ibero-americanas.

A condição de vida e estabilidade destas repúblicas está no regime de uma opinião pública sábia e esclarecida, e este regime não pode florescer sem o influxo de uma *leadership* sábio, prudente e autorizado. Nas democracias liberais, como as da América do Sul, onde se procura a solução dos problemas sociais através de uma discussão, o *líder* torna-se uma necessidade fundamental, para dirigir a discussão e alcançar uma solução desejável.

No desempenho de suas funções, ele deve possuir certas qualidades indispensáveis: intuição clara, lúcida e culta inteligência, firmeza de caráter, e perseverança de vontade, ao lado de um espírito eminentemente prático e conciliador, são qualidades primordiais, as quais o habitam a compreender as situações e a resolver de pronto os problemas, que a seu critério se apresentam de contínuo no curso da execução de um programa que deve ser definido.

É evidente, entretanto, que as condições atuais da sociedade na América Latina não são favoráveis à existência de um verdadeiro *leadership*, e, conseqüentemente, ao surto de um verdadeiro *líder*.



As seguintes causas gerais podemos, provavelmente, atribuir a esse fenômeno.

A mais importante é, sem dúvida, a instabilidade moral e social das democracias do Sul. Esta instabilidade de espírito é, plausivelmente, em grande parte, devido ao conflito das raças, cujo caldeamento não tem ainda conseguido fixar um tipo nacional de caráter físico e moral definitivo.

O caráter ibérico, arrojado e aventureiro, fusionando com o gênio nômade e suspeito do indígena, e com a sentimentalidade africana, dar-nos-á, talvez, a chave dos problemas sociais da América do Sul.

O conflito dessas correntes étnicas, já agravadas por certos fatos da vida religiosa do povo e por correntes imigratórias, produz certa confusão ou perturbação de ideias e sentimentos, que aumenta grandemente as dificuldades para aqueles que buscam dirigir a opinião pública na realização de altos propósitos.

Ao lado deste fator étnico, um outro aparece que podemos chamar de psicológico, a saber, a ausência de nobres ideais. Parece ser isso o característico universal dos tempos que correm.

O industrialismo, a prosperidade material, as riquezas e o conforto da civilização moderna têm despertado uma verdadeira fome e sede de prazer, o sensualismo pagão da natureza decaída, que sufoca os nobres impulsos para os grandes ideais.



Na loucura do gozo, não há lugar para as nobres cruzadas em prol da infeliz humanidade.

Uma terceira circunstância vem dar intensidade aos fatores antecedentes – é a ausência, em geral, de um sistema de educação adequado à formação de um caráter cívico elevado.

Instáveis e incoerentes, os diversos sistemas de educação nacional, falando geralmente, têm sido insuficientes para fortalecer as nobres e preciosas qualidades de que dotou a natureza o espírito latino.

A todos esses elementos deletérios, entretanto, resiste a plasticidade da raça, que vai assimilando os novos elementos étnicos e se adaptando ao novo meio da livre América.

É manifesto que deve haver uma base religiosa para o futuro avivamento e progresso da raça latina na América do Sul; e, do mesmo modo, é evidente que só o Cristianismo, em sua verdadeira forma bíblica, pode fornecer-lhe base adequada para a grandeza das nações sul-americanas.

O Romantismo, com seu credo misto e flagrante, absolutamente não dará, tal base deve se procurar no Protestantismo evangélico com seu credo puro, com seu espírito, e formas democráticas de governo.



Pouco ou nenhum auxílio trará ao progresso sul-americano um Protestantismo dividido, fragmentado, intolerante e fraco, retalhado pelo espírito de seitas, perpétua pedra de escândalo aos povos latinos.

A raça saxônica, individualista, forte, autossuficiente em seu exclusivismo, pode acomodar-se ao individualismo de sua histórica organização religiosa, mesmo quando essa organização se fragmenta em grupos francamente sectários.

A raça latina, porém, social, afetiva, com sua pronunciada tendência coletivista, com dificuldade se adaptará a esse individualismo sectário. O que, na diversidade de denominações, se mostra ao espírito analítico saxônico como uma manifestação de força e lealdade aos princípios, ao espírito sintético latino parece antes uma expressão de fraqueza, de egoísmo, de incapacidade a larga compreensão da unidade cristã.

Porém, enquanto lutamos pelo advento de um Cristianismo genuíno em seu credo e em sua organização, estudemos mais de perto a necessidade de líderes, as dificuldades que eles, em matéria religiosa, devem encontrar no atual meio evangélico das repúblicas do Sul.

Em quase todos os países da América do Sul, agremiam-se multidões à voz do missionário, que é o líder primitivo das igrejas nativas.

Após 50 anos de evangelização, era tempo que a voz do líder nativo se fizesse ouvir convocando os irmãos em torno da bandeira do sustento próprio e de autonomia na obra de evangelização, o que é, de fato, o grande escopo da obra missionária.

Há, porém, falando de modo geral, um angustioso silêncio das várias denominações. A consequência é a ameaça de perpetuar-se um certo parasitismo missionário. Na falta de verdadeiros líderes, surgem caudilhos ou líderes incompetentes que perturbam o trabalho.

Nesta situação, dissipam-se energias, cauterizam-se consciências, multiplicam-se divisões e seitas, alastram-se a anarquia e o descontentamento, e ameaçam-nos o pessimismo e a morte.

Para evitar tão desastrosos resultados do atual regime no movimento crescente das comunidades evangélicas da América do Sul, há urgente necessidade que surjam, dentro e fora do ministério, verdadeiros líderes, prudentes e capazes de refrear o nascente espírito de demagogia eclesiástica, que é a perversão daquela liberdade com que Cristo nos fez livres.

Em todas as épocas, o Espírito do Senhor tem usado homens escolhidos para dar coesão e impulso à liberdade de seus filhos e reprimir os filhos de Belial. Pouco importa o meio pelo qual são chamados esses instrumentos, desde que a missão seja a mesma.



Eram chamados profetas da Velha Dispensação; apóstolos no princípio da Nova; bispos, doutores, reformadores mais tarde; em nossos dias preferem chamá-los líderes. Com o decorrer dos tempos, o Espírito varia o modo de sua operação, porém conserva nos instrumentos a mesma função – a do pastor que guia o seu rebanho, a do general que acompanha as suas hostes, a do líder que reúne e disciplina o seu povo, e o impede ao campo da ação.

Nas condições atuais da América Latina, é necessário que o líder seja, especialmente, um homem de Deus; sem ambição, sem vaidade e veleidades pessoais, não somente diligente, ativo e prático em enfrentar e resolver as dificuldades de momento, mas também previdente e de largas vistas, capaz de apresentar a seus correligionários, não a vista estreita de um combate, mas a visão larga de uma campanha.

Há, de fato, nas presentes condições morais da América Latina e no presente regime de trabalho evangélico, embaraços reais e sérios à chefia moral de nativos líderes, embaraços que convém explanarmos para nosso governo futuro.

Nesta parte de meu discurso, sou forçado a tirar lições de minha própria experiência; espero, entretanto, que os irmãos vejam, em minha exposição, o sincero desejo de oferecer, com franqueza, ensinamentos sem qualquer referência pessoal.



Atravessamos manifestamente um período de transição, e as lições que pudermos colher de real, deverão apressar o advento do ideal, pelo qual todos suspiramos e oramos.

As observações dos fatos levar-me-ia a predizer que, no atual estado das coisas, os verdadeiros líderes, que se levantassem, passariam pelas seguintes experiências.

Como Moisés e Arão, veriam levantar duas fortes correntes de oposição contra si: a murmuração pronta da multidão mista, oriunda do Egito, e o espírito que dominou Coré, Dathan e Abiron.

Em virtude destas correntes, o homem que dirigir qualquer movimento de autonomia, emancipação ou independência será desde logo suspeitado de ser um ambicioso, arrogante, inimigo dos missionários, ingrato, nativista.

Sendo assim denominado pelos seus concidadãos, é natural que os missionários sejam inclinados a crer que se trata de um caso patológico de nacionalismo, e tanto mais que é isto uma epidemia dos tempos, mormente na América do Sul, onde o espírito ibérico ostenta seu entusiasmo patriótico contra o comercialismo industrial de invasão estrangeira.

Os *boards*, por sua vez, não poderão deixar de adotar, como mais plausível, esta interpretação mais caridosa do movimento nativo, interpretação naturalmente



confirmada pelos próprios representantes, que visitam e estudam o campo missionário e sua situação.

Animados e fortalecidos por tão respeitáveis elementos, os membros da oposição redobrarão o zelo e a coragem; mais tensas tornar-se-ão as relações entre os partidos, mais profunda a separação, e, cercados de uma atmosfera envenenada, eles cavarão um cisma moral no seio da Igreja.

No conflito contra o bloco dos opositores, o líder e seus seguidores serão naturalmente reduzidos a migalhas, se o Senhor em sua Providência não vier em auxílio deles. Parece ser este o fatal dilema apresentado ao líder sul-americano nas presentes condições de nosso trabalho.

Se tal sorte é realmente reservada a qualquer movimento atual de autonomia, será bom sugerir certas medidas que possam abrir o caminho para o advento de homens de mérito real, a quem o Senhor se digne levantar na Igreja, os quais venham a ser os humildes precursores do surto da raça latina no desempenho de sua missão na América do Sul.

Antes de tudo, o campo deve estar francamente aberto ao líder nacional. Todo o organismo para que possa viver e desenvolver exige espaço, ar e luz. O líder não exige nada mais.



Será conveniente, em nosso atual regime de trabalho, dar ênfase a certas verdades, a fim de que não embaracemos a realização de aspirações naturais que, futuramente, possam acaso achar em líderes escolhidos órgãos naturais de expressão.

Para isso, será oportuno, creio, as seguintes observações:

1. O grande número de ministros, insuficientemente preparados e apressadamente lançados ao ministério para serem sustentados pelas Missões, será um duplo embaraço a qualquer movimento de independência financeira.
2. Um tal processo significa a perpetuação do regime parasitário, que atrofia e mata. Algumas medidas prudentes devem ser adotadas desde logo para lançar sobre os ombros da Igreja o sustento do seu ministério. Falando em geral, um ministério mantido pelos missionários será um elemento de natural antipatia para com qualquer movimento viril de independência, e tanto mais quanto maior for o número de ministros e menor o seu preparo.
3. Enquanto não houver fortes laços de natural dependência entre a Igreja e o seu ministério, o líder nacional será coisa difícilíssima.
4. Também é necessário que os missionários cheios de espírito e sentimento de João Baptista velem e trabalhem ansiosamente pelo tempo em que pos-



sam ocupar um lugar na retaguarda e considerar-se os amigos, conselheiros e paraninfos da nascente Igreja.

5. Embora o problema da educação pertença proeminentemente à Igreja nativa, é evidente que as missões, sem nenhum perigo sério de cultivar o espírito parasitário, podem cooperar, com grande vantagem, na educação dos filhos da Igreja, de onde deverão sair os líderes.

O colégio evangélico e o instituto teológico são duas importantes instituições, que, sabiamente organizadas e dirigidas, não poderão deixar de fornecer à sociedade civil e à religiosa homens hábeis, de tempera heroica e elevado espírito, que serão a esperança das populações sul-americanas.

E, para aumentar a plausibilidade de uma tal perspectiva, é importante que haja, nesses dois tipos de instituição educativa, uma cordial cooperação de todas as denominações evangélicas do respectivo país, e isso não só por causa de maiores recursos financeiros e docentes, senão também por causa do benéfico efeito moral que de tal cooperação resultará. A união de esforços produzirá união de corações, comunhão de sentimentos e, além disso, um tipo elevado de líder latino.



Se, desse modo, dermos à mocidade de nossas igrejas lugar para crescer, ar puro e luz solar, veremos erguer-se varões d'escol, fortes no Senhor, belos em os nobres traços de uma nativa virilidade, para abrirem à raça malfadada deste continente as portas de um novo e grande mundo.

A voz de Deus, falando através de 50 anos de experiência, proclama aos apóstolos de todas as denominações da América Latin que sua obra será semelhante ao tonel das Danaides, a menos que não consigam levantar verdadeiros líderes, homens capazes de, sofrendo espíritos revoltosos, reunir em torno de si os bons, mostrando-lhes o caminho da cruz e consagração ao serviço do Senhor, e levando-os à realização do nobre e divino programa das missões evangélicas.

Cinquenta anos estão, de fato, diante de nós, dando solene aviso às missões estrangeiras e às igrejas nativas de que, na grande obra da evangelização deste vasto continente, teremos, como Sísifo da fábula, de rolar perpetuamente a pedra ao topo da montanha, se, por nossa orações e esforços, o Espírito do Senhor não se dignar a levantar, dentre nossos filhos, verdadeiros líderes à sua Igreja.



O poder vital e conquistador do Cristianismo como realizado e mantido¹

Álvaro Reis (1864-1925)

Pastor da Igreja
Presbiteriana do Brasil,
fundador do jornal *O
Puritano*, pastoreou a Igreja
Presbiteriana do Rio de
Janeiro de 1897 a 1925.

Tradução: Jorge Luiz
Patrocínio



O poder vital do Cristianismo é demonstrado, em primeiro lugar, pela iluminação da mente do indivíduo, revelando ao intelecto o estupendo fato de que Deus não deseja vingar-se do ímpio, mas, ao contrário, Ele anseia a conversão e a transformação do pecador pela fé em Jesus Cristo.

Entretanto, o Cristianismo não é satisfeito com a iluminação da mente através da proclamação da Verdade – Verdade que revela ao homem o seu maldito estado de pecado e miséria. O Cristianismo demanda mais, muito mais. Pelos meios da Verdade que ilumina, convence e li-

1 Pregado diante do Congresso do Trabalho Cristão, em 18 de fevereiro de 1916. Originalmente publicado em inglês no *Christian Work in Latin America*, Cooperation and the promotion of unity, volume III, New York, The Missionary, 1917.



berta a razão, o Cristianismo afeta a regeneração do espírito e a santificação progressiva do coração, junto com a santificação do corpo e da vida em todas as suas relações; ou, em outras palavras, o Cristianismo constrói caráter.

Nesse grandioso fato da vida transformada, temos o milagre inicial testificando o poder maravilhoso do Cristianismo. Somente o poder infinito pode dar vida ao homem morto em delitos e pecados, e fazê-lo viver, a partir daí, uma vida de santidade, dedicada ao seu semelhante e para a honra e glória de Deus.

Em segundo lugar, pela conversão e regeneração do indivíduo, o Cristianismo entra na família – a primeira célula do organismo social – tornando-se o seu elemento salvador. Pela influência do Cristianismo, a poligamia foi substituída pela monogamia, como antes no estado de inocência do homem: a mulher foi dignificada e elevada do servil estado de escravidão para a bela e soberana posição de esposa, mãe e rainha do lar. Sob as suas benignas influências, a tirania do homem no lar deu lugar ao governo mútuo do esposo e da esposa: o casamento se tornou santificado pelo amor cristão e pela fé cristã, e, em obediência a Lei de Deus – a sublime fórmula pela qual amamos a Deus de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força, e ao próximo como a nós mesmos –, a vida doméstica tornou-se santa. Sobre o pêndulo santificador desta Lei divina do amor, os filhos,



libertados da discriminação odiosa entre os sexos, se tornam os frutos legítimos do amor conjugal, reforçando a relação matrimonial, abençoados de Deus na perpetuação e dignificação dos laços familiares.

Nessa influência regeneradora da família – cuja importância não pode ser subestimada – o Cristianismo transforma, de vez, o lar em escola e igreja: em escola, onde as Sagradas Escrituras são estudadas; em igreja, onde os atos santificadores da verdadeira piedade são praticados. E assim, reformando, regenerando e santificando o lar e a família, o Cristianismo foi pavimentando o caminho para as mais abençoadas das revoluções e foi preparando os fundamentos da grande estrutura social pela qual permanecemos hoje em débito com o passado.

Em terceiro lugar, reconhecemos a dinâmica divina do Cristianismo. Assim como o Evangelho destruiu a tirania do lar, dando-lhe a constituição divina da Palavra de Deus, o Cristianismo está destruindo a tirania política, fazendo, assim, nações constitucionais e representativas, e introduzindo-nos aos maravilhosos conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade – coronários do Evangelho.

E não é apenas a tirania na família e nos governos que o Cristianismo destrói: Ele destrói todas as tiranias! Assim o Cristianismo destruiu a tirania da escola, com os seus métodos pedagógicos tortuosos (que fez da escola um tipo de inquisição)



e a transformou em um verdadeiro jardim de infância, que deveria estabelecer de forma ampla e profunda os fundamentos da civilização e garantir seu futuro desenvolvimento.

O Cristianismo, através de seu poder revitalizante, depois de destruir a tirania na família e no poder civil, também destruiu a tirania na sociedade. Os povos pagãos nunca aprenderam como mitigar, ou mesmo simpatizar-se, de uma forma prática, com os pobres, os iletrados, os miseráveis, os órfãos e as vítimas das doenças incuráveis e contagiosas. No entanto, sob a inspiração da gloriosa doutrina da paternidade de Deus e o seu coronário da irmandade do homem, o Cristianismo colocou em prática este amor pregado do homem para com o seu semelhante e, assim, entrou em uma empatia nova e útil com qualquer tipo de sofrimento humano. Os cristãos uniram-se primeiro para ajudar o pobre (Atos 4:32-37; 5:4-16) e depois fundaram sociedades para proteger o doente e o perseguido, para manter escolas, hospitais, orfanatos e asilos; e eles fundaram instituições de proteção, instrução e cura em todas as suas diversas fases. Finalmente, o Cristianismo, armado com a oração do Senhor, com os sentimentos da humanidade que ressaltou, e pregando que Jesus Cristo é o único Redentor dos pecadores, destruiu a escravidão – este pesadelo que por tanto tempo tem encurvado as



costas de toda a raça e manchado de carmesim todas as páginas pretéritas de sua história.

Ah! Apesar de o Cristianismo beneficiar o indivíduo regenerando o seu caráter; apesar de beneficiar a família dignificando a mulher e santificando o fruto de seu ventre; apesar de beneficiar as nações ao abolir a tirania política; apesar de beneficiar a mente libertando-a das paredes prisionais da ignorância; apesar de beneficiar as escolas libertando-as dos métodos pedagógicos tiranos e inquisitórios; apesar de beneficiar a humanidade praticando o amor filéu – nutrindo a infância, socorrendo o ancião e aliviando todas as formas de sofrimento humano –, o Cristianismo também alcançou o seu alvo social supremo – *O, gloria in excelsis, gloria!* – quando alcançou para a humanidade a plena liberdade da consciência: a liberdade religiosa completa.

Sim, todas estas conquistas e liberdades gloriosas que constituem as fibras da civilização do século XX foram incontestavelmente conquistadas e alcançadas pelo poder revitalizante do Cristianismo. E, em reconhecimento a este fato, alguns historiadores, como Cantu e Antônio Ennes, declaram com convicção que “os séculos têm sido transformados passo a passo levando ao trono de Jesus Cristo, o verdadeiro fundador do Reino de Deus”.



E quando alguém duvida desta verdade eloquente? Precisamos apenas apontar de forma silenciosa para as pessoas que ainda não foram alcançadas por este conhecimento revitalizante e santificador de Cristo.

Estas pessoas ainda habitam na “região da sombra da morte”. A noite de sua existência é como o céu enegrecido sem estrelas. Ainda reina entre elas o absolutismo supremo, a poligamia, a escravidão, o analfabetismo, o vício e a miséria física e moral em todos os seus disfarces hediondos. Os seus deuses são por certo de madeira. O seu culto ainda consiste em estupefaciente fetichismo e idolatria insensata.

Mas – *sursum corda*² – apenas um momento e entre eles se repetirá o milagre da transformação da Grécia e de Roma. Quando o Sol da Justiça nasceu, suas pequenas estrelas cintilantes, que tinham lutado tanto com a escuridão de seus falsos deuses e religiões vãs, empalideceram e foram engolidas pela refulgente glória do novo dia.

Irmãos em Cristo Jesus: Deus e o Cristianismo são os mesmos ontem, hoje e para sempre. Toda essa nascente crescente de bênçãos teve sua origem na manjedoura de Belém. Lá, em sua frente, encontra-se o Filho do Carpinteiro,

² “*Sursum Corda*” é uma expressão latina que significa “corações ao alto”, e a resposta em latim “*Habemus ad domini*” significa “já os temos com Deus”.



Ele mesmo um Carpinteiro! Este Trabalhador Divino cercou-se de homens humildes e analfabetos; e este grupo, batizado pelo Espírito Santo, iniciou as reformas mais gloriosas, sagradas e eternas: a regeneração da humanidade. E por qual poder estes homens foram capazes de realizar esta tarefa estupenda? Simplesmente contando as Boas Novas – a simples história da cruz! Sobre a influência de nenhuma mágica, mas pelo poder revitalizante e conquistador do Evangelho, três mil pessoas foram salvas no primeiro dia; mais tarde, cinco mil, e a partir daí multidões. E quanto maior era a perseguição, mais rapidamente espalhava-se esta chama santa!

E aqueles Galileus rudes e desprezíveis foram transformados nos maiores reformadores que a raça humana já produziu!

Pode a imaginação conceber um milagre maior da graça revitalizante e conquistadora? Não esqueçamos que esta vitória sobre a coisa mais difícil para conquistar no universo – o coração humano – foi conquistada pela pura e simples pregação do Evangelho. Na verdade, irmãos, o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que nEle crê. E há o fato de que este milagre tem se repetido incontáveis vezes ao longo das gerações; e a menos que ele não tivesse sido forjado em minha alma, eu por certo não estaria aqui.



Às vezes me bate uma tristeza quando contemplo o rebanho que pastoreio. Quão poucos homens ilustres estão lá! Quão poucas mulheres famosas! Quão poucas pessoas ricas e de influência estão lá! A maioria é composta de pobres e ignorantes.

Mas, acima de tudo, onde o arquiteto começa a sua grande estrutura? Ele começa nas alturas? Não precisa ele lançar as bases na terra de forma profunda se planeja erguer os pináculos até as nuvens? E, ainda, com que material ele começa? Não é com o rústico e grotesco granito? As colunas imponentes de mármore esculpido e belos mosaicos devem ser adicionadas mais tarde; pois nunca são usadas na fundação.

Pois sim, da mesma forma o Arquiteto Divino molda! O pobre Carpinteiro de Nazaré, quando os fundamentos do monumento mais glorioso de todos os tempos foram lançados, descendeu à maldita ignomínia da Cruz, à companhia dos malfeitores, ao inferno do abandono por Deus. Mas em tal fundação que Ele assentou a Rocha Eterna, primeiro os discípulos construíram sobre ela, e então Paulo, Barnabé, Lucas e seus companheiros na Obra.

Depois os grandes apologistas, os profundos teólogos e os comentadores inspirados, os pregadores eloquentes, todos estes construíram suas vidas no Majestoso Templo que está erguido sobre esta fundação e que, a cada ano, cresce mais



esplêndido e vasto, e continuará a crescer da mesma forma até que todo mundo venha a adorar nestes preceitos sagrados e toda a terra seja cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar.

Irmãos, o Evangelho com seu poder revitalizante e conquistador está operando hoje milagres tão esplêndidos como os que adornam o passado.

O que se segue aconteceu no Rio de Janeiro:

Há alguns anos, um sapateiro comprou um pão na padaria; o papel usado para embrulhar o pão foi um jornal cristão semanal chamado *A Imprensa Evangélica*. Aquele humilde trabalhador leu o jornal, foi ao culto evangélico, se converteu, fez a sua confissão de fé e decidiu estudar. Primeiro, ele se preparou para ser um escriturário e, então, um professor; a seguir, ele casou-se e foi estudar para ser um ministro. Sua esposa, que publicou um livro notável, deu-lhe cinco filhos. Um se tornou Ministro do Evangelho, um literário homem das Letras, outro se tornou engenheiro civil, outro se tornou um médico, outro se tornou um advogado e o mais jovem, um brilhante professor. O ex-sapateiro tornou-se o centro de uma brilhante constelação! O Evangelho, com o seu poder revitalizante e conquistador, alcançou naquele humilde trabalhador o que milhões de dólares são geralmente incapazes de alcançar para os que os possuem.



Em 1864, na cidade de São Paulo, dois funcionários se converteram. Ao invés de trabalharem no domingo, eles perderam seu trabalho. Mais tarde, sentiram-se chamados ao ministério do Evangelho. Um, Miguel Gonçalves Torres, além de se tornar um pregador eloquente e autor de livros, tornou-se uma grande bênção para a causa da educação pública no Brasil ao publicar livros de matemática, iluminando, assim, para a posteridade brasileira, a tarefa que tem sido desnecessariamente difícil aos métodos anticientíficos previamente empregados pelas escolas.

Na verdade, a graça revitalizante e conquistadora do Cristianismo são ilimitadas. Quase todos os Ministros da Igreja Presbiteriana no Brasil vieram das caminhadas mais pobres da vida e hoje são homens de cultura e influência. Mas o seu principal título de nobreza não se fundamenta nos seus livros – marcando épocas como alguns deles devem fazer, por exemplo, a Gramática Expositiva do Rev. Eduardo Carlos Pereira, que é um delegado deste congresso – e sim no seu trabalho de regeneração e transformação do indivíduo e o caráter nacional.

É maravilhoso ver a transformação que o Cristianismo tem produzido entre os membros da minha Igreja no Rio de Janeiro durante estes 19 anos que tenho servido como seu pastor. Muitos de seus jovens funcionários, trabalhadores e estudantes de 19 anos atrás são hoje comerciantes, professores, oficiais do exército e



da marinha, diretores de grandes empresas, homens de posição social; e não poucos deles têm alcançado a mais alta posição que um homem pode alcançar neste mundo, a saber, de Embaixador do Rei dos reis, o Deus da glória. Desde 1900, minha Igreja não tem estado sem seminaristas e hoje mesmo temos quatro candidatos. Apenas no último ano, um de nossos jovens, filho de um pobre cozinheiro, foi ordenado. E esse esplêndido rapaz tem feito um excelente trabalho no púlpito e na imprensa. A natureza não progride por saltos, mas o Evangelho avança constantemente, operando maravilhas, porque é o poder e a sabedoria de Deus na realização de seu amor misterioso pelo pecador.

Em minha opinião, se no Brasil há uma população iletrada de 60%, na Igreja Brasileira Evangélica, esta percentagem não seria mais do que 10%.

No começo da propaganda Evangélica no Brasil, quando era perguntado: “Quem são os Protestantes?”, a resposta era geralmente: “Eles são os estratos mais baixo da sociedade, o pobre, o ignorante”.

Mas foram as escolas Evangélicas que transformaram a instrução pública no Brasil! Os filhos daquelas mesmas pessoas humildes – os pobres, os ignorantes – estão ocupando os lugares mais altos. E tais homens, como Dr. José Carlos Rodrigues, escolhido recentemente, pelos Estados Unidos da América, juiz



internacional, deu um testemunho entusiasmado sobre os Ministros nativos como homens de grande caráter e mérito real.

Irmãos, o trabalho evangélico no Brasil e em toda a América Latina é o mais difícil em todo o mundo porque este povo, religiosamente falando, não é nem quente nem frio, mas morno. Eles estão, portanto, em uma condição espiritual triste de acordo com a Palavra de Deus: mas por quê?

Os povos latinos se dirigiram para dentro desta atitude apática em relação à religião possuindo o nefasto treinamento jesuíta, o que tem feito com que eles se tornem estranhos à fé Evangélica simples. Por causa do culto comercializado e da vida licenciosa dos sacerdotes, o povo tem se tornado indiferente ou francamente ateísta. Uma aversão anunciada por livros religiosos os caracterizam.

Não é porque a Igreja Romana nunca fundamentou suas propagandas na Bíblia? A Igreja Romana semeia os rosários, as verônicas, os selos de Salomão, os amuletos, as relíquias, as imagens e esculturas, e colhe a colheita natural da ignorância e superstição.

A religião Cristã é propagada com a Bíblia aberta, lida e ensinada ao povo.

Os sacerdotes romanos, no entanto, declaram que nossas Bíblias são falsas e que é perigoso ler a Palavra de Deus. E qual é o resultado?



Estas pessoas, mesmo vivendo em completa ignorância e contradição com o Evangelho, chamam a si mesmas de Cristãos.

Inquestionavelmente, a propagação do Evangelho não é fácil de alcançar em nenhuma parte do mundo, mas certamente é muito mais difícil entre os Cristãos nominais do mundo latino.

Mas é a obra de Deus! E Deus é onipotente.

A marcha do Cristianismo Evangélico na América Latina tem parecido lenta. Mas tenho fé que rapidamente – e o mais cedo por causa deste Congresso – nós colheremos uma colheita Pentecostal do cultivo cuidadoso dos últimos 50 anos, que atestará que o Cristianismo é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Observem que os campos já branquejam com a promessa de uma produção abundante.

Irmãos, inspirados pelo Espírito Santo e possuídos de uma fé que espera grandes coisas de Deus, é necessário que os corações transbordem de amor por nossos colegas, que não nos cansemos de fazer o bem e que estejamos sempre prontos para seguir o caminho conquistador da glória da Cruz de Jesus Cristo.

E como podemos perceber esse poder revitalizante e conquistador do Cristianismo? Como podemos conservá-lo e utilizá-lo?

À luz da história da Igreja e de muitas experiências pessoais, eu declaro que o poder do Cristianismo, que opera maravilhas no indivíduo, na família e na sociedade, não é encontrado na ciência, na filosofia, na literatura, na arte e nem mesmo na crítica radical; mas apenas no Evangelho simples da Paternidade universal de Deus e irmandade do homem. Esse poder é inerente à Cruz de Cristo e se torna um poder revitalizante nas vidas dos homens quando o pregamos com o espírito de devoção a Deus e bem-estar do homem. Esse poder é inerente à fiel pregação do Evangelho, o coração latejante de que é Cristo e Cristo crucificado; e mesmo Paulo não alcançou a mais sublime altura da devoção Cristã do que quando ele mesmo escreveu: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”.

40

Irmãos, por mais difícil que possa parecer para o indivíduo, para a família e para a humanidade, há apenas uma esperança viva que conquista e santifica: é Jesus Cristo, crido, amado, obedecido, como revelado no Evangelho.

O Evangelho desfigurado – sim, vilipendiado – pelo racionalismo, pela crítica destrutiva, pelo sectarismo e pelo Romanismo pode casar-se com o mundo e se tornar mundano. Mas este “Outro Evangelho” não terá poder para revitalizar e



transformar o caráter. Pelo contrário, deixa a humanidade mais impotente na areia movediça da hipocrisia e do egoísmo!

A conflagração europeia é o resultado direto de um Cristianismo tão corrupto que se torna essencialmente anticristão. E a condição moral e política dos povos latinos é diretamente traçada pela prevalente religião pervertida entre eles.

Falo da experiência de 30 anos de lutas: há apenas um caminho para conquistar e preservar as almas para Cristo, isto é, a pregação do Evangelho em sua simplicidade devida e sublime! Preguemos este Evangelho a qualquer custo e o resultado inevitavelmente será a conquista não apenas dos povos latinos, mas do mundo inteiro para Cristo.



Os apelos de Cristo aos homens pensantes¹

ErasmO Braga **(1877-1932)**

Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, educador, professor no Mackenzie College e no Seminário Presbiteriano, escritor, fundador, junto com Álvaro Reis, do jornal *O Puritano*.

Tradução: Alderi Souza de Matos



Em primeiro lugar, eu gostaria de chamar a atenção para o fato de que vivemos em uma era intensamente prática e que estamos buscando resolver os problemas da vida e apreender as grandes verdades que nos preocupam a partir desse ponto de vista do prático. Exatamente agora, todos os olhos estão se voltando para a América Latina e todos estão indagando ansiosamente como os latino-americanos irão se defrontar com esses problemas que surgem nos dias atuais. Pela primeira vez na história, estamos sendo confrontados com muitas das gran-

1 Apresentado ao Congresso do Panamá na noite de sexta-feira, 11 de fevereiro de 1916. Originalmente publicado em inglês no *Christian Work in Latin America*, Cooperation and the promotion of unity, volume III – New York, The Missionary, 1917.



des verdades e dos grandes problemas da vida humana; e as pessoas da América do Sul estão iniciando essa tarefa com a esperança e a expectativa de que possam lançar mão das novas verdades e, como outros que as tem encarado, possam resolvê-las de alguma maneira que lhes trará grande proveito. Além disso, eu acrescentaria que, quanto ao auxílio de que as pessoas da América Latina necessitam para enfrentar esses problemas, seus olhos estão se voltando mais e mais para a América do Norte em busca de simpatia e liderança.

Eu também gostaria de chamar a atenção para o fato de que, nesse processo de tratar os problemas modernos da vida, os homens estão buscando classificar e analisar as informações que têm sido reunidas, para que, assim, possam fazer o uso mais amplo possível, quando tiverem realmente apreendido a verdade, daqueles resultados que estão sendo alcançados por esse processo intelectual. Tudo isso tem trazido vantagem pessoal ao indivíduo. Ele está colhendo grandes benefícios em seu próprio desenvolvimento pessoal, na ampliação de sua visão e em levar os homens a um relacionamento mais próximo com as mentes perspicazes do mundo. No entanto, o indivíduo tem em mente não simplesmente o motivo egoísta do lucro pessoal; ele também procura apreender esse conhecimento e resolver os problemas da vida para o bem da humanidade.



Sabemos que a mente ainda não penetrou nos recessos mais profundos da verdade e que os sul-americanos reconhecem que estão longe de atingir esses recessos profundos, mesmo as profundezas às quais alguns outros têm descido. Mas o processo está avançando rapidamente e está exigindo, diariamente, maiores esforços. Nele, o homem está aspirando conhecer a realidade, conhecer as verdades fundamentais, e essas verdades são reveladas por Jesus Cristo. A retidão e a maneira correta de viver e enfrentar os problemas da vida são reveladas por Jesus Cristo; e é da atitude de Cristo para com a verdade que os sul-americanos necessitam. As classes intelectuais estão olhando para fora e estão agora na atitude de receber essa mensagem de seus irmãos do Norte se eles vierem e lhes mostrarem como Jesus Cristo encarou os problemas da vida. Todos os homens necessitam dessa influência divina, desse auxílio divino. Os sul-americanos estão começando a perceber isso, a perceber mais e mais que não podem resolver esses problemas por seus próprios esforços, mas que devem ter o auxílio que vem somente do Todo-Poderoso.

Jesus fornece a chave para todos esses problemas quando diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Jesus precisa ser o caminho, a verdade e a vida para todos os intelectuais que despertam na América do Sul. Seu ensino e sua doutrina são para o benefício do homem, para a sua própria vantagem pessoal, e, então, eles o



capacitam a prestar aquela grande contribuição, aquele serviço mais nobre à humanidade por meio de Cristo. É isso que apresenta os maiores reclamos às mentes conscienciosas da América do Sul, aos corações e vidas que despertam neste grande continente.



Congresso do Panamá 1916

perspectivas sobre um evento pioneiro

**Alderi Souza
de Matos**

Doutor em Teologia pela Boston University School of Theology (Estados Unidos). Professor de Teologia Histórica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM.

Introdução

O Congresso do Panamá, denominado oficialmente *Congress on Christian Work in Latin America* (“Congresso do Trabalho Cristão/da Ação Cristã na América Latina”), foi um acontecimento inovador, porém, ao mesmo tempo, fortemente controvertido. Poucos anos depois do evento, o Reverendo Herculano Ernesto de Gouvêa, um conhecido ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, criticando os chamados “panamenhos” e referindo-se a um tipo de chapéu usado na época, afirmou: “Panamá em cima da cabeça refresca, mas dentro dela esquentá” (FERREIRA, 1992, p. 245). Em 1919, o Reverendo William Calvin Porter (apud RIBEIRO, 1991, p. 236),



missionário norte-americano de linha conservadora, escreveu: “A Igreja Presbiteriana existiu, cresceu e se fortaleceu como baluarte contra o pecado e a heresia, muito antes que se sonhasse em Congresso do Panamá, e creio que ela não desaparecerá, mesmo quando não se conformar com a vontade do Panamá”.

O principal motivo dessas reações apaixonadas foi a ideia da extinção do Seminário Presbiteriano, sediado em Campinas, com vistas à consolidação da Faculdade Teológica das Igrejas Evangélicas do Brasil, mais conhecida como Seminário Unido do Rio de Janeiro, um resultado das propostas do congresso. Reagindo contra isso, o mesmo Reverendo Herculano discursou em 1920: “Panamá desorientou os *leaders* das grandes ideias... Os balanços do oceano barafustam, emaranhando-as, as ideias de pensadores escoteiros de prudência, ermos do supremo, do verdadeiro ideal do cristianismo” (GOUVÊA, 1920, p. 3s). Para compreender melhor o impacto tanto negativo quanto positivo desse importante evento centenário, é fundamental considerar alguns aspectos de sua realização.

Antecedentes

O século XIX e a primeira metade do século XX constituíram o período de maior dinamismo das missões protestantes ao redor do mundo. Em consequência



desse enorme esforço expansionista, desde meados do século XIX, realizou-se uma longa série de conferências missionárias interconfessionais nos dois lados do Atlântico Norte, mais especificamente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. O último e mais grandioso desses eventos foi a Conferência Missionária Mundial, realizada em Edimburgo, na Escócia, em 1910, que é considerada o berço do moderno movimento ecumênico. O Congresso do Panamá foi um herdeiro desses desdobramentos.

Apesar de sua enorme abrangência, a Conferência de Edimburgo ficou conhecida por uma grande omissão. Por insistência de sociedades missionárias alemãs e anglicanas, que não viam com bons olhos o trabalho de missões evangélicas estrangeiras em seus países, foram convidadas para participar da conferência somente as organizações missionárias que atuavam entre “povos não cristãos”. A partir disso, a proposta oficial do encontro ficou assim determinada: “Para considerar problemas missionários em relação ao mundo não cristão”. Isso implicou a exclusão das missões que atuavam na América Latina, considerada um continente já cristianizado, exceto aquelas que trabalhavam entre indígenas pagãos (LATOURETTE, 1986, p. 357; HOGG, 1952, p. 120). Um exemplo de reação a essa exclusão foi o livro do Reverendo Samuel Rhea Gammon, *The Evangelical Invasion of Brazil*, no qual o conhecido missionário e diretor do Instituto Evangélico de Lavras, no sul de



Minas Gerais, defendeu a legitimidade e a necessidade das missões protestantes no Brasil (GAMMON, 1910).

Diversos indivíduos que trabalhavam na América Latina compareceram à Conferência de Edimburgo, não como delegados, mas na condição de visitantes e observadores. Durante a conferência, Robert Elliott Speer (1867-1947), o influente secretário executivo da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (*Presbyterian Church of the United States of America* – PCUSA), mais conhecida como *Board* de Nova York, convidou vários delegados e observadores interessados na América Latina a se reunirem informalmente para discutir as necessidades daquela região. Eles concordaram que essas carências e desafios somente poderiam ser avaliados por um encontro especial das forças missionárias que atuavam na América Latina (HOGG, 1952, p. 131s).

Assim, em março de 1913, realizou-se em Nova York a Conferência sobre Missões na América Latina, com duração de dois dias, sob os auspícios da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte, uma entidade que reunia as juntas missionárias dos Estados Unidos e do Canadá, que atuavam no exterior. Essa conferência de Nova York criou a organização denominada Comitê de Cooperação na América Latina (CCAL), do qual se tornaram dirigentes



Robert Speer (presidente) e Samuel Guy Inman (secretário). Foi esse Comitê que convocou e patrocinou o Congresso do Panamá.

Isso deixa claro que o evento foi, desde a sua concepção, um projeto das organizações missionárias estrangeiras, e não algo idealizado ou reivindicado pelas lideranças evangélicas latino-americanas. Na realidade, desde o início, houve certo descompasso entre as agendas, posições e expectativas dos dois grupos. O congresso acabou causando forte impacto nos círculos protestantes ibero-americanos, sendo acolhido entusiasmamente por muitos líderes e visto com sérias reservas por outros.

O Congresso

O Congresso sobre o Trabalho Cristão na América Latina, mais conhecido, na época, como Congresso da Ação Cristã na América Latina, ocorreu entre os dias 10 e 19 de fevereiro de 1916, no Hotel Tívoli, em Ancon, na Zona do Canal. O célebre Canal do Panamá havia sido inaugurado dois anos antes e estava situado em uma região controlada pelos Estados Unidos, que exerciam crescente influência política, econômica e cultural na América Latina. Essa influência suscitava acusações de imperialismo da parte de muitos grupos no continente, entre



eles a hierarquia católica romana. Alguns anos mais tarde, o Reverendo Matatias Gomes dos Santos, pastor da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, publicaria uma série de artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*, posteriormente enfeixados em livro, sob o título *Bispos e Pastorais ou a Conquista do Brasil pelos Norte-Americanos* (SANTOS, 1928). Um tema frequente na época era o “pan-americanismo”, um movimento que visava criar laços mais fortes entre as nações do continente. Dez anos antes do Congresso do Panamá, havia se realizado no Rio de Janeiro a 3ª Conferência Internacional de Estados Americanos.

No espírito ecumênico e conciliador de Edimburgo, os dirigentes do Congresso do Panamá evitaram hostilizar a Igreja Católica Romana, abandonando o nome originalmente proposto para o encontro: “Conferência Missionária Latino-Americana”. Eles convidaram alguns líderes católicos para o congresso, porém nenhum deles compareceu. O bispo do Panamá proibiu os católicos de assistirem à conferência. Por causa do seu protesto, o governo cancelou a autorização para realizar o evento no Teatro Nacional, na Cidade do Panamá, sendo transferido para a Zona do Canal.

O congresso foi, acima de tudo, um encontro de organizações missionárias do hemisfério norte. Como era de esperar, a representação foi majoritariamente



anglo-americana, e o idioma oficial foi o inglês. Entre os 230 delegados oficiais, 145 residiam na América Latina, mas somente 21 eram latino-americanos natos (BRAGA, 1916, p. 88). A representação do Brasil incluiu vários missionários americanos, como os presbiterianos Cassius Edwin Bixler, Roberto Frederico Lenington¹ e Samuel R. Gammon, o metodista Hugh Clarence Tucker, o episcopal Lucien Lee Kinsolving e John H. Warner, da Associação Cristã de Moços (CHRISTIAN WORK IN LATIN AMERICA, 1917). Compareceram somente três pastores brasileiros, os presbiterianos Eduardo Carlos Pereira, Álvaro Reis e Erasmo de Carvalho Braga, convidados pela Junta Presbiteriana de Missões Estrangeiras, a Junta de Nova York.

52

Poucas horas antes do início do congresso, o Reverendo Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932), jovem e brilhante professor do Seminário Presbiteriano, foi convidado para escrever um relatório sobre o congresso em português. O resultado foi o livro *Pan-Americanismo: aspecto religioso* (BRAGA, 1916), no qual ele descreveu os antecedentes, os objetivos e as atividades do congresso, avaliando os seus resultados².

1 Nascido no Brasil, mas filiado à missão norte-americana.

2 Para uma síntese dessa obra, ver Matos (2008, p. 218-224).



Apesar de, até certo ponto, ser uma reação à Conferência de Edimburgo, o Congresso do Panamá sofreu sua influência direta, inclusive nos nomes das oito comissões que prepararam os estudos preliminares: Pesquisa e Ocupação; Mensagem e Método; Educação; Literatura; Trabalho Feminino; A Igreja no Campo Missionário; A Base Doméstica; e Cooperação e Promoção da Unidade. Os relatórios dessas comissões foram amplamente debatidos em plenário, e alguns deles sofreram modificações devido a reações dos campos missionários.

Robert Speer dirigiu as sessões plenárias, John Raleigh Mott liderou a comissão de expediente e Samuel Inman, que por mais de um ano dedicara todo o seu tempo aos preparativos do congresso, serviu como secretário executivo. John R. Mott (1865-1955) foi um dos mais destacados líderes missionários e ecumênicos da primeira metade do século XX. O congresso foi presidido pelo professor Eduardo Monteverde, da Universidade do Uruguai, membro atuante da Associação Cristã de Moços de Montevidéu.

Esse importante encontro teve algumas ênfases que se mostraram polêmicas, a começar por uma atitude simpática em relação à Igreja Católica Romana, da qual discordaram vários delegados, como Eduardo Carlos Pereira, que, poucos anos mais tarde, escreveu sobre o assunto no livro *O Problema Religioso da América*



Latina (PEREIRA, 1920). O historiador Boanerges Ribeiro (1991, p. 175) considerou essa obra o “relatório da minoria” sobre o Congresso do Panamá. O encontro manifestou forte preocupação ecumênica, não só no âmbito protestante, mas cristão de maneira geral, na linha da Conferência de Edimburgo. Além disso, revelou apreensão por uma teologia mais aberta, acentuando a missão social da igreja e o interesse pelo chamado “Evangelho Social”, que estava em plena efervescência nos Estados Unidos. Isso acabava atenuando a ênfase na evangelização no sentido tradicional.

Quanto ao aspecto positivo, o congresso foi a maior reunião das forças evangélicas latino-americanas até aquela época. Embora tenha sido, de fato, um encontro de juntas missionárias estrangeiras, o evento gerou a primeira discussão em profundidade do protestantismo latino-americano e conseguiu imprimir sobre os participantes a necessidade de maior cooperação em áreas como missões, educação religiosa, literatura e treinamento ministerial.

Pablo Alberto Deiros (1992, p. 716, 718), pastor batista em Buenos Aires, observa que o congresso marcou uma importante transição no entendimento da missão evangélica no continente – de uma expansão espontânea e inarticulada para um trabalho orgânico e planejado. O Comitê de Cooperação na América Latina recebeu a tarefa de dar cumprimento às recomendações do congresso e, desse



modo, perpetuar o esforço cooperativo. Estimulou a organização de comissões cooperativas regionais em vários países do continente. Algumas das propostas mais importantes para as igrejas evangélicas latino-americanas foram: evangelização das classes cultas, educação teológica unificada de alto nível, ênfase na dimensão social do evangelho e promoção da unidade protestante.

Eventos posteriores

Logo após o congresso, delegações nomeadas promoveram conferências regionais no Peru, Chile, Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba e Porto Rico. O objetivo desses encontros foi promover o espírito cooperativo do Congresso do Panamá e divulgar as suas recomendações. A Conferência Regional do Rio de Janeiro foi realizada na Igreja Presbiteriana da Rua Silva Jardim, pastoreada pelo Reverendo Álvaro Reis, e que, na época, era a maior congregação evangélica local em todo o continente. Anos mais tarde, foram realizados dois grandes encontros congêneres para dar continuidade ao programa do Panamá: em 1925, o Congresso da Ação Cristã na América do Sul, em Montevideu, e, em 1929, o Congresso Evangélico Hispano-Americano, em Havana (MATOS, 2008, p. 211-214).



No Brasil, a reação inicial das igrejas diante da agenda do Panamá foi muito animadora. Ainda no final de 1916, vários líderes reunidos no Mackenzie College, em São Paulo, criaram a Federação Universitária Evangélica, que deveria associar as instituições educacionais secundárias e superiores das diferentes denominações históricas (SANTOS, 1916, 1917). Na mesma ocasião, o Reverendo Eduardo Carlos Pereira propôs a criação de um seminário unido para as igrejas evangélicas, o que ocorreu oficialmente em agosto de 1917, embora as aulas só tenham começado em 1919, na igreja do Reverendo Álvaro Reis.

Em 1917, foi criada uma sucursal do Comitê de Cooperação na América Latina para o Brasil, a Comissão Brasileira de Cooperação, reunindo presbiterianos, presbiterianos independentes, metodistas, congregacionais e episcopais (MATOS, 2008, p. 229-243). O principal líder dessa importante instituição veio a ser o Reverendo Erasmo Braga. Em 1918, ele se tornou o secretário de literatura e, a partir de 1920, exerceu por 12 anos a função de secretário geral, até o seu falecimento em 1932.

Outras entidades cuja fundação foi inspirada pelos ideais do Congresso do Panamá foram: a Missão Evangélica Caiuá (1928), instalada no ano seguinte em Dourados, Mato Grosso; o Curso Universitário José Manoel da Conceição (1928), localizado em Jandira, nas proximidades de São Paulo; e a Confederação Evangélica



do Brasil (1934), que resultou da união entre a Comissão Brasileira de Cooperação, o Conselho Nacional de Educação Religiosa e a Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil. O Instituto de Cultura Religiosa, fundado pelo Reverendo Miguel Rizzo Júnior em 1938 e voltado para a evangelização das camadas mais instruídas da população, também foi inspirado por esse movimento (GONÇALVES, 1991).

O Congresso do Panamá de 1916 é hoje um evento quase esquecido. Todavia, foi muito importante na trajetória do movimento evangélico na América Latina. Discutiu questões que até o presente são relevantes e deixou um legado significativo, principalmente no âmbito institucional. As interpretações do congresso têm sido variadas. Luiz Longuini Neto (2002, p. 92-97) acredita que o evento criou um novo paradigma para as missões protestantes na América Latina, observando um elemento de ruptura em relação a ênfases anteriores. Porém, há também um aspecto de continuidade e aprofundamento em muitas das preocupações do Panamá, como as questões da unidade e da cooperação evangélica, que já vinham sendo buscadas ativamente muito antes do encontro, inclusive no Brasil³.

3 Sobre isso, ver o relatório de Samuel Gammon em Reily (1993, p. 248-250), mostrando que há um bom tempo os protestantes brasileiros, especialmente presbiterianos e metodistas, faziam importantes esforços de aproximação.



Referências

- BRAGA, E. *Pan-americanismo: aspecto religioso*. Nova York: Missionary Education Movement of the United States and Canada, 1916.
- CHRISTIAN WORK IN LATIN AMERICA. *Reports of the Commissions and discussions*. Congress on Christian Work in Latin America, Panama, February 1916. Nova York: Missionary Education Movement, 1917. 3 v.
- DEIROS, P. A. *Historia del cristianismo en América Latina*. Buenos Aires: Fraternidad Teologica Latinoamericana, 1992.
- FERREIRA, J. A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992 (1960). 2 v.
- GAMMON, S. R. *The Evangelical Invasion of Brazil: A Half-Century of Evangelical Missions in the Land of the Southern Cross*. Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1910.
- GONÇALVES, J. R. *Miguel Rizzo Jr., alguém do véu*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991.
- GOUVÊA, H. de. Seminário Presbiteriano. *Revista das Missões Nacionais*, p. 3s, out. 1920.



HOGG, W. R. *Ecumenical Foundations: A History of the International Missionary Council and Its Nineteenth-Century Background*. New York: Harper and Brothers, 1952.

LATOURETTE, K. S. Ecumenical Bearings of the Missionary Movement and the International Missionary Council. In: ROUSE, R.; NEILL, S. (Org.). *A History of the Ecumenical Movement: 1517-1948*. 2. ed. Genebra: World Council of Churches, 1986 [1954]. p. 353-402.

LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*. Viçosa: Ultimato, 2002.

MATOS, A. S. de. *Erasmus Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PEREIRA, E. C. *O problema religioso da América Latina*. São Paulo: Imprensa Editora Brasileira, 1920.

REILY, D. A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1993.

RIBEIRO, B. *Igreja evangélica e república brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.

SANTOS, M. G. dos. Conferência Evangélica Educativa. *O Estandarte*, 21 dez. 1916, p. 9; 28 dez. 1916, p. 9; 4 jan. 1917, p. 7; 11 jan. 1917, p. 6; 18 jan. 1917, p. 4. _____ . *Bispos e pastorais ou a conquista do Brasil pelos norte-americanos*. São Paulo, 1928.

O Congresso Evangélico do Panamá

aspectos do contexto histórico

Silas Luiz de Souza

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor da UPM. Pesquisador do Núcleo de Estudos do Protestantismo e do Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo da UPM.

Introdução

A busca pelas origens sempre esteve presente nas comunidades humanas. Querer entender como e por que as coisas aconteceram de determinado modo parece ser uma necessidade para justificar, orientar e definir a própria identidade comunitária. Por exemplo, o famoso quadro “A Primeira Missa no Brasil”, pintado por Victor Meirelles, é uma obra de meados do século XIX, mas que tenta explicar e justificar a nação que se organizava como Império e que queria garantir sua unidade sob a cruz de Cristo, demonstrada na primeira celebração ocorrida no momento do “achamento”. Desse modo, vemos que as sociedades buscam possibilidades de explicarem a si



mesmas. Há épocas em que a necessidade de encontrar as origens torna-se mais marcante, como é o caso da celebração do centenário do Congresso sobre a Obra Cristã na América Latina. Procura-se identificar os acertos e os erros que expliquem por que a comunidade tomou um caminho e não outro. Em muitos casos, o que se busca é resgatar a verdade original, supostamente perdida na caminhada. Ufanismo e apologia tornam-se os lemas desses momentos. O centenário do Congresso evangélico latino-americano ensejou eventos e debates, poucos no Brasil, possivelmente apenas um, realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em novembro de 2016. Espera-se que, mais do que uma busca pelas origens, ufanista e apologética, lembrar o evento ajude a interpretar o mundo protestante latino-americano, especialmente o brasileiro, e sua relevância na sociedade atual.

Se estudarmos esse evento a partir das categorias de Pierre Bourdieu, podemos identificar no processo uma disputa dentro de um campo específico, o campo religioso, embora o protestantismo atuasse em outros campos, como o educacional, que também poderia ser entendido como parte da estratégia de conquista no campo religioso. Os campos não são absolutamente autônomos, mas se tocam, se interceptam, influem mutuamente uns nos outros. Os protestantes, ou evangélicos,



como se usa a designação atual mais genérica, procuravam abrir e conquistar espaço em um território secularmente dominado de forma ampla pelo catolicismo romano. A reunião para o estudo de estratégias, viabilidade e áreas específicas de atuação foi um momento importante para conhecer melhor o campo, sentir o poder do protestantismo e elaborar estratégias colaborativas para a conquista de espaços dentro desse campo de atuação.

Em geral, o Congresso do Panamá costuma ser lembrado por ter sido idealizado e realizado como reação às decisões da Conferência Mundial de Missão, mais conhecida como Congresso de Edimburgo, realizado em 1910. Nesse evento, a América Latina foi excluída da necessidade de evangelização, pois as agências missionárias presentes na cidade escocesa concordaram que essa região já era cristianizada e, portanto, não precisava de mais esforços missionários (GONZÁLEZ; GONZÁLEZ, 2010, p. 350-351; SABANES PLOU, 2002, p. 20-22; BASTIAN, 1994, p. 153; LONGUINI NETO, 2002, p. 85-86; BONINO, 2002, p. 13-14). O evento de Edimburgo foi realizado sob a efervescência do auge do movimento missionário com a liderança dinâmica e carismática de diversos missionários, missiólogos e administradores de agências missionárias, entre os quais se destacava a figura de John Mott, que publicou, em 1900, *The Evangelization of the World in this Generation*. O ousado pensamento



de “evangelizar o mundo nesta geração” funcionou como uma espécie de lema do congresso. Para que esse ideal fosse cumprido, era necessário organizar as forças missionárias e otimizar os esforços. Sendo assim, era preciso mapear adequadamente as regiões necessitadas da mensagem cristã e, considerando que a América Latina já era cristianizada, fazia-se desnecessário gastar tempo, pessoal e dinheiro com um trabalho na região; o esforço deveria se voltar para outras regiões do planeta. Os representantes das agências missionárias atuantes no continente, juntamente com Álvaro Reis, pastor presbiteriano participante, embora não fosse membro oficial do congresso, se manifestaram contrários à decisão tomada. No entanto, fizeram mais do que isso: ali mesmo, já começaram a tratar das possibilidades de se pensar a missão entre os latino-americanos, ainda dentro do espírito de Edimburgo, mas com a correção de rumos considerando que essa população também necessitava da pregação do Evangelho e, conseqüentemente, da presença dos missionários.

O grupo de Edimburgo planejou uma reunião em Nova Iorque, que ocorreu em 1913, quando foi criado o Comitê de Cooperação para a América Latina. Esse Comitê organizou o Congresso do Panamá e continuou atuando por décadas na realização de outros congressos regionais e continentais e na criação de diversas organizações de cooperação em áreas como educação, literatura e juventude, entre outras.

É certo, porém, que não se pode atribuir tanta importância a um único acontecimento para compreender outro. Aron (2008, p. 6), ao argumentar que Montesquieu pode ser considerado sociólogo por se dedicar ao entendimento do social, afirma que o barão filósofo queria entender um dado acontecimento procurando captar “as causas profundas que o explicam” – “causas”, no plural.

Nesse sentido, abordaremos, neste texto, alguns dos principais antecedentes que favorecem a germinação do Congresso Evangélico do Panamá, de 1916. Podemos encontrar movimentos culturais que se relacionam de algum modo com o evento, seja como continuidade, seja como ruptura? A política e a economia também se relacionam de algum modo com a criação desse concílio protestante? Quais aspectos específicos da religiosidade protestante estariam envolvidos no contexto que antecede o congresso que podem nos ajudar a entender sua realização?

O pietismo e o metodismo

Considerando que é corrente apontar o Congresso de Edimburgo como determinante para a realização do congresso latino-americano, devemos traçar alguns pontos necessários para entender esse evento de caráter mundial ocorrido na Escócia. A Conferência Mundial de Missão foi o ápice de outros eventos que vi-



nham ocorrendo desde meados do século XIX dentro do movimento missionário protestante. A Reforma Protestante não apresentou, prontamente, uma reflexão acerca da ação missionária da igreja. A preocupação apologética com o que se considerava desvios da Igreja Católica e a necessidade de defender não só a fé, a igreja e o próprio território não permitiam dedicação a outras questões teológicas e missiológicas. Não podemos nos esquecer que as novas igrejas surgidas na Reforma eram, como ocorria anteriormente, ligadas ao Estado, e a necessidade de defender a Igreja era a mesma de defender o Estado. As preocupações teológicas e eclesiais iam por esse caminho e praticamente nada se falou sobre missão. González e Orlandi (2008, p. 204) dizem que “os reformadores das primeiras gerações justificavam com argumentos teológicos sua falta de interesse missionário”. Alguns deles entendiam que a grande comissão teria sido responsabilidade do período apostólico, outros pareciam entender que são as autoridades civis que devem levar adiante a tarefa de conquistar novos cristãos. A ideia de conquista aparece propositalmente, pois, no decorrer da história, boa parte do processo de conversões se deu por meio de conquistas militares e políticas. A expansão ibérica e a conquista do território americano por espanhóis e portugueses demonstram isso claramente, para ficarmos no nosso caso.



Há, porém, aspectos fundamentais no protestantismo que acabaram por desenvolver um espírito missionário cada vez mais ativo e ousado, culminando no grande século das missões, o século XIX. Pode-se lembrar do pensamento luterano de sacerdócio universal e da ênfase calvinista na soberania de Deus sobre todo o universo. No mundo luterano, ocorreu o movimento pietista que enfatizou a experiência pessoal com Deus, mais do que o apego a um conjunto de dogmas, sem desprezá-los, é claro, mas com uma preocupação no sentido de que era mister conhecer Deus e sua Palavra bem de perto, para viver um cristianismo verdadeiro e íntegro. Liderado por Spener, o autor de *Pia Desideria* propunha a leitura sistemática da Escritura, a realização de reuniões edificantes nas casas (e não só no templo) e o alcance de outras pessoas por meio de testemunhos. Algumas de suas proposições não agradaram todo o clero alemão, o que resultou em dificuldades, intrigas e até mesmo perseguições. Zinzendorf, sendo um conde, congregou alguns pietistas em suas terras e, então, surgiu a ativa comunidade moraviana que teve grande destaque no trabalho missionário.

Os pietistas influenciaram decisivamente um jovem pastor anglicano que buscava, mais do que compreender a Escritura, viver uma vida santa. John Wesley, um dos fundadores do metodismo, acrescentou à sua teologia a ideia pietista da



experiência íntima da presença divina, sem abandonar aspectos como a necessidade de se praticar boas ações constantemente como prova do amor de Deus por nós e do nosso amor para com as pessoas. Como ministro anglicano, teve dificuldades em se integrar cabalmente ao corpo eclesiástico devido à sua teologia e pregação, e permaneceu sem paróquia para pastorear, tornando-se um pregador itinerante, viajando, durante muitos anos, por diversos lugares, pregando em praças e em portas de fábricas. O metodismo emigraria para a América do Norte, causando grande impacto na religião da colônia. A denominação metodista cresceu muito em território norte-americano. Sobre isso, Mendonça (2008, p. 85) diz que, à medida que as colônias inglesas – mais tarde denominadas Estado Unidos da América – conquistavam e colonizavam o oeste e o sudoeste, as denominações seguiam esse caminho,

[...]mas os metodistas, por suas peculiaridades, conseguiram se adaptar melhor às condições sociais de “fronteira”. Eles estavam habituados à prática religiosa informal, a realizar suas reuniões religiosas ao “ar livre”, com seus pregadores leigos e itinerantes e sua teologia simples e emotiva.



Mendonça (2008, p. 86) afirma ainda que “as cruzadas evangélicas refletem o novo espírito de democracia, na sua ênfase sobre as obras humanas, na capacidade do homem de tomar decisões e de desempenhar tarefas cada vez mais complexas”. Por fim, diz que a “era metodista” era “fundada sobre o valor do homem e sua capacidade de realizar coisas, em suma, o individualismo e o desempenho” (MENDONÇA, 2008, p. 86). Pietismo e metodismo influenciaram fundamentalmente uma nova visão missionária que priorizava o anúncio da experiência pessoal com Deus, que pode ser buscada por qualquer um e alcançada pelo esforço individual de quem busca, lê a Bíblia, ora e participa da comunidade de fé, práticas que demandam interesse e esforço pessoais. A Igreja e os dogmas tornaram-se menos importantes quando comparados à espiritualidade que está centrada no indivíduo e na sua experiência religiosa. Cada pessoa, individual e soberanamente, escolhe aceitar a fé e essa forma de vivê-la.

Os Grandes Avivamentos

O metodismo foi muito importante para o desenvolvimento dos “Grandes Avivamentos” entre os séculos XVIII e XIX, embora não tenha sido o único responsável. De fato, há uma atmosfera favorável ao revigoramento espiritual que



ocorreu nos Estados Unidos da América e, com mais ou menos alcance conforme os diferentes países, em outras regiões da Europa. Paul Johnson (1998, p. 110, tradução nossa) afirma que os Avivamentos tiveram um “vasto significado tanto na religião como na política” e que “foi, de fato, um dos eventos chave na história americana”. Sobre esse “Grande Despertar”, como também é chamado em português, Sydney Ahlstrom (1972, p. 281, tradução nossa) diz que “este evento não era nem acidental nem estranho; o solo tinha sido preparado de muitas maneiras”. O próprio puritanismo, o moralismo da sociedade colonial, as lutas pela independência que se avizinhava, foram fatores que favoreceram o surto avivalista na América do Norte. As esperanças milenaristas também contribuíram de modo importante, como o exemplo de Jonathan Edwards, que, segundo Ahlstrom (1972, p. 283, tradução nossa), “tornou-se convencido que a América tinha sido escolhida como o local para a vinda do Reino e convidou o grande Whitefield para pregar em Northampton”.

O período de avivamento, tanto na América quanto na Europa, levou muita gente para as igrejas, deu espaço para os leigos ocuparem posições de liderança e mesmo como pregadores, pois contar a própria experiência religiosa, segundo eles, era mais importante para a vida de fé e comunhão com Deus do que o ensino de



doutrinas vagas e vazias. A experiência espiritual mesclada de aspectos físicos, como choro, grito, desmaios e agitação em geral, se não é característica específica somente do protestantismo desse período, tendo aparecido em outros tempos e em outras religiões, é, claramente, muito desenvolvida nos Avivamentos. É uma marca necessária da experiência individual com o sagrado, da busca e do esforço pessoal para se alcançar a bênção divina. Isso é uma demonstração de como esse movimento era dirigido teologicamente pela visão arminiana, como afirma Ahlstrom (1972, p. 288). O famoso quadro “Os dois caminhos” ilustra a escolha pessoal e o esforço humano para seguir no caminho correto, no qual se entra pela porta estreita. Esse quadro, elaborado inicialmente na Alemanha, é produto desse período e fruto da mensagem dos avivamentos. Para Johnson (1998, p. 112, tradução nossa), Edwards teria “libertado a vontade humana demolindo a velha doutrina calvinista da determinação e da dupla predestinação”. Isso causaria dificuldades futuras, divisões nas denominações e surgimento de novas igrejas, mas colocou o indivíduo como protagonista da sua própria experiência religiosa, tornando-se não apenas ouvinte passivo, mas participante ativo em uma nova religiosidade que eliminara mais ainda os intermediários.

A experiência religiosa não ficou apenas no interior das pessoas. Uma das consequências disso foi o envolvimento com questões de melhoramento social. Se



Deus agiu de forma a transformar a vida de alguém, essa pessoa se sentiria conduzida a transformar a vida dos que necessitavam da mesma experiência interior transformadora, inclusive agindo para solucionar quaisquer impedimentos materiais que houber. Assim, muitos crentes se dedicaram a trabalhos como abolicionismo, cuidado com órfãos, melhorias em presídios e em hospitais, por exemplo.

Para a nossa reflexão, a consequência mais importante foi o desenvolvimento do espírito missionário, que levou o protestantismo a enviar milhares de homens e mulheres tanto para regiões distantes de seus países quanto para regiões mais distantes ainda em outras partes do mundo, com o objetivo de evangelizar povos não alcançados, onde quer que estivessem. Ahlstrom (1972, p. 289, tradução nossa) lembra que “o próprio espírito missionário foi um fruto do Avivamento – na América, na Grã-Bretanha e na Europa”.

Com os avivamentos, uma mudança fundamental ocorreu no conceito de missão e, portanto, no modo de realizá-la. Há um deslocamento da instituição para o indivíduo. O Estado, ao conquistar territórios ou estabelecer colônias, levava junto os missionários, como aconteceu com o avanço do cristianismo nos séculos anteriores. Agora, já não são as conquistas militares e territoriais e a expansão colonial e geográfica que definem a missão, mas o apelo pessoal e individual para se aceitar o Evangelho.



Os registros no diário de Ashbel Green Simonton, primeiro pastor presbiteriano a chegar em território brasileiro para o trabalho missionário, descrevem os Avivamentos e como ele mesmo foi atingido pelo movimento avivalista. Depois de narrar em muitas páginas a vida familiar, as viagens e o interesse nos estudos, coisas próprias de um diário, ele informa:

Nestes últimos dois meses tem-se manifestado intenso interesse religioso nas várias igrejas da cidade. Isso está ocorrendo especialmente nas igrejas metodistas e luteranas, nas quais tem havido constantes reuniões nas últimas duas ou três semanas e grande número de pessoas têm-se confessado pecadoras diante de Deus. Em nossa igreja vários se uniram à comunhão nas duas últimas reuniões [...] Agora, quando as reuniões tiveram início e eu vi outros tratando da salvação de sua alma imortal, decidi, confiando nas promessas da Palavra de Deus, fazer um esforço honesto [...] confiando nas promessas orarei para ter forças, prosseguir e cumprir meu dever [...] vou confessar diante dos homens meu desejo e resolução de abandonar o mundo e procurar participar do sangue expiatório do Salvador. Outros choram seus pecados, mas eu não posso [...]. Certamente isso significa, na linguagem expressiva da Escritura, ter um coração de pedra. Mas como não se exige um grau específico de emoção para que o pecador seja salvo [...] estou resolvido a perseverar até a luz brilhar no meu caminho (SIMONTON, 2002, p. 82-83).



Simonton registra o momento em que começa a pensar no trabalho missionário, após um sermão de Charles Hodge, um dos mais renomados professores do Seminário de Princeton, para onde o jovem tinha ido estudar Teologia depois de ser impulsionado pelas experiências de avivamento:

Falou da necessidade absoluta de instruir os pagãos antes de poder esperar qualquer sucesso na propagação do Evangelho e mostrou que qualquer esperança de conversões baseada em uma obra extraordinária do Espírito Santo comunicando a verdade diretamente não é bíblica. Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro (SIMONTON, 2002, p. 96).

73

Vemos o esforço pessoal e a necessidade de se tratar com um ser humano autônomo que, instruído, poderia fazer a melhor escolha religiosa, isto é, o cristianismo conforme vivido e praticado na sociedade norte-americana.

Movimento ecumênico mundial

O trabalho missionário provavelmente foi o fator mais importante para o desenvolvimento do ecumenismo. A insatisfação com as divisões provocadas por



questões dogmáticas, o desagrado com as guerras religiosas, as amargas controvérsias eclesásticas, sejam sobre doutrinas, sejam sobre liturgias ou qualquer outra coisa, levaram muitos cristãos a buscarem caminhos de comunhão e unidade. O movimento missionário, porém, colocou tudo isso em uma perspectiva de necessidade vital e urgência. O historiador protestante do cristianismo Justo González (2011, p. 487-488) afirma cabalmente:

O que deu verdadeiro ímpeto ao movimento ecumênico foi o movimento missionário. Muitas das sociedades fundadas na Europa e nos Estados Unidos com o objetivo de alcançar as nações que ainda não haviam ouvido a mensagem cristã incluíam membros de diversas denominações [...] Ademais, devido aos recursos limitados do empreendimento missionário e à enorme tarefa a ser realizada, era necessário administrar esses recursos com sabedoria, sem esbanjá-los, duplicando o que outros já estavam fazendo, ou competindo com outros projetos missionários. Por que ter duas ou mais igrejas de denominações diferentes em uma aldeia, quando havia centenas de aldeias sem nenhuma igreja? Por que competir uns com os outros na evangelização de uma ilha, de uma província, quando havia tantas outras onde era necessário pregar?



Muitos missionários inseridos no campo de trabalho já vinham de quebras de barreiras denominacionais feita pelos avivamentos. Entretanto, no campo, se depararam com as questões que González levanta, o que provoca no corpo de obreiros uma visão mais ampla de colaboração e unidade no trabalho, diferente do que as questões denominacionais nos países de origem permitiam.

Ainda há que se dizer que as necessidades materiais, como educação, saúde, saneamento, as relações de trabalho e a fome se mostravam como impedimento para o trabalho missionário eficaz. No entanto, o esforço para transformar as situações encontradas se mostrava tão grande que não poderia ser obra de um pequeno grupo ou de uma denominação. Era preciso colaboração, união.

Foi o esforço missionário que provocou o surgimento de reuniões de agências em meados do século XIX. Nessas reuniões, discutiram-se o tamanho da tarefa, a necessidade de equipar adequadamente os obreiros e a urgência do trabalho cooperativo. Essas reuniões tiveram como grande corolário o Congresso de Edimburgo, o qual foi fundamental para o desenvolvimento do movimento ecumênico e a criação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948.



Colonialismo do século XIX

A Revolução Industrial estabeleceu um novo tipo de colonialismo. Esse neo-colonialismo, mais econômico e político, dirigido pelos desejos da burguesia, não precisava da ocupação do território ou da presença militar, embora essas não fossem descartadas para garantir as operações econômicas de interesse burguês. A presença dos europeus e norte-americanos tornou-se muito constante, efetiva e permanente. Os interesses imperialistas, em busca de mercado para seus produtos, de novas áreas de exploração e de novos campos para estabelecimentos de indústria com custo mais baixo, fizeram com que o mundo norte ocidental se estabelecesse em todas as partes do mundo e indicasse os seus próprios padrões como caminho para a civilização e o progresso. Ora, junto com os interesses burgueses estava presente a religião. Marinheiros, comerciantes, industriais, operários, mineiros, políticos, diplomatas e outros profissionais que se deslocavam de suas terras para cumprir tarefas específicas ou mesmo emigravam para estabelecer novas residências, levavam junto sua fé. Eles se viam superiores aos habitantes das regiões dependentes e, muitas vezes, entendiam que essa superioridade se devia ao cristianismo, melhor dizendo, ao verdadeiro cristianismo, praticado no modelo que o protestantismo havia desenvolvido.



Nos países imperialistas protestantes, o desejo de levar o evangelho para que, com ele, o progresso chegasse às regiões mais atrasadas fez surgir uma infinidade de missões independentes que se juntavam aos esforços denominacionais, que também foram intensos. Um exemplo que ilustra bem a comunhão dos esforços espirituais e materiais, digamos assim, pode ser encontrado na vida de David Livingstone, que dedicou toda a sua vida ao trabalho entre os povos africanos, tendo estudado Medicina para levar saúde, indispensável para o progresso, como parte de sua campanha de evangelização. Foi, ao mesmo tempo, um agente da Royal Geographical Society, órgão governamental, e um desbravador que cruzou o continente de leste a oeste, estabelecendo mapas confiáveis de rotas e rios navegáveis, informações essenciais tanto para o comércio quanto para a busca por minérios e matérias-primas em geral.

Não se trata de desmerecer o trabalho de missionários e missionárias, em geral pessoas imbuídas de profunda paixão por Jesus Cristo, seu Evangelho e sua Igreja, e interessadas na salvação das pessoas com as quais se encontravam durante a ação missionária. No entanto, não podemos deixar de notar que agiam como pessoas de seu tempo, com sua própria cosmovisão que a cultura de seus países lhe fornecia. O colonialismo facilitava o envio de missionários, pois, em muitas regiões, havia interes-



se em buscar o mesmo progresso que as nações imperialistas já tinham, de modo que a presença da religião e da cultura dos países desenvolvidos poderia ser vista com bons olhos pelos naturais de uma região. Por sua vez, o poder e a riqueza dos países imperialistas também possibilitavam que tivessem os recursos para enviar missionários.

O “destino manifesto” na sociedade norte-americana

O historiador brasileiro Luiz Alberto Moniz Bandeira (2005, p. 26, tradução nossa) explica a constituição e o significado do “destino manifesto”, firmemente arraigados na mente dos norte-americanos, que buscavam “inspiração na Bíblia para atribuir ao povo americano o ‘destino manifesto’ de expandir suas fronteiras e a missão de guiar a humanidade, como se fosse o povo eleito de Deus”. Bandeira (2005, p. 26, tradução nossa) ainda afirma que

[...] por volta de 1850, o notável escritor americano Herman Melville proclamou: nós americanos somos o peculiar, povo escolhido - o Israel de nosso tempo; nós carregamos a arca das liberdades do mundo [...] Deus nos tem dado, para uma herança futura, o amplo domínio das políticas pagans, que ainda virão e se sujeitarão sob à sombra de nossa arca, sem que mãos ensanguentadas sejam levantadas.



Bernard Bailyn (2003, p. 49), autor de importante livro sobre a independência das colônias inglesas, diz que

[...] continuava no século 18 e nas mentes dos revolucionários a ideia, originalmente trabalhada nos sermões e tratados do período [...], que a colonização da América do Norte britânica havia sido um evento designado por Deus para satisfazer seus fins últimos [...] Essa influente linha de pensamento, encontrada em toda parte nas colônias do século 18, estimulou a confiança na ideia de que a América do Norte tinha um lugar especial, ainda não revelado, no desígnio de Deus.

79

Ahlstrom cita um pregador do século XIX, Josiah Strong, que tinha ideais do Evangelho Social e era grande defensor do envio de missionários, para quem a superioridade da sua raça beneficiaria as raças inferiores. O discurso mencionado, que corresponde a um livro de Josiah Strong, de quando era o secretário-geral da aliança Evangélica do país, diz o seguinte:

Parece para mim que Deus, com infinita sabedoria e habilidade, está treinando aqui a raça Anglo-Saxônica, para uma hora certamente tomar posse do futuro do Mundo [...]



o mundo entrará em um novo estágio de sua história - a competição final das raças, para a qual a Anglo-Saxônica está sendo educada [...] Esta raça de inigualável energia [...] de ampla liberdade, o mais puro cristianismo, a mais elevada civilização - tem desenvolvido traços peculiarmente agressivos para imprimir suas instituições sobre a humanidade, se espalhará sobre a terra (AHLSTROM, 1972, p. 849, tradução nossa).

A mais importante característica da raça, para Josiah Strong, era seu cristianismo verdadeiro. “A vida religiosa desta raça é mais vigorosa, mais espiritual, mais cristã do que qualquer outra” acrescenta Ahlstrom (1972, p. 850, tradução nossa) às suas citações do pastor em tela. Esse sentimento de ser povo de Deus tal qual Israel o era no Antigo Testamento, designado para transformar todos os outros povos com o Evangelho e a civilização, dava um extremo vigor ao movimento missionário.

Simonton (2002, p. 99), ao registrar os relatos missionários sobre o trabalho na Nova Zelândia, diz: “aqueles que eram apenas trinta anos atrás canibais selvagens, são hoje nação civilizada e cristã”. Eis aí a junção de fé cristã e civilização, de um modo claro como era feito pelo conceito de “destino manifesto”.



O pan-americanismo

Um dicionário de termos históricos define o pan-americanismo como “uma teoria que afirma constituírem as nações do Novo Mundo uma só comunidade, a despeito de suas diferentes raízes culturais” (AZEVEDO, 1990, p. 298). São dois os tipos de pan-americanismo: um orientado por intelectuais norte-americanos e outro sob inspiração de Simon Bolívar. Como parte da luta pela independência, os chamados libertadores da América chegaram a pensar na formação de uma confederação que pudesse fazer frente ao poderio norte-americano, evitar a ingerência da Europa e desenvolver os países da região, com as partes atuando cooperativamente para benefício de toda a América Latina e de cada região em particular. A primeira tentativa de buscar um caminho para aprimorar tal cooperação ocorreu com a realização do Congresso do Panamá, em 1826, que representava os esforços latino-americanos por unidade sem a influência e sem a presença dos Estados Unidos da América. Essas duas tendências coexistiram até o Congresso de Washington, em 1889-1890, articulando um pan-americanismo orquestrado pela nação do norte com sua doutrina Monroe: “a América para os americanos”. Depois do Congresso de 1826, aconteceram outros encontros em Lima, Caracas e Montevideu (cf. SOUZA, 2005, p. 60-61). O período da Primeira Guerra Mundial



estreitou os laços dos países latino-americanos com os Estados Unidos, embora as duas tendências continuassem em conflito.

O que é necessário destacar é que a busca por unidade, desenvolvimento e colaboração entre os povos com alguma herança em comum não ocorreu apenas nessa parte do globo terrestre. As características identitárias comuns, como proximidade geográfica, semelhança linguística e desenvolvimento cultural, sempre foram os temas abordados para defender uma unidade política e econômica que, teoricamente, favorecesse todas as partes.

Durante o século XIX, ocorreram diversos processos de unificação de nações, como as bem conhecidas unificações alemã e italiana. Nessas regiões, pequenos estados, cidades autônomas ou estados eclesiásticos juntaram-se a estados maiores e mais poderosos na formação de estados nacionais novos e mais fortes.

Houve também um movimento de unidade dos povos eslavos e “foi no século XIX que o movimento adquiriu maior expressão, com ênfase no seu aspecto cultural” (AZEVEDO, 1990, p. 299). Já no século XVII, o jesuíta Juray Krizanic “defendia a união das Igrejas Ortodoxa e Católica, a adoção de um idioma comum e a constituição de uma só nação eslava” (AZEVEDO, 1990, p. 299).



No continente africano, há também um processo de apologia da identidade comum entre os povos, surgindo o pan-africanismo.

Em 1900, Henry Sylvester Williams, jurista de Trinidad, organizou em Londres a primeira de uma série de conferências pan-africanistas, das quais participaram delegados dos Estados Unidos, das Antilhas, da América do Sul e da África (RALSTON, 2010, p. 903).

Essas conferências foram seguidas por outras sob a liderança intelectual e enérgica de William Edward Du Bois, negro norte-americano nascido em Gana. A obra *História Geral da África* refere-se aos congressos liderados por Du Bois do seguinte modo:

Assinalemos aqui que os diversos congressos pan-africanistas organizados pelo dr. Du Bois (em Paris, em 1919; em Londres, Bruxelas e Paris, em 1921; em Londres e em Lisboa, em 1922; em Nova York, em 1927), aos quais assistiram participantes da África Ocidental, não só deram um caráter internacional às atividades nacionalistas e à luta contra o colonialismo na África, em geral, e na África ocidental, em particular, como também reforçaram consideravelmente a tomada de consciência dos negros do mundo inteiro sobre sua condição de vítimas da opressão e da tirania. Esses congressos granjearam novos adeptos para a causa nacionalista na África ocidental (BOAHEN, 2010b, p. 731).

Curiosamente, todos os congressos foram realizados fora do continente africano, resultado do processo colonialista que a região vivia, mas também uma questão de estratégia da liderança de Du Bois, como esclarece Albert Adu Boahen (2010a, p. 17):

O objetivo de tais congressos era conferir caráter internacional aos movimentos nacionalistas e anticoloniais africanos, mas também importava chamar a atenção das potências metropolitanas para o que se passava em suas colônias. Foi essa a razão de os congressos pan-africanos organizados pelo dr. W. E. B. Du Bois, negro norte-americano, terem se realizado em Paris, Londres, Bruxelas e até Lisboa.

Esses exemplos são importantes para demonstrar que, no momento da realização do Congresso Evangélico, em 1916, no Panamá, havia em todos os continentes uma busca para unir esforços a fim de atingir objetivos comuns, buscar identidade cultural que justificasse ações conjuntas e conquistar apoio e defesa mútuos. O pan-americanismo político, econômico, social e cultural teve também seu aspecto religioso. O título do livro escrito por Erasmo Braga, um dos mais importantes líderes do movimento cooperativo desde o evento evangélico no Panamá, indica isso claramente: *Pan-americanismo: aspecto religioso*. Após comparar as diferenças



entre a religião norte-americana e a latino-americana, o autor afirma que é inevitável a abertura de relações entre as Américas e que o pan-americanismo é mais saudável do que o pan-iberismo. Fazendo referência ao Congresso do Panamá de 1826, quando se tentava uma federação, Braga (1916, p. 16) o relaciona ao evento evangélico de 1916, período no qual se destaca um “despertamento de simpatia real e sincera” de todas as Américas que conspiram “para a salvação e felicidade comum” e para a “grandeza da América”.

O Iluminismo

O filósofo italiano Nicola Abbagnano (2000, p. 534) define o Iluminismo como uma “linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana”. Ao procurar colocar a razão como capaz de entender, criticar e guiar os passos humanos, o Iluminismo precisou olhar para a religião de modo distinto do que se fazia até então. A partir disso, a religião torna-se cada vez mais uma questão de foro íntimo. A hegemonia da Igreja sobre a sociedade e sobre as pessoas decaí, e o indivíduo não precisa mais buscar aprovação para suas atitudes por parte das autoridades eclesiásticas, como ocorria anteriormente. Cada vez mais, padres, pastores, bispos e instituições



religiosas deixam de ter influência na vida cotidiana das pessoas e mesmo nas instituições políticas.

O ser humano autônomo quer também ter a liberdade e o poder de tratar suas questões espirituais sem maiores ingerências de uma instituição. Isso está bem de acordo com o modelo pietista que igualmente buscava a experiência religiosa mais do que o conhecimento dogmático, independentemente da própria instituição ou contrário mesmo à instituição. Assim como o pietismo, o movimento dos avivamentos desenvolveu o aspecto de autonomia do ser humano diante da instituição, pois não era o que essa ou aquela denominação dizia que era a verdade, mas era aquilo que a pessoa sentia, a experiência com o Evangelho, que se tornavam a marca da verdadeira fé.

Tudo isso tem um impacto profundo no fazer missionário. Se antes eram ensinados dogmas e catecismos e cobrado seu conhecimento para determinar quem era o verdadeiro cristão, agora o verdadeiro cristão é definido pela experiência de salvação, recebida individualmente, por escolha pessoal de se aceitar a Cristo. O trabalho missionário passa a ser um esforço por levar pessoas a terem a verdadeira experiência de conversão, a tomarem uma decisão pessoal pela fé. Obviamente, os missionários também serão aqueles que têm essa mesma experiência.



Mesmo se forem levados em conta os missionários de linha liberal, mais preocupados com as questões sociais, morais e filantrópicas, como muitas vezes se criticou, percebe-se que estão plena e claramente inseridos nesse modelo iluminista de autonomia, de decisão pessoal. Cuidar da educação, da saúde, do saneamento básico, entre outros, era dever da solidariedade cristã, mas era também um caminho para ajudar o crescimento do ser humano para que, autonomamente, pudesse compreender e escolher a melhor religião.

Pode-se dizer que o Iluminismo funciona como base para todos os demais aspectos elencados neste capítulo. De um modo ou de outro, cada um dos eventos listados recebe influência iluminista ou procura rebater essa influência.

Considerações finais

No decorrer deste capítulo, vimos alguns aspectos que antecedem e contextualizam o *Congress on Christian Work in Latin America*. O pensamento iluminista, enfatizando a razão e a autonomia humana, o pietismo, o metodismo e o movimento avivalista, que também valorizavam o esforço individual e autônomo do crente, tornaram a religião algo cada vez mais subjetivo e de responsabilidade pessoal. O colonialismo do século XIX podia, muitas vezes, facilitar a entrada de missionários



em determinada região, ampliando sobremaneira o fluxo de obreiros. No entanto, as missões logo se depararam com uma tarefa tão grande que apenas juntando esforços poderia ser realizada. Assim, o movimento missionário gerou o movimento ecumênico, no qual está inserido o evento evangélico do Panamá. Os esforços de colaboração e unidade entre os povos com alguma identidade comum, como o pan-americanismo, dão o tom da busca protestante por caminhos comuns e colaborativos, pelo qual o Congresso se desenvolveu.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AHLSTROM, S. E. *A religious history of the American people*. New Haven; London: Yale University Press, 1972.
- ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução Sérgio Bath. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- AZEVEDO, A. C. do A. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAILYN, B. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Tradução Cleide Rapucci; revisão técnica Modesto Florenzano. Bauru: Edusc, 2003.



- BANDEIRA, L. A. M. *Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BASTIAN, J.-P. *Protestantismo y modernidad latino-americana: historia de unas minorías religiosas activas em América Latina*. México, DF: Fondo de Cultura Econômica, 1994.
- BOAHEN, A. A. A África diante do desafio colonial. In: BOAHEN, A. A. (Ed.). *História Geral da África: África sob a dominação colonial – 1880-1935*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010a. p. 1-20.
- _____. Política e nacionalismo na África ocidental, 1919-1935. In: BOAHEN, A. A. (Ed.). *História Geral da África: África sob a dominação colonial – 1880-1935*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010b. p. 726-755.
- BONINO, J. M. *Rostos do protestantismo latino-americano*. Tradução Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAGA, E. *Pan-americanismo: aspecto religioso*. Nova York: Sociedade de Preparo Missionário, 1916.
- GONZÁLEZ, J. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GONZÁLEZ, J.; GONZÁLEZ, O. *Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

- GONZÁLEZ, J. L.; ORLANDI, C. C. *História do Movimento missionário*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- JOHNSON, P. *A history of the American people*. New York: HarperPerennial, 1998.
- LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- RALSTON, R. D. A África e o Novo Mundo. In: BOAHEN, A. A. (Ed.). *História Geral da África: África sob a dominação colonial – 1880-1935*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 875-918.
- SABANES PLOU, D. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina (1916-2001)*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- SIMONTON, A. G. *O Diário de Simonton, 1852-1866*. Tradução Dayse Ribeiro de Moraes Barros. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- SOUZA, S. L. de. *Pensamento social e político no protestantismo brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.



As comunidades locais protestantes e o Movimento do Panamá

**Darli Alves
de Souza**

Doutorando em
Ciência da Religião pela
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo
(PUC-SP). Pesquisador
do Núcleo de Estudos do
Protestantismo da UPM.

Introdução

Nesta reflexão, serão apresentadas as evidências do engajamento intenso por parte das comunidades locais no movimento ecumênico no início do século XX. A relação entre ambos era clara e direta; havia uma sintonia entre eles. Este capítulo, portanto, tem a intenção de ser mais uma reflexão, entre outras contribuições, sobre o movimento ecumênico no Brasil e na América Latina. Pretende-se também contribuir para a discussão com o objetivo de conscientizar e promover uma maior participação da base das igrejas no movimento ecumênico.

Cabe ressaltar que o presente texto trabalha com o conceito de movimento ecumênico da seguinte maneira:



Em primeiro lugar, segundo Galliano (1981, p. 272), o movimento social “é uma organização nitidamente estruturada e identificável cuja finalidade explícita é arregimentar um número maior ou menor de pessoas para a defesa ou promoção de certos objetivos precisos”.

A partir dessas características é que se trabalha com o movimento ecumênico. No período em apreço, ele já possuía as características mencionadas, pois era organizado por meio de diversas entidades, as quais serão tratadas ao longo deste capítulo. A principal característica que a sociologia aponta e que se aplica ao objeto em estudo é o fato de ele ter sido reivindicativo e proselitista para conquistar novos adeptos à sua causa. A utilização de tal expressão, portanto, está fundamentada no conceito sociológico, embora a expressão “movimento ecumênico” tenha tomado corpo posteriormente, a partir da constituição do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em 1948.

Em segundo lugar, a pesquisa se vale do conceito de ecumenismo, porque é um movimento que promove a unidade e a convergência de ideias e ações a partir de situações concretas do cotidiano, ideias essas que servem de mola propulsora ao movimento desde o seu início.



Segundo Desseaux (apud NAVARRO, 1995, p. 12) o movimento ecumênico é:

[O] Movimento suscitado pelo Espírito Santo com vistas a restabelecer a unidade de todos os cristãos a fim de que o mundo creia em Jesus Cristo. Desse movimento participam aqueles que invocam o Deus trino e confessam Jesus Cristo como Senhor e Salvador e que, nas comunidades onde ouviram o evangelho, aspiram a uma igreja de Deus, una e visível, verdadeiramente universal, enviada a todo mundo para que este se converta ao evangelho e se salve para a glória de Deus.

Pode-se dizer que o caráter ecumênico da época tinha uma característica missionário-evangelística muito forte. O chamado à conversão do mundo para o evangelho era o apelo a partir do famoso texto bíblico: “Que sejamos um para que o mundo creia” (João 17:21). Esse era um ideal almejado pelo movimento. As ações das igrejas em prol da unidade na obra missionária eram claras e concretas.

No entanto, para complementar, existe outra interessante definição de ecumenismo, a qual é interessante mencionar:



O ecumenismo está todo ele voltado para o futuro, para o reino, mas mantém sua referência à Escritura e à tradição, revisando ao mesmo tempo nossas antigas querelas, consideradas desde suas raízes. Ele se centra na unidade da Igreja e na unidade da humanidade. É teológico e prático, “Faith and Order” e “Life and Work”, doutrinral e secular, espiritual e sociopolítico (CONGAR apud NAVARRO, 1995, p. 17).

O movimento ecumênico também tinha suas preocupações voltadas para o social, no engajamento por uma sociedade mais justa e democrática e por meio de ações concretas em favor dos necessitados. Começam a surgir as primeiras reflexões sobre a responsabilidade social das igrejas protestantes por meio da ação assistencial.

Outro ponto de destaque é que havia uma abertura para o engajamento ecumênico na base das igrejas pela sintonia que havia entre elas e os temas ecumênicos. Existiam divergências doutrinárias entre elas e o catolicismo romano. No entanto, arrisca-se afirmar que, do ponto de vista das comunidades locais, essa era uma questão secundária. O que estava em primeiro plano era o total empenho e engajamento no ideal ecumênico missionário que pressupunha o catolicismo romano como ramo legítimo do cristianismo, ainda que com certas restrições.



Por fim, cabe apresentar algumas considerações sobre o que se entende por Movimento do Panamá. Ele ocorre nas primeiras décadas do século XX até o início da década de 1940. Esse é o período em que ocorrem importantes eventos, iniciativas e a criação de entidades que justificam afirmar que houve um “Movimento do Panamá” tais como: o Congresso Missionário de Edimburgo, a criação da Comissão de Cooperação para a América Latina (CCLA), comissões nacionais de cooperação, Conselhos Nacionais de Igrejas, Congresso do Panamá, Montevideu e Havana, entre outros exemplos. Todas essas iniciativas estavam sintonizadas dentro de um mesmo espírito, já mencionado: o ideal missionário-evangelístico.

Quanto à delimitação geográfica, foi escolhida a cidade de São Paulo, enquanto estudo de caso. Dessa cidade provêm importantes líderes ecumênicos. Além disso, ela foi sede de vários eventos do movimento ecumênico e intensa dinâmica ecumênica.

No que diz respeito à delimitação temporal, para uma melhor compreensão do espectro ecumênico do início do século XX na América Latina, utiliza-se a seguinte periodização:

- **De 1913 até 1925.** Esse período é marcado pela forte influência do modelo missionário estrangeiro, que, por sua vez, foi influenciado principalmen-



te pelo CCLA. Esse modelo europeu, implantado nos Estados Unidos e trazido para a América Latina, mostrava pouca sensibilidade para com as culturas latino-americanas.

- **De 1925 até o início da década de 1940.** Nesse período, o movimento ecumênico na América Latina começou a ser assumido por líderes nacionais dos países que integram o continente. Surgiram, nesse período, os conselhos nacionais de igrejas. O papel do CCLA, nesse momento, foi mais de acompanhamento e apoio às iniciativas latino-americanas, principalmente, a partir de 1929.

O estudo desse período é de suma importância para conhecer o movimento ecumênico na América Latina e descobrir a sua relação com as comunidades locais, que é o principal objetivo desse capítulo. O período escolhido marca o início da participação latino-americana no cenário ecumênico mundial. O final do período é o marco da consolidação das iniciativas ecumênicas.

Cabe aqui comentar sobre as fontes consultadas e trabalhadas. Privilegiaram-se os periódicos de algumas igrejas evangélicas, como a Igreja Metodista do Brasil, a Igreja Presbiteriana do Brasil e a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, e de organizações ecumênicas.



Além desses periódicos, trabalhou-se também com documentos de comunidades locais (livros de atas, boletins, periódicos, documentos conciliares etc.), os quais constituem-se em fontes primárias e, muitas delas, inéditas, como é o caso do jornal *O Esforço Cristão*¹. As fontes primárias e inéditas foram de fundamental importância para a realização de todo o trabalho, pois indicaram pistas e trouxeram à luz igrejas, nomes e dados importantíssimos, e mostraram uma riqueza de informações que possuem. Sem elas, muitas abordagens realizadas neste trabalho ficariam simplesmente incompletas.

O movimento ecumênico na América Latina

O movimento ecumênico na América Latina é, em grande parte, decorrente da estratégia missionária mundial de propagar a fé cristã do início do século XX. Essa estratégia foi consolidada na Primeira Conferência Missionária Mundial, realizada na cidade de Edimburgo, capital da Escócia, em 1910. Naquele momento,

1 Esse foi o órgão oficial da União Brasileira do Esforço Cristão (Ubec). Sobre essa fonte, Reily, em sua obra *História documental do protestantismo no Brasil* (p. 154, nota 163), observa o seguinte: “O autor não conseguiu localizar nenhum exemplar de *O Esforço Cristão*, nem no Brasil e nem na sede mundial da organização, nos EUA”. Nesta pesquisa, porém, foram encontrados vários exemplares desse periódico no acervo do Centro de Documentação e História “Vicente Themudo Lessa”, da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, em uma coleção encadernada.



o protestantismo tinha como principal preocupação evangelizar os povos considerados pagãos, principalmente os habitantes da África e Ásia. Em decorrência disso, a América Latina não foi considerada uma região missionária. A conferência considerou o continente latino-americano como já “cristianizado” com a presença maciça e secular da Igreja Católica Romana. Diante de tal realidade, líderes de juntas missionárias estrangeiras, principalmente os das juntas que atuavam no continente latino-americano, consideraram tal decisão um equívoco, pois para eles a presença protestante deveria ser maior.

Além do que já foi mencionado anteriormente neste capítulo, o movimento ecumênico latino-americano tinha algumas especificidades em relação ao movimento missionário mundial, tais como: a liberdade religiosa e o pan-americanismo defendido pelos norte-americanos.

O protestantismo lutava contra o monopólio religioso da Igreja Católica Romana e buscava a liberdade religiosa que somente a ela era concedida. Ele sofria oposição por parte do catolicismo romano, mas enfrentava essa conjuntura buscando um tratamento igualitário, o que implicava um rompimento das regalias consideradas absurdas do clericalismo da Igreja Católica Romana, principalmente com a separação definitiva entre Igreja e Estado.



O pan-americanismo era o ideal pregado pelos norte-americanos desde o final do século XIX. A intenção estadunidense era aproveitar o mau momento vivido pela Europa, em virtude da devastadora guerra que assolava o continente no início do século XX, para disseminar sua ideologia liberal. Era baseado, principalmente, na doutrina de Monroe cujo objetivo era “A América para os americanos”. Houve vários congressos e conferências na América Latina para difundir esse ideal pan-americano (BASTIAN, 1986, p. 156).

Pelo que se pôde constatar, não houve um engajamento específico do protestantismo latino-americano com relação ao pan-americanismo. O protestantismo latino-americano utilizou-o como um excelente aliado na luta para conquistar a liberdade de culto.

Esses dois elementos são suficientes para afirmar que, mesmo influenciada pelo modelo missionário de Edimburgo, a estratégia missionária na América Latina teve contornos próprios. Portanto, falar do movimento ecumênico sem fazer menção à ação missionária protestante é um equívoco. Ela foi a principal mola propulsora do movimento ecumênico no início do século XX. Essa ação mobilizou as igrejas na América Latina, desde a base até a mais alta cúpula. Atingiu-se uma unidade sem precedentes, em prol dessa ação.

A partir dessa ação missionária, destacam-se duas constatações que sintetizam o movimento ecumênico no período escolhido para este estudo.

Unidade da propaganda evangélica

Nessa época, havia um grande empenho de todas as igrejas consideradas “de missão” para a propaganda evangélica. É evidente o engajamento geral, desde os membros das comunidades locais até as esferas de decisão das igrejas e também das juntas missionárias. No Congresso do Panamá, que marca o recorte inicial do período em apreço, o tema da unidade ocupava lugar central. É importante pontuar que essa unidade, no início do século XX, foi de fundamental importância para o protestantismo e, conseqüentemente, para o movimento ecumênico latino-americano. A princípio, a expressão pode soar estranha, pois a mais utilizada é evangelização ou ação missionária, mas, para entender melhor, lança-se mão de três elementos que deixarão claro o que se pretende com essa expressão.

Em primeiro lugar é muito importante constatar que as igrejas protestantes, frutos da ação missionária, principalmente dos Estados Unidos, tinham os seus discursos voltados para as classes que influenciavam as principais decisões da sociedade, ou seja, pessoas letradas e com nível socioeconômico privilegiado. Além



disso, havia o apoio dessa classe, que queria uma sociedade mais aberta e livre dos efeitos colaterais da relação entre a Igreja Católica Romana e o Estado. Portanto, a mensagem era para angariar o apoio dessas pessoas.

Outro ponto que merece destaque, em certa medida decorrente do anterior, é que as igrejas protestantes buscavam o prestígio e a legitimidade como nova expressão religiosa perante a sociedade e as autoridades governamentais para poder ter os seu *status* reconhecido, haja vista que o catolicismo romano era a religião que gozava de grande prestígio e estreita relação com o Estado.

Por fim, o tema da evangelização está no bojo do termo e é a principal iniciativa do protestantismo de missão. Era um ideal muito forte desde a base até a cúpula dessas igrejas. Utilizavam-se diversos métodos para propagar a fé evangélica na sociedade.

101

Postura contrária ao monopólio religioso

Com o objetivo de ter uma sociedade mais aberta e democrática, os protestantes propunham, como ponto de partida para a democracia, a quebra do monopólio religioso da Igreja Católica Romana. Esse passo inicial marcou a participação dos protestantes em um processo de democratização da sociedade latino-americana.



Segundo Bonino (1995), houve uma “associação” entre os missionários protestantes norte-americanos e os missionários e líderes nacionais. Essa aproximação teve um caráter de unidade em torno da expansão do protestantismo. Foi, portanto, a atitude de juntar forças para organizar o trabalho missionário protestante na América Latina.

Cabe ressaltar que, embora fosse recorrente no universo ecumênico, esse era um tema secundário, com menor ênfase que o anterior.

Panorama do movimento ecumênico no Brasil

A preocupação do movimento ecumênico, naquele momento, era principalmente o de converter “almas”. As concepções do evangelho social não tinham maior engajamento por parte desse movimento, no início do período em apreço. Ele mobilizava-se com maior intensidade no sentido de aumentar o número de fiéis no protestantismo. A partir de 1925, essa realidade começa a se modificar, e o evangelho social ganha espaço, porém o ideal missionário tem maior destaque.

A partir do Congresso de Montevidéu e da Conferência Mundial do Cristianismo Prático, o movimento ecumênico no Brasil e na América Latina começa a inserir em seus conceitos a dimensão de assistência social, que cresce pouco a pouco.



Os documentos da Conferência Universal do Cristianismo Prático, realizada em 1925, em Estocolmo, foram acolhidos mediante a divulgação de suas decisões nos meios de comunicação das igrejas² e de iniciativas decorrentes da assimilação do movimento Vida e Ação, que teve, na conferência supracitada, o seu marco inicial. No Congresso de Montevideú, discutiu-se a questão do evangelho social.

Diante desses fatos, cabe ressaltar que a sintonia do ecumenismo brasileiro e latino-americano com o movimento ecumênico mundial dava-se, não só pela via missionária (Conselho Missionário Internacional), mas também pela prática social (Movimento Vida e Ação). No entanto, a dimensão missionária era predominante. As iniciativas ecumênicas restringiam-se, de maneira geral, aos objetivos missionários.

O movimento ecumênico no Brasil seguiu os mesmos moldes do restante do continente latino-americano. Embora tivesse essa característica geral, possuía algumas particularidades que buscar-se-á evidenciar adiante.

O ecumenismo, enquanto união orgânica das igrejas, era um projeto que tinha os missionários estrangeiros e alguns nacionais como principais adeptos. A ideia

2 Conforme alguns exemplos que constam na seção Referências deste capítulo.

era fundir as igrejas evangélicas no Brasil, principalmente as do protestantismo de missão, extinguindo suas denominações, e criar a “Igreja Evangélica no Brasil”.

Esse modelo da união orgânica não passou de estudos e boas intenções por parte de alguns líderes de igrejas daquela época; na realidade, ela não se concretizou.

Por sua vez, o ecumenismo, enquanto unidade na diversidade, foi marcante no período em apreço. Antes do congresso do Panamá, ele dava os seus primeiros passos por meio da Aliança Evangélica Brasileira. Depois do evento do Panamá, porém, a força mobilizadora da cooperação orgânica entre as forças evangélicas – entenda-se igrejas e organizações ecumênicas daí decorrentes ou não, tais como Associação Cristã de Moços (ACM), Comissão Brasileira de Cooperação (CBC) etc. – foi tamanha que mobilizou o protestantismo em sua maioria.

Esse modelo ecumênico teve fortes defensores no meio protestante brasileiro. As igrejas evangélicas dispunham de seus melhores líderes para representá-las nas organizações que foram sendo criadas ao longo dos anos. Elas não mediram esforços para mobilizar suas igrejas locais e seus fiéis por meio de boletins e órgãos oficiais de imprensa, entre outros, publicando artigos para convocatórias, apelos, campanhas e propaganda, ou seja, espaço aberto para essas organizações divulgarem elas mesmas e suas atividades. Além disso, havia o compromisso financeiro



por parte das comunidades locais que coadunavam com os objetivos dessas instituições criadas antes e durante o Movimento do Panamá.

As igrejas evangélicas no Brasil e seus líderes queriam cooperar entre si, em uma proposta ecumênica sem perder suas características denominacionais. Havia o receio de negar sua origem, os princípios que as definiam como Presbiteriana, Metodista, Congregacional, Episcopal. O sentimento denominacionista, muito forte no protestantismo brasileiro, era trazido pelos missionários, principalmente pelos norte-americanos (REILY, 1993, p. 232).

Vivência ecumênica das comunidades locais na cidade de São Paulo

O ecumenismo das comunidades locais teve, no Congresso do Panamá, uma importante referência. Embora, no Brasil, já houvesse iniciativas de caráter ecumênico, como a União das Escolas Dominicais do Brasil (UEDB), o Esforço Cristão e a Aliança Evangélica Brasileira (AEB), criadas antes de sua realização, em 1916, é partir do Congresso do Panamá que a cooperação entre as igrejas tem um caráter de movimento articulado.

Os frutos do Congresso foram a sistematização e a organização da busca pela unidade cristã por meio de diversas iniciativas, principalmente por meio da Co-



missão Brasileira de Cooperação (CBC), que passou a liderar e exercer o protagonismo a partir de 1917. Portanto, é importante destacar que havia uma atitude de consenso e convergência como meio de promover a unidade, e o Movimento do Panamá potencializou esse espírito presente na maioria das igrejas protestantes da época. Esse movimento só foi possível porque estava em sintonia com os anseios das igrejas desde a base até o nível das maiores lideranças, transparecendo que foi um solo fértil, o qual produziu muitos frutos de unidade.

A assimilação e a ação ecumênica das comunidades locais

Demonstrou-se, nas linhas anteriores deste texto, o compromisso ecumênico existente nas comunidades locais protestantes. As suas atividades e a resposta engajada aos ideais ecumênicos são expressos em vários documentos. As comunidades locais mencionadas a seguir foram escolhidas porque são uma amostra fiel do cotidiano do protestantismo, concordando com a proposta desta reflexão. Elas foram as primeiras comunidades protestantes a serem constituídas em São Paulo. A escolha dessas comunidades não significa que somente elas tenham tido envolvimento ecumênico na cidade de São Paulo. Pelo contrário, por meio dos periódicos evangélicos pesquisados, existem indicativos que apontam para as mesmas evidências encon-



tradas em outras comunidades não tratadas nesta pesquisa, mas optou-se por elas pelo fato de já existirem de maneira sólida quando da realização do Congresso do Panamá.

IGREJA METODISTA CENTRAL

Essa igreja foi fundada em 10 de fevereiro de 1884 e foi a primeira Igreja Metodista em São Paulo. Por ela, passaram pessoas que pertenceram às lideranças do movimento ecumênico, entre as quais, Miguel Dickie, Guaracy Silveira e James Kennedy. A igreja tinha uma atuação ecumênica destacada no período discutido aqui. Sua vivência ecumênica está expressa em seus documentos e no órgão oficial da Igreja Metodista, o *Expositor Cristão*. Ela estava diretamente associada aos ideais ecumênicos em seus principais aspectos.

A partir dos documentos analisados dessa igreja, constata-se claramente a sua postura em relação à unidade evangélica, colocando como secundárias as questões denominacionais e priorizando a unidade na evangelização. Suas sociedades internas estavam consoantes com os objetivos do movimento ecumênico de sua época.

A Igreja Metodista Central contribuiu para o movimento ecumênico por meio de seus líderes, com uma vivência ecumênica e apoio por meio da cessão de seu



espaço para realização de vários eventos, desde reuniões até sessões de congressos ecumênicos.

PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE SÃO PAULO

Fundada em 5 de março de 1865, essa foi a primeira igreja evangélica a ser organizada em São Paulo. Suas atividades datam desde 1863 e estão ligadas ao pioneiro do presbiterianismo no Brasil, o missionário norte-americano A. G. Simonton em conjunto com os missionários A. Blackford e G. Chamberlain.

Nos documentos dessa igreja, constatou-se seu engajamento ecumênico por meio de suas sociedades internas. A sua participação ecumênica se faz presente em várias organizações, por exemplo, a importante colaboração na constituição da ACM em São Paulo e do Conselho Geral de Igrejas Evangélicas de São Paulo (CGIESP).

Por ela, passaram vários líderes ecumênicos, entre eles, Eduardo Carlos Pereira, Epaminondas de Melo Amaral, Bento Ferraz, Alfredo Borges Teixeira, Alberto da Costa, Adolfo Hempel, entre outros. Foram pessoas que participaram ativamente no movimento ecumênico.



IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DE SÃO PAULO

Essa igreja foi fruto de duas fusões. A primeira ocorreu em 18 de outubro de 1893, quando as congregações do bairro da Luz e da Liberdade se uniram, formando a Segunda Igreja Presbiteriana de São Paulo. A segunda fusão ocorreu entre essa igreja e a Igreja Presbiteriana Filadélfia, em 25 de agosto de 1900. A partir dessa segunda união, a igreja passou a chamar-se Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo (OLIVETTI, 2001, p. 29).

Assim como as outras, essa comunidade merece ser destacada pela sua atuação ecumênica e vocação missionária. Ela também tinha suas sociedades internas voltadas para a evangelização. Muitos líderes ecumênicos provinham dessa comunidade, tais como Mattathias Gomes dos Santos, Modesto Carvalhosa, Eliezer Santos Saraiva, André Jensen, Miguel Rizzo Junior, entre outros.

Indubitavelmente, essa comunidade local teve participação ativa no movimento ecumênico; suas sociedades internas e principalmente a de Esforço Cristão que reunia todas elas, são prova disso.

Espectro ecumênico na cidade de São Paulo

A partir do congresso do Panamá houve a intensificação evangelística e, em decorrência, a cooperação missionária. Essa intensificação é evidenciada na vida



das igrejas locais, por meio da escola dominical, na organização do trabalho leigo e na ação missionária. O ideal do Panamá foi se consolidando nas comunidades locais por meio de suas inúmeras iniciativas locais.

Além disso, como resultado dessa cooperação, surgiram algumas entidades com o ideal ecumênico nesse período. A seguir, serão apresentadas as principais iniciativas de cunho ecumênico na cidade de São Paulo.

CONSELHO GERAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS DA CIDADE DE SÃO PAULO (CGIESP)

O CGIESP foi organizado em 15 de setembro de 1919 e era composto pelas seguintes igrejas: Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente do Brasil, Metodista, Cristã Evangélica e Evangélica Paulistana. A representação das igrejas junto ao Conselho era feita por meio do pastor e dois representantes leigos para aquelas que tivessem até 200 membros. As igrejas que tivessem maior número tinham direito a mais um representante para cada cem membros.

Outro fator importante a ser destacado era o modo como as decisões eram tomadas. Em primeiro lugar, havia a necessidade de aprovação de dois terços dos votos dos representantes das igrejas, e, depois disso, as deliberações passavam pelo crivo das comunidades locais para a decisão final. Também era necessária a apro-



vação de dois terços dos membros dessas comunidades que se faziam representar no Conselho. As comunidades locais tinham o prazo de 15 dias para se decidirem sobre as questões propostas.

O financiamento desse conselho era feito mediante a contribuição das igrejas locais, que deveriam oferecer uma quantia correspondente a cada membro (mil réis) de sua comunidade. Além dessa cota de participação, havia o levantamento de ofertas em conferências, reuniões de oração e campanhas, ou por meio de ofertas específicas, como era o caso da coluna do jornal já mencionado anteriormente. Essa atitude evidencia o compromisso financeiro das comunidades locais.

A importância desse conselho para a vida ecumênica das comunidades locais da cidade de São Paulo foi grande. Trata-se da principal iniciativa realizada no período em estudo dentro dessa delimitação geográfica. As comunidades locais eram engajadas nele porque seus líderes provinham delas e a maioria dos temas por ele discutidos estava em total sintonia com elas, outros eram lançados como desafios para as mesmas. Além disso, as atividades promovidas por esse conselho eram, geralmente, realizadas nas dependências das igrejas, o que trazia uma proximidade muito grande com elas.



ESFORÇO CRISTÃO

O Esforço Cristão iniciou suas atividades por meio de um grupo de jovens nos Estados Unidos com o objetivo de evangelizar as pessoas. Essa iniciativa partiu de jovens da Igreja Congregacional da Portland, em 1881, tendo como fundador o pastor dessa igreja, Francis E. Clark. Em 1895, já existiam sociedades organizadas ao redor do mundo e foi constituída a União Mundial do Esforço Cristão (Umec).

No Brasil, o Esforço Cristão chegou com os missionários norte-americanos e se constituiu em 16 de janeiro de 1898, na Igreja Presbiteriana da cidade de Curitiba, sob o nome de Lidadores Cristãos (O ESTANDARTE, 1922, p. 12), a primeira Sociedade de Esforço Cristão no Brasil. Embora tenha iniciado no Paraná, o Esforço Cristão teve em São Paulo, principalmente na capital, a sua maior força de atuação. Em 1903, organizou-se nacionalmente, em uma Convenção Nacional, com 21 sociedades locais organizadas em vários estados, constituindo-se a Ubec. Seu órgão oficial era *O Esforço Cristão*, que tinha periodicidade mensal, e sua sede era em uma das salas cedidas pela ACM de São Paulo. Ela tinha um interessante moto: “Por Cristo e pela Igreja”. Esse moto expressa bem o caráter ecumênico e evangelizador. Ecumênico porque seu ideal era atuar por Cristo, portanto, inter-



denominacional; e, pela igreja, como um caráter missionário com o fim específico de evangelizar.

O Esforço Cristão era uma sociedade evangelística que unia as forças leigas das igrejas evangélicas, principalmente, a juventude. Seu principal mérito era reunir os jovens protestantes para o trabalho de evangelização. Para isso, contava com as sociedades internas de juventude das comunidades locais, que promoviam em conjunto as atividades de evangelização das mais variadas formas. Suas atividades tinham apoio das lideranças das igrejas e dos líderes do movimento da época. Além disso, as lideranças e os membros também apoiavam participando e dando ofertas para suas atividades. Esse fato é constatado nos documentos analisados (OLIVETTI, 2001, p. 1-2).

Mesmo sendo absorvida posteriormente por outras entidades, a Ubec trouxe grande contribuição para o amadurecimento das relações ecumênicas no Brasil e, principalmente, em São Paulo, pois uma de suas propostas era a atuação evangelística conjunta dos leigos na sociedade, fora das quatro paredes do templo. Ela conseguiu mobilizar a juventude das igrejas locais no ideal ecumênico da época. Outro mérito do Esforço Cristão foi conseguir unir jovens e adultos em um mesmo objetivo e nas mesmas atividades, embora a participação da juventude fosse maior.



Considerações finais

Antes de qualquer conclusão, é importante reafirmar que o movimento ecumênico da época em apreço tinha como principal característica o ideal missionário, que pode ser compreendido dentro do universo latino-americano a partir de dois aspectos:

1. **Unidade na propaganda evangélica:** Essa dimensão era a principal característica do movimento ecumênico por meio das mais variadas iniciativas e organizações ecumênicas. Todas elas, sem exceção, tinham como fim “propagar o evangelho a toda a criatura”. Essa era a dimensão de missão da igreja.
2. **Combate ao monopólio religioso:** Esse objetivo era importante, porém não prioritário como o anterior. Esse ideal fez com que o protestantismo se unisse para combater os favorecimentos considerados “ilícitos e ilegais” de acordo com as leis vigentes. De acordo com a ética protestante, Igreja e Estado jamais deveriam se misturar. Portanto, o protestantismo não combatia a Igreja Católica Romana, mas o clericalismo e o favorecimento recebidos por ela. Além desse aspecto, o anticatolicismo protestante incluía combate àquilo que os protestantes consideravam atitudes contrárias ao verdadeiro cristianismo. Isso incluía doutrinas que o protestantismo havia abolido



durante a reforma, entre as quais podemos citar a adoração aos santos, especialmente o culto à Maria, o clericalismo, o sacramento da ordem, o favorecimento político da Igreja pelo Estado e, posteriormente, o dogma da infalibilidade papal.

As comunidades locais repercutiam essas polêmicas típicas da relação entre o protestantismo e o catolicismo romano antes do Concílio Vaticano II. No entanto, o engajamento missionário das comunidades locais não se restringia a elas. A atitude ecumênica pressupunha um ideal missionário. E isso implicava ir “por todo mundo” e pregar “o evangelho a toda criatura”. Toda comunidade local tinha esse objetivo enraizado em suas ações na Escola Dominical, nas sociedades internas, em seu compromisso financeiro etc. A dimensão ecumênica passava necessariamente por esse ideal missionário, o qual, por sua vez, contemplava a evangelização, a responsabilidade social e o engajamento pela liberdade de culto, como consolidação de uma sociedade mais justa.

As questões doutrinárias especificamente denominacionais não estavam na pauta dos debates. Todas as iniciativas de discussão doutrinária, visando uma união orgânica das denominações protestantes, não progrediram. Apenas o modelo de unidade na diversidade funcionou.



Essas questões são identificadas nas discussões dos Congressos Continentais e seus desdobramentos. Nesse processo, as comunidades locais participaram de diversas formas: financiando e enviando os seus líderes, organizando congressos, cedendo seus espaços para o debate dos temas da atualidade e abrindo seus periódicos para o debate ecumênico. Havia uma sintonia direta, com exceções, entre as temáticas discutidas no movimento ecumênico e o cotidiano das comunidades locais. Assim, podemos concluir que o projeto missionário proposto pelo CCLA foi absorvido pelas comunidades locais. Toda comunidade local tinha uma atuação missionário-evangelística, pois, na época, missão era sinônimo de evangelização. Outro claro indício da influência do Movimento do Panamá nas comunidades locais refere-se à questão do monopólio religioso. Nesse particular, percebe-se que no continente latino-americano havia uma certa uniformidade sobre o tema, na medida em que repercutiam os documentos dos congressos continentais.

No âmbito brasileiro, pode-se concluir que as diversas iniciativas ecumênicas tinham a participação direta e indireta dos membros dessas comunidades. O modelo ecumênico da “unidade na diversidade” favoreceu o engajamento e estimulou o interesse das comunidades locais na questão ecumênica. As comunidades locais engajavam-se nas campanhas evangelísticas, independentemen-



te da denominação que as promovia, ou se era promovida por uma entidade ecumênica.

Finalmente, por meio do exemplo da cidade de São Paulo, cabe ressaltar que essa cidade possuía uma intensa dinâmica ecumênica na época em estudo, sedian-
do vários debates e eventos ecumênicos. Muitas iniciativas ecumênicas tinham em São Paulo seu marco inicial, como foi o caso do Esforço Cristão e da Aliança Evangélica Brasileira. As igrejas locais tinham, em sua organização, sociedades internas totalmente sintonizadas com o movimento ecumênico. Entre os exemplos, podem-se citar as Escolas Dominicais, em consonância com a UEDB; as sociedades internas de Esforço Cristão, em sintonia com a Ubec etc. O engajamento também se dava no debate sobre temas em esfera continental, como era o caso da Semana Universal de Oração, promovida pela Aliança Evangélica Mundial.

Por sua vez, as comunidades locais participavam diretamente das decisões das organizações ecumênicas, pois eram representadas por seus membros quer como delegados, quer como membros da diretoria. Além disso, discutiam-se, dentro dessas comunidades, as propostas a serem apresentadas ao movimento ecumênico e as decisões divulgadas internamente por meio de seus meios de comunicação (boletins e revistas).



Os indicativos apresentados, portanto, constataam que a vivência ecumênica na base das igrejas era real e intensa. O ideal missionário-ecumênico teve forte assimilação por parte das igrejas locais. O engajamento, demonstrado ao longo do trabalho, mostra de forma contundente que as relações entre o movimento ecumênico e as comunidades locais se davam de maneira contínua e natural.

Finalizando, não se pretende minimizar a importância do anticatolicismo como um entrave a um ecumenismo ainda mais abrangente. A problematização dessa questão extrapolaria o proposto aqui. No mais, é necessário lembrar que a Igreja Católica Romana só teve uma abertura ecumênica clara e objetiva a partir do Concílio Vaticano II, como demonstram seus documentos oficiais:

118

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica empenhou-se, de modo irreversível, a percorrer o caminho da busca ecumênica, colocando-se assim à escuta do Espírito do Senhor, que ensina a ler com atenção os “sinais dos tempos” [...]. A Igreja Católica reconhece e confessa as fraquezas dos seus filhos, consciente de que os seus pecados constituem igualmente traições e obstáculos à realização dos designios do Salvador. Sentindo-se constantemente chamada à renovação evangélica, ela não cessa de fazer penitência (JOÃO PAULO II, 1995, p. 7).



Depois dessa abertura, o universo ecumênico se ampliou e tomou novos contornos e iniciativas. Houve uma mudança na concepção de movimento ecumênico. A memória da contribuição das comunidades protestantes pela causa ecumênica não deve ser preterida, quando se discute o ecumenismo pretendido atualmente.

Referências

BASTIAN, J. P. *Breve historia del protestantismo en America Latina*. Mexico: SCP, 1986.

BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo Latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995.

EXPOSITOR CRISTÃO. 23 set. 1925, n. 38, p. 6; 2 dez. 1925, n. 48, p. 6; 9 dez. 1925, n. 49, p. 5-6; 16 dez. 1925, n. 50, p. 9; 23 dez. 1925, n. 51, p. 10; 30 dez. 1925, n. 52, p. 8-10.

GALLIANO A. G. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

JOÃO PAULO II. *Ut Unum Sint*. Carta Encíclica sobre o empenho ecumênico. São Paulo: Paulus, 1995.

NAVARRO, J. B. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995.

OLIVETTI, O. *Na esteira dos passos de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

O ESTANDARTE. 2 nov. 1922, n. 44, p. 12; 16 out. 1925, n. 42, p. 13; 22 out. 1925, n. 43, p. 6-7; 24 dez. 1925, n. 52, p. 3-4.

REILY, D. A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1993.



O Congresso Missionário da Obra Cristã na América Latina (Panamá, 1916) e seu impacto no protestantismo de missão no Brasil

Leonildo Silveira
Campos

Doutor em Ciências da Religião pela Umesp. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UPM. Autor de artigos em revistas especializadas sobre protestantismo e temas ligados às Ciências da Religião. Pesquisador do Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM.

Introdução

Já se passaram 100 anos desde o encerramento do Congresso da Obra Cristã na América Latina, realizado no Panamá, em 1916. A comemoração do centenário do evento é uma boa oportunidade para verificarmos os seus efeitos e desdobramentos durante esse período e identificarmos quais de seus ideais foram colocados em prática ou incorporados à mentalidade protestante e suas formas de viver o cristianismo reformado no Brasil (MENDONÇA, 2002, p. 1063)¹.

1 Mendonça (2002) considera que a história do movimento ecumênico e as dificuldades para a sua expansão no Brasil precisam ser analisadas à luz, não somente da tradição protestante, mas também dos efeitos do Congresso do Panamá. Por isso, é preciso registrar que o protestantismo brasileiro pós-Panamá continuou sendo avesso a quaisquer proximidades com a Igreja Católica.



Os historiadores do protestantismo consideram que esse evento teve o maior impacto no cenário religioso desenhado pela ação do missionarismo protestante na América Latina, na segunda metade do século XIX. Arturo Piedra (2006, p. 159), em sua análise sobre as razões que justificaram e promoveram a expansão missionária protestante entre 1830-1960, considera o Congresso não somente o “início de um grande movimento”, mas também a manifestação de que a América Latina nunca mais seria “um continente abandonado” pelas agências missionárias norte-americanas.

Parte dos relatos sobre a elaboração e a realização daquele evento foi registrada em três volumes publicados em 1916 sob o título *Christian Work in Latin America* pelo *Committee on Cooperation in Latin America e The Missionary Education Movement*, de Nova York. Além desses textos, há em português o relato de Erasmo Braga intitulado *Pan-Americanismo: aspecto religioso*, impresso em Nova York naquele mesmo ano. Há também como rastrear o evento aqui analisado tomando como base o que foi publicado nos jornais evangélicos brasileiros, especialmente em *O Estandarte*, da Igreja Presbiteriana Independente Brasileira (IPIB); *O Expositor Cristão*, dos metodistas; e no *Puritano*, da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Esses jornais são fontes preciosas para investigações a respeito desse tema.

Houve ainda publicações em jornais seculares de São Paulo e do Rio de Janeiro a respeito da participação de brasileiros no Congresso do Panamá ou trazendo

artigos com a impressão de cada um deles sobre os acontecimentos. Do Brasil, também seguiram alguns missionários presbiterianos e metodistas que atuavam no país. Porém, brasileiros nativos foram somente três, e todos eles presbiterianos. Dois da IPB: Erasmo Braga e Álvaro Reis; e um da Igreja Presbiteriana Independente Brasileira: Eduardo Carlos Pereira².

Neste texto, pretendemos apontar algumas consequências daquele Congresso para o protestantismo latino-americano, em particular o brasileiro. Acreditamos ser importante para a sua devida compreensão levar em consideração o cenário histórico, político, geográfico e religioso, em que o evento aconteceu. Isso porque o contexto em que estavam inseridos os agentes e instituições missionários, desde o início daquela tumultuada década, apresenta um conjunto de fatores que explicam algumas decisões e rumos tomados pelos protestantes brasileiros nos 25 anos posteriores.

2 *O Estandarte* (25 de maio de 1916), durante os meses de fevereiro e maio, apresentou o relatório da campanha financeira para levantamento de fundos que custeassem as despesas de viagem do representante da IPI, o pastor da primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo, o reverendo Eduardo Carlos Pereira. O valor orçado para a viagem de Pereira foi três contos de reis, que seria obtido por meio de uma campanha nacional. Porém, até maio de 1916, quando os brasileiros voltaram à vida rotineira no Brasil somente dois contos e cento e trinta e cinco mil reis tinham sido arrecadados. Não encontramos relatos sobre o financiamento da viagem dos dois representantes presbiterianos. É provável que pelo menos as despesas de Erasmo Braga tenham sido pagas pelo Comitê de Cooperação da América Latina.



Ao estudar os resultados do Congresso Missionário de 1916, há de se levar em conta as dificuldades e desafios locais na avaliação dos resultados concretos para as igrejas e denominações implantadas e, até então, sustentadas quase que exclusivamente com recursos financeiros norte-americanos. Conseqüentemente, as dificuldades se tornavam gigantescas, especialmente quando os nacionais eram desafiados a colocar as mãos nos bolsos e ajudar a financiar a expansão das atividades encetadas. Naquela época, somente a pequena e fraca Igreja Presbiteriana Independente Brasileira tentava praticar um projeto de autonomia e autossustento, e isso com muitas dificuldades.

A historiografia protestante normalmente começa o estudo daquele Congresso fazendo alusões à Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, realizada na Escócia, em 1910. Isso porque, no evento da Escócia, pessoas e instituições envolvidas no trabalho missionário se dividiram quanto às formas de classificação dos territórios a serem alcançados pela ação missionária. A América Latina não foi considerada “terra de missão”, visto que já seria um continente cristão devido à presença católica desde a sua colonização. Por essa razão, deveriam ser considerados territórios missionários apenas os países “pagãos” da África, Ásia e Oceania.



Embora as agências missionárias tenham saído dividas da Escócia, todas concordavam com as opiniões expressas por J. W. Tarboux, missionário metodista no Brasil, em uma carta endereçada aos metodistas brasileiros, conforme publicado no *Expositor Cristão* (28 de julho de 1910):

1 - a tarefa é extraordinariamente grande; 2 - é tão grande que a Igreja, dividida como está, não pode conseguir a obra; 3 - pela Igreja, unida em simpatia e cooperação, e tendo a presença e benção do Altíssimo, a obra, por mais difícil que seja, pode ser feita.

Começava a ganhar corpo entre os protestantes, teólogos, missionários e lideranças, a ideia de que os cristãos reformados precisavam levar a sério a oração proferida por Jesus antes de sua morte: “a fim de que todos sejam um [...] para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21).

A realização do Congresso do Panamá, portanto, aprofundou a divisão existente entre as agências missionárias e a direção para onde caminhavam as forças protestantes europeias e norte-americanas daquela época. A preferência das agências norte-americanas pela América Latina encontrou guarida no sentimento anticatólico então existente no continente latino-americano, expresso com bas-



tante força nas apresentações e argumentações de Eduardo Carlos Pereira (1949). Para ele, os povos latinos eram vítimas de um cristianismo deteriorado. Portanto, a cooperação na obra de cristianização continental deveria passar longe das centenárias atividades do catolicismo romano.

Porém, quando se planejou e se realizou o Congresso do Panamá, o Ocidente passava por uma crise sem precedentes desde 1914, ano que marcou o início da Primeira Grande Guerra Mundial. A crueldade e os quatro anos de duração dessa guerra criaram desafios econômicos, políticos e culturais, os quais a América parecia apenas observar de longe. Essa distância, no entanto, foi só aparente, pois, na relação de acontecimentos históricos importantes para o exame das causas e resultados do Congresso do Panamá, estavam: justamente a explosão da Primeira Guerra Mundial, a implantação de um regime marxista-leninista na Rússia, as tensões não resolvidas na Europa decorrente do estado de guerra, o surgimento das sementes do totalitarismo fascista, nazista e stalinista, assim como os efeitos da presença do imperialismo e do colonialismo em vários continentes.

Nesse sentido, a história das missões protestantes modernas, em especial desde o Congresso de Edimburgo (1910) e do Congresso do Panamá (1916), está inserida nas grandes transformações que ocorriam e continuariam ocorrendo no



mondo. A América Latina sofreria entre o final da Primeira Guerra Mundial (1918) e o início da Segunda Guerra Mundial (1939) as consequências de uma guerra que não experimentou diretamente, porém os problemas sociais, econômicos e políticos do continente seriam agravados. Assim, os reflexos da crise mundial foram sentidos na América Latina na diminuição de recursos, o que talvez tenha incentivado a busca de cooperação, até em termos de divisão territorial, como referenciaremos logo adiante.

No cenário religioso, eclesial e teológico, engatinhavam e se robusteciam alguns movimentos que marcariam o cristianismo do século XX: o liberalismo teológico, com as suas propostas ecumênicas e ênfases em um evangelho social, o socialismo cristão, o fundamentalismo e o pentecostalismo. Nesse contexto, surgiu uma forma de pensar que recebeu o nome de “evangelicalismo”, um movimento com pretensão de fazer o meio de campo entre o liberalismo, que resultaria no moderno movimento ecumênico, e a reação conservadora do fundamentalismo teológico. Entre eles se entremeava o Pentecostalismo, com a sua ênfase nas emoções, tornando-se cada vez mais no Protestantismo do Espírito.

Quando da realização do Congresso do Panamá, fortalecia-se na América Latina, a olhos vistos, a influência econômica, política, militar e cultural dos



Estados Unidos da América do Norte, de onde procedia a maior parte dos missionários protestantes que operavam no continente. As intervenções militares norte-americanas ao sul do Rio Grande, desde o final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, geraram atitudes contrárias e desconfiança quanto à presença americana no continente, inclusive por meio de seus missionários³.

Do esforço desenvolvido pelos Estados Unidos para reduzir essa reação nacionalista, surgiram estratégias diplomáticas e ideológicas batizados de “pan-americanismo”. Segundo Arturo Piedra (2008, p. 11), o pan-americanismo se tornaria um dos principais fatores para o surgimento do Comitê de Cooperação na América Latina (CCLA) e, conseqüentemente, para o planejamento, realização e implementação das decisões do Congresso do Panamá (1916). Ainda segundo Piedra (2008, p. 59ss), um dos grandes idealizadores do Congresso, o pastor presbiteriano Samuel Guy Inman (1877-1965), além de ter sido o homem forte do CCLA por décadas, era uma pessoa muito ligada ao

3 Como exemplo da intervenção militar dos Estados Unidos na América Latina, os historiadores citam a guerra contra a Espanha pela posse de Cuba; o estímulo à independência de uma parte do território da Colômbia, formando a República panamenha, com a promessa da cessão por quase 100 anos do território para a construção do Canal do Panamá (inaugurado em 1914) pelos norte-americanos. No entanto, desde o começo do século XIX, os Estados Unidos não faziam segredo de dois objetivos: “a América para os americanos” e o “destino manifesto”.

Departamento de Estado americano e da estratégia política voltada à divulgação da ideologia pan-americanista como proposta de união da América de origem ibérica à América inglesa⁴.

Assim, era difícil desvincular o esforço missionário norte-americano e protestante no continente do projeto de política externa dos Estados Unidos e das tentativas de disseminação do pan-americanismo⁵. Para alguns dos participantes do

4 Samuel Inman Guy tornou-se um dos principais conselheiros do Presidente Theodor Roosevelt no que se refere ao estabelecimento de uma política de boa-vizinhança com os países latino-americanos e não a conquista militar, pura e simplesmente. Ocupou a função de Secretário Executivo do CCLA até 1930.

5 A ligação entre o movimento missionário e as políticas imperialistas foi um tema muito explorado, em várias épocas do século XX, especialmente pelos apologistas do Catolicismo, que procuravam atribuir ao Protestantismo um papel de destruidor da base cultural latina, que religiosamente se expressaria no catolicismo romano. Waldo A. César, Richard Shaul, Orlando Fals Borda e Beatriz Muniz de Souza, embora em uma perspectiva protestante, elaboraram desafiantes ensaios sobre o *Protestantismo e imperialismo na América Latina*. Em seu ensaio, Waldo César (1968, p. 12) foi contundente: “O protestantismo latino-americano, portanto, aqui se estabelece no bojo de uma invasão estrangeira e traz as marcas do sectarismo e do individualismo que o caracterizaram. Resultou, pois, numa aculturação que nada tem a ver com a nossa origem e formação histórica, e num subproduto das conquistas políticas, econômicas e culturais dos séculos passados”. Arturo Piedra (2008, v. 2, p. 20), em obra publicada em dois volumes pela Editora Sinodal e Clai, retoma os mesmos pressupostos: “[...] o sucesso da expansão internacional das agências missionárias unia-se à conquista das políticas expansionistas das nações cristãs protestantes [...] o internacionalismo das instituições missionárias fundiu-se com o imperialismo das potências ocidentais”.

Congresso de 1916, o protestantismo se confundia com a busca da unidade continental. É significativo o título do livro escrito por Erasmo Braga (1877-1932): *Pan-Americanismo: aspecto religioso*. No entanto, as intervenções norte-americanas afetaram em muitos momentos a tentativa de aproximação dos Estados Unidos com os países latino-americanos.

Entretanto, já no final da década de 1920, começou a ganhar corpo no continente uma frustração com o pan-americanismo que passou a ser visto como uma ideologia que caminhava *pari passo* à política externa e aos interesses econômicos dos norte-americanos. Não foi por acaso que surgiram, desde então, governos e reações nacionalistas no Brasil, México, Guatemala, Peru, e em outros países. tanto no final dos anos 1920 quanto durante toda a década seguinte⁶.

Fica claro, portanto, que os desafios para a implantação de todas as propostas aprovadas no Panamá eram grandes. Havia no olhar de quase todos os participantes um grande “problema na América Latina”, o qual a ação missionária protestante deveria enfrentar: a hegemonia da Igreja Católica. No entanto, outros

6 No Brasil, em 1930, iniciou-se o ciclo Vargas, marcado por um nacionalismo de base populista, assim como no México, com o governo nacionalista de Lázaro Cárdenas, de 1934 a 1940. Esses e outros eventos políticos começaram a erodir a relativa permeabilidade da ideologia do pan-americanismo fora dos Estados Unidos.

problemas pareciam enormes, tais como: o divisionismo e o sectarismo dos vários grupos protestantes no continente e as dificuldades na inclusão dos batistas e adventistas no projeto de cooperação. Portanto, o pano de fundo para a realização do Congresso e, depois, para a aplicação de suas propostas nos vários países da América Latina permitiria a concretização de somente uma parte do que foi planejado, e isso entre lutas e conflitos, inclusive dentro das igrejas e entre igrejas e denominações resultantes do trabalho missionário.

Por sua vez, a cooperação dos protestantes brasileiros em alguns setores, como educação e saúde, já vinha sendo colocada em prática desde as últimas décadas do século XIX. Em abril de 1890, por exemplo, os presbiterianos de São Paulo, apoiados por alguns outros protestantes, decidiram construir um primeiro hospital evangélico na cidade. Em 1894, foi inaugurado o Hospital Samaritano. Em 1890, fundou-se a Aliança Evangélica de São Paulo, conforme *O Estandarte* (janeiro e julho de 1903), *Expositor Cristão* (maio de 1903) e Vicente Themudo Lessa (1938, p. 359).

Uma notável entidade voltada para o trabalho entre os jovens iniciou as suas atividades no Brasil, primeiro no Rio de Janeiro e, em seguida, em São Paulo, no ano de 1893: a Associação Cristã de Moços. Erasmo Braga (1916, p. 36-37), que atuou na Associação como secretário-executivo, se refere às suas finalidades



e importância ressaltando as suas ligações com a ação evangelizadora. Foi criada, em várias regiões, uma rede de hospitais evangélicos, sempre como resultado da cooperação de diversas denominações protestantes: Rio de Janeiro (1912), Goiás (1927), Pernambuco (1929), Sorocaba (1935), Rio Verde (1937), Curitiba (1943), Londrina (1948), Bahia (1961), entre outras. Em relação à educação dos filhos da Igreja e dos demais não católicos, o Mackenzie College se apresentava em São Paulo como um polo de atração privilegiado.

Um grande nome puxou no Brasil, com muito entusiasmo, o fio dos acontecimentos em direção à realização dos projetos nascidos do Congresso do Panamá. Seu nome era Erasmo Braga, ministro presbiteriano, educador e teólogo⁷. Depois de sua morte prematura, em 1932, praticamente só mais uma realização pôde ser atribuída ao legado do Panamá e ao Comitê Brasileiro de Cooperação que representou os anseios compartilhados naquele Congresso: a organização, em 1934, da Confederação Evangélica do Brasil (CEB), um empreendimento interdenominacional cuja atuação durou pouco mais de 30 anos, tendo desapa-

7 Dois historiadores presbiterianos produziram excelentes biografias de Erasmo Braga: Alderi Souza de Mattos, *Erasmo Braga, o Protestantismo e a Sociedade Brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja* (2008), e Julio Andrade Ferreira, *Profeta da unidade: Erasmo Braga uma vida a descoberto* (1975).

recido no final dos anos 1960, nos primeiros anos da Ditadura Militar no país (1964-1985).

Vejamos, então, alguns dos objetivos ali propostos e o que foi realizado plenamente ou apenas em partes.

Os ecos do Congresso do Panamá no Brasil

Encerrado o Congresso do Panamá, os seus participantes se dividiram em comissões e se lançaram imediatamente à tarefa de divulgar e colocar em prática os ideais ali acalentados. Entretanto, o cenário e o contexto em que as tentativas de concretizá-los deveriam se dar em uma situação de rápidas e profundas mudanças. Algumas delas eram decorrentes da própria tragédia que ocorria na Europa, outras estavam ligadas às condições de subdesenvolvimento em que viviam as populações latino-americanas e ao enraizamento profundo da cultura ibérica e católica.

Nos anos seguintes, além da entrada de novos agentes políticos no cenário histórico, como o comunismo na Rússia, o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, o panorama econômico também se tornava confuso. A economia mundial caminhava para uma crise sem precedente no sistema capitalista. Em 1929, haveria a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, que daria início à grande depressão



dos anos 1930, e, no final da década, viria uma Segunda Grande Guerra (1939-1945). Esse foi o difícil contexto político e econômico em que as decisões tomadas no Congresso do Panamá, em 1916, sobre a evangelização na América Latina, deveriam ser colocadas em práticas.

Congressos regionais latino-americanos: Peru, Chile e Argentina

Logo após o encerramento do Congresso da Obra Cristã na América Latina, iniciaram-se as atividades para tornar realidade as propostas apresentadas pelas oito comissões nomeadas para isso: Pesquisa e Ocupação; Mensagem e Método; Educação e Literatura; Trabalho Feminino; Igreja no Campo; Base Missionária; Cooperação e Unidade; e Preparação dos Missionários⁸.

Assim, as discussões e decisões tomadas pela liderança e atores interessados na ação missionária protestante no Congresso do Panamá foram apresentadas ao pro-

⁸ A Conferência de Edimburgo (1910) também trabalhou com oito comissões e algumas delas tiveram seus nomes e propósitos copiados pelo Congresso do Panamá. As comissões que assessoraram os trabalhos na Conferência Mundial de Missões foram: Levando o Evangelho a todo o mundo não cristão; A Igreja no campo missionário; Educação em relação à cristianização da vida nacional: a mensagem missionária em relação as religiões não cristãs; A preparação dos missionários; As bases locais da ação missionária; Missões e governos; Cooperação e promoção da unidade (Cf. BENT; WERNER, 2002, p. 359-373; MATTOS, 2008, p. 202ss).



testantismo local em reuniões (congressos regionais) realizadas em diversas capitais latino-americanas. Alguns dos participantes, especialmente os três brasileiros, Álvaro Reis, Erasmo Braga e Eduardo Carlos Pereira, vieram do Panamá navegando pela costa do Pacífico, participando de congressos locais em Lima e Santiago. Do Chile, foram para Buenos Aires de trem, seguindo da Argentina para o Rio de Janeiro de navio.

Os jornais *O Expositor Cristão*, *O Estandarte* e *O Puritano* publicaram as observações registradas pelos participantes brasileiros. Eduardo Pereira, por exemplo, detalhou em vários artigos como se desenvolveram os Congressos Regionais em Lima, Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Erasmo Braga (1916, p. 169-178) também o fez, ressaltando que esses eventos foram minuciosamente planejados pela organização do Congresso do Panamá. Parte da delegação se dirigiu para países da América Central, enquanto outra parte, a mais produtiva segundo Braga (1916, p. 170), percorreu a América do Sul sob a liderança de A. W. Halsey.

O clima cultivado no Panamá e que se pretendeu levar para outros pontos do continente entusiasmou até mesmo o desconfiado Eduardo Carlos Pereira, que registrou em *O Estandarte* (24 de março de 1916) o clima então disseminado entre os protestantes: “Nota-se, por toda a parte, nos elementos evangélicos, desde Panamá,



um desejo ardente de união, cooperação e confraternização. É um acordar animador. O Espírito do Senhor, que desperta esse desejo, dará a seu povo o meio de realizá-lo [...]”. No entanto, o “agir do Espírito” se daria em uma direção inesperada, justamente tendo à frente aqueles que estavam à margem dos principais paradigmas e das mais representativas denominações que atuavam no continente: os pentecostais.

1º Congresso Regional de Ação Cristã no Rio de Janeiro (1916)

Partindo de Buenos Aires, um grupo de participantes do Congresso do Panamá seguiu de navio direto para o Rio de Janeiro, onde, a partir do dia 12 de abril de 1916, aconteceu o 1º Congresso Regional do Rio de Janeiro. A sessão inaugural ocorreu no templo presbiteriano, o mais antigo da então Capital Federal. O Brasil possuía 500 igrejas organizadas, 284 templos, 185 ministros nacionais ordenados, 47 mil membros comungantes, 289 missionários, dos quais apenas 92 eram ministros ordenados⁹. Não foram incluídos, segundo Eduardo Carlos Pereira

9 Nos dados estatísticos apresentados no Panamá e no Congresso Regional do Rio de Janeiro, não incluíam os luteranos, pois se tratavam de fiéis pertencentes a igrejas resultantes da imigração alemã no Brasil. Hans-Jürgen Prien (2001) mostra que, no período do Congresso do Panamá, os luteranos de várias origens estavam à procura de uma unidade institucional, isto é, estavam em um período de formação da Igreja Evangélica no Brasil; às voltas com proibições decorrentes da declaração do governo brasileiro de estado de guerra com a Alemanha. No entanto, as relações entre o bispo anglicano

(*O Estandarte*, 21 de setembro de 1916), os “sabatistas e outros grupos heréticos, que são pedras de escândalo ao trabalho, e nos fazem de norte a sul um cerrado proselitismo dissolvente”.

Participaram desse Congresso, segundo Braga (1916, p. 176),

[...] elementos evangélicos que parecia recentemente difícil congregar; o Embaixador americano, que esteve no culto de abertura e ofereceu uma recepção na embaixada aos visitantes de sua nacionalidade; a presença do antigo redator do *Jornal do Comércio*, José Carlos Rodrigues, “jornalista, erudito investigador da Bíblia [...] philanthropo” bem conhecido pela sua profícua ação social.

137

Braga (1916, p. 177), no entanto, com um olhar severo da ética puritana, observou que os quarteirões próximos ao templo presbiteriano, onde se reuniu o

e os luteranos do Sul brasileiro não eram tão pacíficas. A ideologia do pan-americanismo parecia não atingi-los, visto que estavam imunes às preocupações com uma eventual união latino-americana. Muito pelo contrário, os luteranos estavam às voltas com o pan-germanismo. Porém, segundo Eduardo Carlos Pereira (*Correio Paulistano* reproduzido por *O Estandarte*, 8 de junho de 1916), o pan-americanismo estaria “na ordem do dia”, pois “amiudavam-se os congressos, os discursos, os artigos, os livros, que exaltavam o seu nobre ideal”, esse ideal não havia contaminado e nem incluído os fiéis luteranos e suíços de origem alemã. Em outras palavras, excluía-se as igrejas protestantes étnicas.



Congresso Regional, estavam cheios “de meretrizes que formigavam na rua, com vestuário apenas necessário para satisfazer a uma polícia condescendente”. Braga (1916) reclamou ainda que o evento não foi “convenientemente representativo”, apontando a realização em datas próximas de alguns concílios das várias igrejas; o atraso na expedição da comitiva que viajou de navio de Buenos Aires ao Rio de Janeiro; e a pressa dos norte-americanos para chegarem ao seu país a tempo de participarem de seus respectivos concílios.

Entre os importantes temas debatidos no Rio de Janeiro, podemos elencar alguns que resultaram de apresentações de “teses” por alguns dos vários preletores: Eduardo C. Pereira falou contra quaisquer tipos de aproximação com a Igreja Católica¹⁰ e enfatizou o desafio do sustento próprio na tarefa de evangelização do Brasil. Por sua vez, Samuel Gammon falou sobre a cooperação no campo da evangelização, das publicações e da educação. Erasmo Braga, profundamente envolvido com a educação religiosa e secular, dissertou sobre a produção de literatura e educação. Houve o registro de um voto de pesar pelos sofrimentos provocados pela continuidade da Guerra na Europa.

10 O texto de Pereira (“Nossa attitude para com a Egreja Romana”) apresentado no Rio de Janeiro sobre a Igreja Católica foi publicado na íntegra em *O Estandarte* (11 de maio de 1916). As ideias ali esboçadas serviram de base, posteriormente, para a elaboração do livro *O problema religioso da America Latina*, impresso alguns meses após a sua morte, em 1923.

Pereira, em *O Estandarte* (21 de setembro de 1916), enfatizou o esforço em prol da “união e cooperação”, mas temia a perda de princípios e a dissolução de dogmas como estaria, na visão dele, ocorrendo nos Estados Unidos. Ele também voltou a apresentar o seu texto já discutido no Panamá, e que lhe era muito caro, “O verdadeiro líder e sua necessidade fundamental”, publicado em *O Estandarte* (25 de maio de 1916). Para Pereira, era extremamente necessário o surgimento de “verdadeiros líderes nacionais” para se colocarem à frente das denominações em um trabalho de evangelização autossustentável no Brasil.

Nesse contexto, a tese da autonomia das denominações filhas do movimento missionário norte-americano, iniciada em 1903 entre os presbiterianos, ganharia corpo entre os metodistas, em 1930, e entre os batistas, na mesma época, conforme Émile-Guillaume Léonard (1963, p. 125, 167). Essa busca pela autonomia e a volta para os seus próprios objetivos levariam as denominações a um distanciamento das missões e à busca por uma independência, na maior parte das vezes, muito mais relativa do que integral.

Uma síntese dos principais pontos discutidos naquele 1º Congresso Regional foi exposta em *O Estandarte* (4 de maio de 1916), que informava ter havido um estudo minucioso do campo e indicações das maiores necessidades; evangelização, sustento próprio de igrejas e propaganda individual; produção de literatura para

os crentes centrada na devoção, exegese, evidências cristãs e apologéticas, bem como literatura para as escolas dominicais, isto é, “uma só revista para todas as denominações”.

A formação da Comissão Brasileira de Cooperação (1916)

No decorrer do 1º Congresso Regional do Rio Janeiro, decidiu-se pela criação da Comissão Brasileira de Cooperação (CBC) que seria oficialmente organizada em 11 de abril de 1917, na sede da Sociedade Bíblica Americana, durante a visita de Samuel G. Inmam (CCLA). Outras comissões locais foram organizadas em outras partes da América Latina com a finalidade de assessorar o CCLA. Segundo Braga (1923, p. 16), esse Comitê “veio a constituir uma das mais notáveis corporações cooperativas da christandade”. O Comitê continental era composto de representantes de sociedades missionárias que operavam na América Latina e tinha por função levantar informações sobre o andamento da ação missionária, deliberar e sugerir ações às várias sociedades.

A CBC tinha por base, segundo Braga (1923, p. 127), um pacto fundamental explicitado da seguinte forma:

Sua função não é nem judicial, nem legislativa; não é concílio nem tribunal eclesiástico [...] sendo criada a fim de promover relações mais cordiais entre as diversas corporações eclesiásticas no Brasil, tornar patente sua unidade substancial, conseguir cooperação mais franca e completa em todos os trabalhos destas corporações em que a cooperação seja possível, e de evitar desinteligência entre as referidas corporações, devendo conseguir estes fins somente por meio de representações, ofícios e pedidos dirigidos aos concílios competentes [...] finalmente, o fim desta Comissão é apenas constituir um centro de unidade moral entre as diversas denominações evangélicas que trabalham no Brasil e ao mesmo tempo servir de órgão de comunicação entre estas denominações e a Comissão Internacional de Cooperação na América Latina (CCLA) com sede em Nova Iorque.

Fariam parte da CBC corporações ligadas às juntas missionárias norte-americanas, igrejas nacionais e entidades para eclesiásticas como Sociedades Bíblicas, Associação Cristã de Moços, e entidades educacionais, em um total de 15 instituições com suas respectivas representações. A CBC se dividiu em subcomissões como:

- *Relações eclesiásticas*, com a função de aprofundar as boas relações entre as igrejas, estimulando pactos de cooperação, eliminando dúvidas ou eventuais conflitos.



- *Federação Universitária Evangélica*, destinada a “estudar os problemas da educação cristã, recomendar cursos, compêndios e padrões de ensino [...]”. Faziam parte dessa Federação 12 escolas federadas, como Grambery (Juiz de Fora), Mackenzie College (São Paulo) e alguns seminários teológicos.
- *Publicidade*, que deveria cuidar da publicidade da ação missionária protestante no Brasil, difundindo literatura e criando livrarias e publicações.
- *Cadastro*, que cuidaria das estatísticas, informações e realizaria *survey*, sempre com o objetivo de colher dados e informações para o constante planejamento das ações conjuntas.
- *Serviço Médico Missionário*, que tinha por finalidade atuar nas áreas do saneamento moral e do combate de enfermidades, do alcoolismo, da “exagerada mortalidade infantil”, promovendo obras cooperativas como a criação de hospitais, clínicas e dispensários.
- *Missões indígenas*, que deveria estimular a criação de serviços de catequese entre os indígenas brasileiros, assim como prestar auxílio a entidades governamentais encarregadas de cuidar da população de nativos. Eventuais congregações formadas de indígenas convertidos deveriam escolher a sua pertença eclesiástica e seu pastor por “votos popular e direto” (BRAGA, 1923, p. 138).



- *Instituições cooperativas.* A CBC estimularia atividades e obras cooperativas, dando-lhes apoio moral e não interferindo em suas atividades. Entre elas: União das Escolas Dominicais do Brasil; Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas do Brasil; Retiro Evangélico (para encontros, retiros e uma espécie de colônia de férias para pastores, missionários e pregadores); Missão Japonesa do Brasil, destinada a desenvolver trabalho missionário entre os imigrantes japoneses no Brasil.

Desde a sua fundação, a CBC funcionou a pleno vapor. Esteve à sua frente, entre 1917 e 1932, o professor e pastor presbiteriano Erasmo Braga, que consolidou no Brasil a maior parte das decisões tomadas no Panamá. Em 1931, já a caminho da organização da Confederação Evangélica do Brasil, a CBC passou a se chamar Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil. Erasmo Braga continuou exercendo a função de secretário-executivo, porém, no ano seguinte, ele faleceu com pouco mais de 55 anos de idade.

2º Congresso Regional de Ação Cristã no Rio de Janeiro (1922)

Os protestantes brasileiros e a CBC planejaram um segundo Congresso Regional no Rio de Janeiro para coincidir com as comemorações do primeiro centenário

da independência do país. Esse Congresso seria ao mesmo tempo um preparo para o 2º Congresso Continental da Obra Cristã na América Latina, realizado no Uruguai em 1925.

Esse Congresso Regional ocorreu entre os dias 3 e 7 de setembro de 1922. Participaram dele 77 pessoas assim divididas: membros oficiais (13); membros correspondentes (33); e aderentes (31)¹¹. Seis temas foram escolhidos para exposição e organização dos debates: Cooperação e Unidade, Evangelização, Publicidade, Educação, Missões aos indígenas e Serviços médicos.

Eduardo Carlos Pereira, uma das lideranças do anticatolicismo e promotor de uma ação evangelizadora autossustentável e direta (não dependendo de escolas) e muito atuante no 1º Congresso, não esteve presente. Pereira viajou durante quase todo aquele ano pela Europa à procura de tratamento para a enfermidade que causaria a sua morte no ano seguinte: um câncer. Mesmo assim o clima anticatólico continuava forte entre os protestantes brasileiros ali representados. Além disso, a Igreja Católica havia convocado um Congresso Eucarístico Internacional, tendo

11 Sobre o funcionamento do Congresso Regional de 1922, Braga (1923, p. 23ss) traz a lista de todos os participantes, da composição da mesa, dos aspectos notáveis do evento e das atas com uma síntese das principais exposições.



associado seus eventos, assim como os protestantes, às comemorações do primeiro centenário da independência do Brasil. Começavam, entre os católicos, planos e campanhas de arrecadação de fundos que resultariam na construção da majestosa imagem do Cristo Redentor.

A Igreja Católica se fortalecia naquela década por meio de uma retomada de suas forças intelectuais e visibilidade política. Iniciou as suas atividades o Centro Dom Vidal, e uma revista católica começou a ganhar destaque (*A Ordem*). Assim, ela procurava responder ao avanço do protestantismo. Por sua vez, o Brasil vivia uma crise política. Houve, pouco tempo antes do Congresso Regional dos protestantes, em 5 de julho de 1922, a revolta do Forte de Copacabana, quando 17 jovens tenentes enfrentaram as tropas do governo e foram fuzilados¹². Nesse mesmo ano, foi organizado, no Rio de Janeiro, o Partido Comunista Brasileiro. Em São Paulo, aconteceu a famosa Semana de Arte Moderna.

¹² Curiosamente, um dos 18 heróis do Forte de Copacabana, o tenente Newton Prado, era um jovem metodista, que frequentava com o seu pai, também oficial do Exército, o templo da Avenida Liberdade, em São Paulo. O pai de Newton, também oficial de Exército, morreu acidentalmente no decorrer da revolução de 1932. O seu corpo foi velado no mesmo templo metodista, e o culto fúnebre foi dirigido pelo reverendo Guaracy Silveira, posteriormente deputado constituinte em 1934 e 1945.



Nos anos seguintes, a publicação póstuma do livro *O problema religioso da América Latina*, de Eduardo Carlos Pereira, desencadeou uma onda de livros polêmicos entre católicos e protestantes. O filósofo católico, padre Leonel Franca, saiu em defesa da Igreja Católica¹³. Não é de se admirar, então, que, em pleno Congresso convocado pelo CBC, tenha ocorrido, conforme se refere Braga (1923, p. 36), um conflito em plenário sobre a Igreja Católica, entre os reverendos Álvaro Reis, Laudelino de Oliveira e T. Porter e o então ministro anglicano (ex-presbiteriano), Salomão Ferraz (1880-1969), após a exposição da tese *O evangelho e o combate ao analfabetismo*. As causas do conflito foram as referências feitas pelo reverendo Ferraz às relações entre o protestantismo e a Igreja Romana.

Salomão Ferraz (1880-1969) foi ministro presbiteriano até 1916, ano em que se transferiu para a Igreja Anglicana¹⁴. Em 1903, quando da cisão no presbiterianismo, Salomão permaneceu fiel ao Sínodo presbiteriano, enquanto seus irmãos, Seth e Orlando Ferraz, bem como o seu pai, todos os três pastores, se filiaram à Igreja Presbiteriana Independente Brasileira. Em 1928, ele fundou a “Ordem de

13 Leonel Franca (1893-1948) publicou uma réplica ao livro de Pereira com o título *A Igreja, a Reforma, e a Civilização*. Nessa polêmica, vários líderes protestantes entraram em uma discussão com o padre Leonel Franca (Cf. LIMA, 1995).

14 Seguimos aqui as informações constantes de sua biografia escrita pelo seu filho Hermes Ferraz (1995).

Santo André” e, em 1936, a Igreja Católica Livre. Foi ordenado bispo, em 15 de agosto de 1945, por D. Carlos Duarte, da Igreja Católica Apostólica Brasileira. Porém, quando já octogenário, D. Salomão Ferraz ingressou na Igreja Católica Apostólica Romana, pelas mãos do Cardeal Mota. Foi recebido pelo Papa João XXIII, como bispo da Igreja Católica Apostólica Romana, embora com sete filhos e a esposa ainda viva, em 8 de dezembro de 1959. D. Salomão Ferraz participou das primeiras sessões do Concílio Vaticano II, fazendo 11 intervenções naquele Concílio, segundo o historiador José Oscar Beozzo (2002, p. 203).

Assim, tendo em vista esse perfil de Salomão Ferraz, é fácil perceber o impacto que as suas palavras devem ter exercido sobre os protestantes anticatólicos. Ferraz já era um filocatólico quando do evento do Rio de Janeiro. Na verdade, o forte anticatolicismo existente entre os protestantes brasileiros não foi suficiente para atingir a unanimidade. Porém, no início da década de 1940, um grupo de ministros liberais da Igreja Presbiteriana Independente, abandonou essa Igreja e fundou, em São Paulo, a Igreja Cristã de São Paulo. Suas ideias eram consideradas liberais e ecumênicas. Daí porque, embora tímido, sempre existiu no interior do protestantismo um pequeno grupo que se tornaria mais visível a partir dos anos 1960 e se tornaria uma tendência de “ecumênicos” ligados ao Conselho Mundial de Igrejas.



Mesmo assim, o ecumenismo sempre teve dificuldades para prosperar no meio protestante brasileiro, e isso ocorre até os dias de hoje.

Encerrado o Congresso em 6 de setembro de 1922, os protestantes realizaram, no dia da comemoração do centenário, uma concentração, reunindo-se na Capital Federal, na Praça da República, quatro mil pessoas. Reuniões ocorreram no Brasil todo, conforme convocação da CBC, atingindo cerca de 300 mil pessoas, agradecendo a Deus pelos 100 anos de independência e pela existência de liberdade de culto no país. A CBC tentou inclusive sensibilizar o governo telegrafando para o Presidente da República apresentando as congratulações dos protestantes pela festividade que tomou conta do país.

2º Congresso Missionário Obra Cristã na América Latina - Montevidéu (1925)

Em 1925, foi realizado, na cidade de Montevidéu (de 29 de março a 8 de abril), o 2º Congresso com o objetivo de dar continuidade ao Congresso do Panamá e às discussões ali iniciadas em 1916, avaliando os caminhos percorridos até então em direção à cooperação latino-americana no trabalho missionário. Àquela altura, nove anos depois da reunião do Panamá, diversos empreendimentos já estavam em



andamento no Brasil. Quase todos eles traziam as marcas das mãos e da liderança do pastor presbiteriano brasileiro, Erasmo Braga.

Para o Congresso de Montevidéu, os protestantes brasileiros se prepararam com um encontro regional na capital do Brasil entre os dias 13 e 15 de março de 1925. Esse evento contou com a presença da delegação norte-americana (cerca de 50 pessoas) que estava em viagem para o Uruguai. O evento e a importância de seus participantes despertaram a atenção de jornais seculares como *O Jornal* (14 de março de 1925) e *O Estado de S. Paulo* (26 de março de 1925), que publicaram informações e entrevistas com os mais notáveis integrantes norte-americanos. Nessa reunião no Rio de Janeiro, os principais temas a serem abordados em Montevidéu foram repassados, tendo *O Estandarte* (12 de fevereiro de 1925 e 26 de março de 1925) publicado o mesmo material já divulgado por jornais seculares.

A IPIB enviou três representantes: dois pastores, os reverendos Otoniel Mota e Odilon de Moraes, e uma leiga, a médica Carmen Escobar Pires. Mota se envolveria com as atividades sociais de sua denominação. Ele fundou o Orfanato Bethel (1922) em Campinas, que depois se mudou para Sorocaba. Mota iniciou em São Paulo, em 1928, a Associação Evangélica Beneficente (AEB) com ampla atuação até os dias atuais. Essas duas instituições, especialmente a AEB, desencadearam



um efeito dominó, dando origem a diversas outras entidades congêneres em várias partes do Brasil.

Em Montevideú, foram debatidos os seguintes temas:

[...] campos não ocupados, missões indígenas, educação, evangelismo, movimentos sociais, igreja e comunidade, educação religiosa, missões médicas, literatura, relação entre obreiros nacionais e missionários estrangeiros, problemas religiosos especiais, e cooperação e unidade (COMMITTEE ON COOPERATION ON LATIN AMERICA, v. I, 1925, p. 11-17).

150



Figura 1 - Congresso da Obra Cristã da América do Sul (Montevideú, 1925)

Fonte: História da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (1862-2012)



Os desafios de um Seminário Unido das Igrejas Evangélicas no Brasil (1918-1932)

Entre as grandes metas estabelecidas no Congresso do Panamá, estava a criação de centros de educação teológica para a formação de pastores com uma mentalidade cooperativa e interdenominacional em vários lugares da América Latina. Assim, foi organizado, em 17 de abril de 1918, a Associação do Seminário Unido das Igrejas Evangélicas do Brasil, com a adesão das Igrejas Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Metodista, Congregacional e Episcopal¹⁵.

Entre os idealistas da cooperação no campo da educação teológica, estavam envolvidos Erasmo Braga, Álvaro Reis, Eduardo Carlos Pereira, W. Wadell, Samuel Gammon, C. H. Tucker, Mac Laren, Galdino Moreira, e outros. Wadell, um entusiasta da educação como caminho para a evangelização, esteve ligado à fundação do Colégio Ponte Nova (Bahia), foi diretor no Mackenzie e fundou também o Instituto José Manuel da Conceição (Jandira, 1928).

15 Seus livros de atas, da diretoria e da congregação, cujas cópias xerox temos em nosso poder, foram usadas para subsidiar as notas históricas aqui registradas.



Em 17 de abril de 1918, na sede da Associação Cristã de Moços (ACM), foi oficialmente organizada a Associação do Seminário Teológico das Igrejas Evangélicas do Brasil. O Estatuto de 17 de abril de 1918 (art. 2) registrava que

[...]o fim desta Associação é manter uma Faculdade de Teologia, sem caráter denominacional, onde recebam instrução, conforme programa que foi adotado, os membros das igrejas que se destinam ao ministério evangélico ou a propaganda das doutrinas bíblicas expressas em seus respectivos símbolos de fé.

Nessa primeira assembleia, foi eleita a diretoria do Seminário Unido¹⁶: Reverendo Álvaro Reis, presidente; Reverendo Wadell, vice-presidente; Reverendo J. E. Tavares, secretário; e Reverendo Francisco de Souza, tesoureiro. Já no ano de 1919, aceitou-se a oferta da IPRJ cedendo instalações para o funcionamento do futuro Seminário. No final do ano, em 27 de dezembro de 1918, em uma nova assembleia, foram apresentados os primeiros professores. As aulas tiveram início em 1919 com cinco alunos, tendo sido escolhido para reitor o missionário ame-

16 Conforme Ata da Congregação datada de 23 de março de 1920, o nome oficial registrado era Seminário Theológico das Igrejas Evangélicas no Brasil (Folha 6).

ricano Reverendo Paulo Buers. No ano de 1920, as aulas começaram no dia 5 de abril. Naquele ano, foram matriculados mais seis alunos, inclusive um engenheiro, presbítero da Igreja Presbiteriana, e diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil¹⁷. O ex-padre, então ministro presbiteriano, reverendo doutor Victor Coelho de Almeida, foi, no decorrer da curta história do “Unido”, professor de Latim e Filosofia.

Desde que foi proposto, o Seminário “Unido” causou tensões e desunião nas respectivas denominações. Já na Ata da Congregação de 28 de outubro de 1919, há um registro de que Erasmo Braga, ao ser indagado sobre a notícia que circulava que a IPB era contrária a cooperação, disse “é uma oposição mais aparente do que real”. Foi então que ficou decidido que o pastor do Rio de Janeiro e um dos maiores entusiastas do Unido, Álvaro Reis, deveria falar na Assembleia Geral da IPB. Infelizmente, a observação de Braga não se concretizou, pois, nos anos posteriores, a oposição ao Seminário Unido cresceria na IPB; um capítulo inteiro da *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, de Julio Andrade Ferreira (1992, v. 2, p. 240), foi

17 Em 1920, as aulas começavam às 18h15 e terminavam às 21h45. A experiência de oferecer aulas somente na parte da tarde não deu certo, pois há uma observação em ata que os alunos trabalhavam durante o dia.

dedicado ao assunto. No entanto, o temor não era somente da IPB com relação aos riscos para o seu Seminário de Campinas. A notícia da fundação de um Seminário Unido, que deveria, no futuro, absorver todos os demais seminários (presbiteriano, presbiteriano independente, metodista e congregacional), despertou oposição nessas denominações¹⁸.

O desconforto e a oposição dos defensores do Seminário de Campinas foram evidentes. A resolução de Lavras deixava claro o fechamento de Campinas no futuro: “O Seminário desta Assembléia não suspenderá seu funcionamento sob a atual administração enquanto o Seminário Unido não estiver completamente consolidado”. Sem dúvida, a expressão “enquanto” seria explorada continuamente. Para muitos, como observou Ferreira (1992, p. 241), o Seminário Unido era “uma espada de Dâmocles” a pairar sobre Campinas. Por sua vez, conforme relato de Ferreira, Braga nunca escondeu as dificuldades financeiras referentes ao projeto, que custaria milhares de contos de réis para os respectivos parceiros. Embora os

18 Diferente foi a trajetória de um seminário unido organizado na Argentina. Ali surgiu e floresceu, por mais de meio século, uma educação teológica unida objetivada no Instituto Superior Evangélico de Teologia (Isedet), que encerrou as suas atividades no início da década atual. Essa notável instituição viveu de doações de agências ecumênicas europeias, assim como a Universidade Bíblica Latino-Americana (Costa Rica). Quando as verbas foram escasseando essas entidades, assim como outras entidades ecumênicas em todo o Continente, elas entraram em crise e desapareceram.

parceiros americanos tenham conseguido recursos parciais para a compra do imóvel já no final da década de 1920, o Seminário Unido funcionou precariamente em termos de estrutura física¹⁹. Quando conseguiu as suas instalações “definitivas”, o empreendimento já estava no fim.

As partes opostas e favoráveis ao projeto se digladiaram em várias reuniões da Assembleia Geral da IPB até que, na reunião de Alto Jequitibá (1928), a decisão foi tomada e, após a aprovação de um duro documento, essa denominação, que era o sustentáculo do Projeto “Seminário Unido”, jogou uma pá de cal sobre a moribunda instituição. Erasmo Braga afirmou ter sido aquele o documento mais vergonhoso da história da IPB.

19 No 16º Ofício (Tabelião Dr. Raul Sá) do Rio de Janeiro, consta, no livro 151, folhas 9v., a escritura de venda datada de 2 de maio de 1929, dando conta da aquisição de um imóvel no bairro São Cristóvão pela Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas do Brasil. O imóvel custou cento e quinze contos de réis, e a antiga proprietária recebeu 20 mil contos de entrada e o restante seria pago no prazo de cinco anos. Os recursos vieram de doações conseguidas nos Estados Unidos.





Figura 2 - Instalações do Seminário Unido

Fonte: História da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (1862-2012).

O mesmo debate e resistências internas aconteceram entre os metodistas que mantiveram em funcionamento seus dois seminários²⁰, até que, em 1938, eles

20 A Igreja Metodista manteve até 1938 dois seminários. O mais antigo foi fundado em 1890 e tinha por nome Seminário d' Grambery (Juiz de Fora) e o segundo era a Faculdade de Teologia do Concílio Regional Sul (1919) sediado em Porto Alegre. Ambos foram unificados no Concílio Geral de 1938 e a instituição transferida para São Paulo (Vila Mariana). Em 1942, a Igreja adquiriu terras que pertenceram ao Laboratório Paulista de Biologia, em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, que a partir de 1944, com a construção da Via Anchieta, ficou de frente para a rodovia. Entre os metodistas também houve discordâncias quanto a proposta de um seminário unido no Rio de Janeiro.



foram unificados quando então resolveram mudar as suas instalações para São Bernardo do Campo, adquirindo-se para isso uma gleba onde hoje se localiza a Universidade Metodista de São Paulo, às margens da Via Anchieta.

Já os presbiterianos independentes fecharam o seu Seminário em São Paulo somente no final de 1929, enviando a “totalidade” de seus alunos para o Rio de Janeiro, e decidiram enviar e manter financeiramente o professor de Teologia Sistemática, Alfredo Borges Teixeira. Contudo, essa decisão foi tomada muito mais por causa das dificuldades econômicas pela qual a IPIB passava do que pelo ideal de cooperação. No entanto, àquela altura, o projeto de cooperação teológico já demonstrava os sinais de que o seu fim estava próximo. Dentro da IPIB, debateu-se muito uma cooperação um tanto diferenciada do modelo proposto pelo CBC. Em artigos publicados no *Estandarte* (1º de outubro, 10 de outubro e 5 de novembro de 1925), articulistas discutiam a possibilidade de mudar o Seminário da IPIB de São Paulo para Campinas, para desenvolver, junto com o Seminário de Campinas da IPB, um plano de cooperação para a obra educativa. Em um desses artigos, havia inclusive a sugestão de se criar ao lado do Curso Teológico, um Curso de Filosofia e Letras (*Estandarte*, 5 de novembro de 1925). Esse plano ressurgiu nos momentos finais de vida do Seminário Unido, conforme Ata da Congregação (12 de dezembro de 1932).



Aliás, o culto de formatura da turma de 1932 foi a última atividade docente da Faculdade Unida de Teologia. O encerramento final de suas atividades foi decidido nas assembleias de 17 de julho de 1933 e de 13 de novembro de 1945. Esta última, ocorrida 13 anos após o seu final, decidiu pela venda dos imóveis e pagamento das dívidas acumuladas com os antigos proprietários; o saldo apurado foi entregue à Confederação Evangélica do Brasil no final do ano de 1945. Assim, na reunião da última assembleia (13 de novembro de 1945), com uma oração pelo reverendo doutor Ashmun Clark Salley, representante da missão norte-americana, às 16h30, terminava o sonho iniciado no Congresso do Panamá, quase 30 anos antes. Venceu a mentalidade denominacionalista, a formação de pastores para as respectivas denominações, alguns deles aprenderam uma forma de atuar avessa à cooperação e ao ecumenismo interdenominacional.

O surgimento do Instituto José Manuel da Conceição (1928)

Muito próximo aos ideais de formação teológica centrada na cooperação entre as várias igrejas, surgiu a ideia de se organizar um centro preparatório destinado a oferecer os primeiros estudos ou uma formação básica aos futuros pastores, ajudando-os a obter um melhor aproveitamento da instrução que receberiam em uma



instituição de alto nível como se esperava da Faculdade de Teologia Unida. Dentro desse objetivo, foi fundado próximo a São Paulo, no km. 32 da Estrada de Ferro Sorocabana, o Instituto José Manuel da Conceição, funcionando na forma de um internato. O JMC, como ficou conhecido, se tornaria um verdadeiro “Seminário Menor” das Igrejas Presbiteriana e Presbiteriana Independente, servindo também a outras denominações.

O seu fundador foi William Alfred Waddell (1862-1938). O JMC funcionou entre 1928 e 1970, em um sítio que pertencia à Escola de Engenharia do Instituto Mackenzie. As atividades começaram em março de 1928. Eram dez rapazes representando três denominações, vindos de oito unidades da Federação, com idades variadas de 20 a 31 anos. Em uma carta datada de 26 de abril de 1928, Waddell relatava, com muita esperança, os primeiros momentos da nova escola²¹. Fizeram parte do time no primeiro momento Charles Roy Harper e sua esposa Evelyn D. Harper. Ela direcionou as atividades do JMC para a área de música sacra, o que tornou as atividades daquele Instituto nacionalmente conhecidas. Durante várias

21 Cartas e dados históricos do Instituto José Manuel da Conceição foram extraídos de Emilio Maciel Eigenheer (2008), que reuniu cartas e relatórios escritos por missionários norte-americanos em uma coletânea denominada *Um campus para o Senhor: o JMC na perspectiva dos missionários norte-americanos*.

décadas, ficaram famosas as “caravanas musicais” por ela promovidas, que levavam músicas corais e alunos pregando pelo interior do país, nos períodos de férias escolares.

No decorrer de quatro décadas, passaram pelo JMC, segundo Eduardo Chaves (2017)²², “cerca de 2.520 jovens, homens e mulheres. Ali ensinaram professores dedicados e competentes – talvez uma centena deles. O JMC marcou a vida de todos eles”. Foi por isso que, quando a direção da IPB, por meio do Instituto Mackenzie, dono daquela área, decidiu-se pelo encerramento de suas atividades, em 1969, toda uma geração de pastores e lideranças leigas formadas no JMC expressou os seus sentimentos de incompreensão pelo que foi decidido. Todavia, no final dos anos 1960, o cenário educacional brasileiro havia se transformado. Os internatos saíram de moda, e a maioria das cidades brasileiras passou a oferecer todos os níveis de formação escolar antes dos estudos universitários.

160

Missão entre os indígenas

Estabelecer uma missão catequética junto aos indígenas era um antigo sonho dos protestantes brasileiros, resultante das missões estrangeiras. Esse sonho, reaquecido

22 Informações disponíveis em: <<https://jmc.org.br>>. Acesso em: 28 ago. 2017.



com as discussões do Congresso do Panamá, do 2º Congresso Regional do Rio de Janeiro e do Congresso de Montevideú, estimulou a cooperação entre metodistas, presbiterianos e presbiterianos independentes, que deram origem, com o apoio da CBC em 1929, à Associação Evangélica de Catequese dos Índios – Missão Caiuá.

Já no início de abril de 1929, desembarcaram em Dourados os seis integrantes pioneiros da Missão: o Reverendo A. S. Maxwell e sua esposa Mabel, missionários presbiterianos (West Brazil Mission); Nelson de Araujo, médico, metodista; Esthom Marques, da IPI, professor; e João José da Silva, agrônomo, sua esposa e filho.

Os pioneiros dessa Missão compraram uma gleba de 1020 hectares de terras, com recursos levantados por Maxwell nos Estados Unidos, onde começaram a construir a sede da Missão. Os missionários pioneiros foram enaltecidos pelos jornais evangélicos brasileiros. O *Expositor Cristão*, por exemplo, enalteceu o médico que abandonou a civilização para se dedicar aos indígenas de Mato Grosso. Dona Loide Bonfim e seu marido ganharam destaque na imprensa presbiteriana independente durante pelo menos três décadas.

O objetivo inicial da Missão era o “estabelecimento de escolas de alfabetização, instrução cristã, noções de higiene e agricultura, assistência física, moral e espiritual”. Assim foram criados:



- um orfanato para atender crianças cujos pais morreram em uma epidemia de “doenças dos brancos”, em 1938;
- o Hospital e Maternidade Porta da Esperança com 38 leitos, em 1963;
- o Hospital para Tuberculosos, com 50 leitos, em 1978.

Em 1978, também começou a funcionar um Instituto Bíblico. Hoje, há 84 missionários atuando na Missão, sendo 38 indígenas e 46 não indígenas. Há algumas igrejas organizadas e a Missão atende 11 aldeias caiuí e uma de índios xavantes. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2000 e 2010, houve um aumento de 42% do número de indígenas evangélicos.

162

Outros resultados do Congresso do Panamá: educação secular e religiosa cristã

Os resultados do Congresso do Panamá no que se refere à educação secular e religiosa encontraram, no Brasil, instituições que já praticavam tal forma de ação social desde os idos de 1870, quando o reverendo Chamberlain deu os primeiros passos do que se tornaria hoje a Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os metodistas também se estabeleceram em Piracicaba, em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro. Vários pastores se tornaram referência na educação secular ao escreverem



livros voltados para conhecimentos específicos, como Erasmo Braga, no campo da pedagogia; Eduardo Carlos Pereira, na gramática; e Antonio Trajano, na matemática. As decisões emanadas do Panamá serviram apenas para estimular o que já era uma realidade.

No que se refere à educação religiosa, houve um notável esforço de cooperação; primeiro por meio da publicação de *Lições Internacionais* para as escolas dominicais. Em 1928, surgiu o Conselho Nacional Evangélico de Educação Cristã. Em 1934, se tornaria um departamento da Confederação Evangélica do Brasil. Novamente, o grande nome nesse período foi o de Erasmo Braga. A publicação de revistas para escolas dominicais como um projeto de cooperação sobreviveu até a metade dos anos 1960. A crise decorrente do Golpe Militar resultou em um processo de depuração das revistas, juntamente com o expurgo de seus editores, Waldo Cesar, Jovelino Pereira Ramos, Jeter Pereira Ramalho e outros. A crise na Confederação Evangélica do Brasil, documentada por Domício Pereira de Mattos (1966), tinha no seu centro as acusações de que as lições continham material subversivo. Na 1ª IPI de São Paulo, o superintendente da Escola Dominical, presbítero e coronel de Exército, José Walter Faustini, mandou recolher todas as revistas em poder dos alunos, em abril de 1964.



Logo depois, a Igreja Metodista abandonou o uso das revistas da Confederação (Periódicos de Educação Cristã), os luteranos já não participavam com muito interesse desse processo educacional e os presbiterianos se dividiram na medida em que a IPB praticamente assumiu a direção da publicação dessas revistas. Os independentes tentariam, em várias oportunidades, retomar a publicação de seu próprio material.

Ganharam destaque entre os protestantes as publicações voltadas às várias denominações do Dicionário Bíblico, de Davis; uma concordância da Bíblia; o Hinário Evangélico (adotado somente pela Igreja Metodista); o estímulo ao uso da Tradução Brasileira da Bíblia; e revistas como a *Cultura Religiosa* que se transformaria em *Fé e Vida*, e, finalmente, em *Unitas*, no final dos anos 1940. Eram publicações que procuravam ganhar a intelectualidade para as propostas dos evangélicos brasileiros. Miguel Rizzo Jr., antigo pastor da Igreja Presbiteriana Unida esteve à frente dessa publicação até o seu envelhecimento nos anos 1960.

O Congresso do Panamá e o despertar protestante para uma ação sociopolítica mais ativa

O protestantismo nascido do impulso missionário da segunda metade do século XIX, em seus primeiros 40 anos, com algumas exceções, não se preocupava



muito com uma ação social e política que visasse uma transformação da sociedade brasileira. Predominava a ideia de que a conversão individual e a preocupação com as almas trariam consigo a transformação da sociedade. Porém, o vínculo do Panamá com uma teologia centrada no Evangelho Social, preocupada com uma transformação também social, cultural e política da América Latina, além da salvação da alma, se instalou no Protestantismo brasileiro. O envolvimento político dos protestantes de missão, a partir dos anos 1930, inclusive sob o estímulo da Confederação Evangélica do Brasil, foi se tornando uma realidade.

Começaram a surgir, nessa época, entidades voltadas a efetivar a ação social das igrejas cristãs no Brasil. Assim, surgiram entidades como a Associação Evangélica Beneficente, em São Paulo, orfanatos, lares para idosos, e, nos anos 1950, disseminou-se a ideia de cooperativas evangélicas. O envolvimento das igrejas com uma ação social mais efetiva seria levado ao extremo com a participação de pessoas oriundas do meio evangélico em movimentos de resistência à ditadura militar. No entanto, a quase totalidade dos evangélicos brasileiros recusaram tais posições e se alinharam, no período de 1964-1985, com o governo autoritário sustentado militarmente.



Confederação Evangélica do Brasil (1934)

A proposta de cooperação ganhou corpo institucional apenas em 1934. Braga, o seu grande idealizador, havia falecido prematuramente em 1932. A Confederação Evangélica do Brasil (CEB) resultou da unificação de várias entidades como a União das Escolas Dominicais (1911), que depois adotou o nome de Conselho de Educação Religiosa; a Comissão Brasileira de Cooperação (1917); e a Federação das Igrejas Evangélicas (1933).

Na sua formação, estavam várias denominações como: a Igreja Episcopal Brasileira; Igreja Metodista do Brasil; União das Igrejas Congregacionais do Brasil; Igreja Presbiteriana do Brasil; Igreja Cristã do Brasil; Igreja Presbiteriana Independente Brasileira; nove organizações missionárias; e duas sociedades bíblicas (Sociedade Bíblica Americana e Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira), as quais se uniram alguns anos depois, surgindo no lugar delas a Sociedade Bíblica do Brasil, até hoje um raro exemplo de cooperação na produção de traduções da Bíblia de interesse do povo protestante.

A CEB foi um sonho muito acalentado por Erasmo Braga que morreu antes de seu surgimento. Seu principal auxiliar, Epaminondas Mello do Amaral (IPI), deu corpo, até que alguns anos depois começaram a despontar pessoas de



uma nova geração (parte dela foram os irmãos Anders, formados pelo Seminário Unido). Porém, a CEB vivenciaria a recusa de participação de grupos como os batistas, que até abandonaram um projeto pioneiro de programa de rádio iniciado pela CEB em 1938, para criar seus próprios programas radiofônicos. Iniciativa semelhante tiveram os adventistas do sétimo dia com o programa “A Voz da Profecia” que foi para o ar a partir do início dos anos 1940.

Nos anos 1950-1960, uma nova geração (Waldo Cesar, Jeter Pereira Ramalho, Elter Dias Maciel e outros), ligada a Richard Shaull, começou a levar a CEB para os caminhos vistos como perigosos pelas autoridades religiosas, como o caminho do protesto social e de uma teologia voltada para as transformações sociais e revolucionárias como parte da missão da Igreja de Cristo²³. Estava armado o cenário para o conflito teológico-ideológico dos anos 1960, quando, por causa do Golpe Militar e do aumento da consciência denominacionalista, a CEB começou a entrar em declínio.

23 A crise na CEB foi descrita e documentada por Domício Pereira de Mattos (1966) e há, inclusive, no seu livro a reprodução de correspondência entre a direção da CEB e os seus parceiros norte-americanos. Sobre a importância da CEB para a propagação da ligação da fé cristã com o compromisso social e a superação do individualismo, talvez o melhor texto que temos seja o de Paulo de Goes (1984).

Outros resultados do Panamá: divisão territorial

A Comissão Brasileira de Cooperação (CBC) foi chamada para resolver o problema de litígio entre as denominações (“invasão de territórios”). Citamos aqui apenas um caso para ilustrar essa preocupação da CBC. Segundo o *Estandarte* (1º de janeiro de 1919), a IPI reclamou que os metodistas estariam invadindo seu campo em Santa Cruz do Rio Pardo, no interior de São Paulo. Encaminhada a reclamação para a Comissão de Relações Eclesiástica da CBC, veio o seguinte parecer: “Somos do parecer que deve a IPI permanecer reconhecida como a legítima ocupadora desse campo e ali permanecendo deve sentir ainda maior responsabilidade em manter o trabalho com toda a regularidade”, pois é “de todo inconveniente a existência de trabalhos simultâneos de duas ou mais denominações em lugares pequenos do interior”. Na época, houve alguns casos de passagem de comunidades presbiterianas no Sul para a Igreja Episcopal, mas a divisão territorial proposta pelo Congresso do Panamá não vingou no Brasil.

168

O que ficou dos ideais cultivados a partir do Congresso de Panamá?

Cem anos se passaram daquele Congresso e, desde então, o cenário religioso brasileiro sofreu uma enorme transformação: as fronteiras denominacionais vol-



taram a ser ressaltadas (cenário de diversificação, concorrência e necessidade de “derrotar” os outros grupos). A introdução do fundamentalismo na versão de Carl McIntire no Brasil, desde o início dos anos 1950, com suas denúncias de desvio teológico nas principais denominações brasileiras; a filiação de algumas denominações ao Conselho Mundial de Igrejas (metodistas, episcopais e luteranos); e o desenvolvimento de uma mentalidade de delação e estigmatização ideológica no seio do protestantismo brasileiro posterior ao golpe de 1964; foram alguns dos elementos que provocaram o afastamento entre as principais denominações pertencentes ao protestantismo de missão.

Nesse mesmo período (1920-1970), houve uma explosão pentecostal no Brasil e aqueles que em 1916 eram rodapé da história do protestantismo brasileiro, em 2010, conforme dados do IBGE, representam 75% dos evangélicos brasileiros. No entanto, há um processo de secularização no que se refere à educação, à saúde e à ação social (que era campo da Igreja e hoje, do Estado e da sociedade civil na forma de organizações não governamentais, por exemplo).

Atualmente, o cenário religioso brasileiro sofre uma enorme transformação. Já a partir dos anos 1950 algumas das denominações voltaram a ressaltar suas respectivas identidades diante da erosão provocada pelo avanço pentecostal, do



ecumenismo, e do secularismo. No esforço para redesenhar as suas fronteiras, foi necessário renomear os adversários, e muitas vezes, desencadear processos de caça às bruxas.

Ocorreu no cenário religioso brasileiro o que Peter Berger (1985) chamou de passagem de uma situação de monopólio para uma situação de mercado. Nesse contexto de concorrência, é fundamental para a sobrevivência dos grupos e das estruturas por eles criadas que os seus alvos, objetivos, produtos e regras de convivência sejam alterados para produzir suas respectivas continuidades históricas. Nesse âmbito, reduzem-se cada vez mais as possibilidades de acordos, de cooperação e de preocupação com o que é comum. Ressaltam-se somente o que é distintivo, peculiar e próprio de cada instituição ou denominação religiosa.

No que se refere à missão indígena, permanece em funcionamento a Missão Caiuá, ainda dirigida por presbiterianos, metodistas e presbiterianos independentes. Entretanto, outras missões ligadas ao Instituto de Verão, à Missão Novas Tribos e a outros empreendimentos para-eclesiásticos se desenvolveram em outras áreas indígenas brasileiras. Há um consenso contrário entre os antropólogos brasileiros quanto à validade do trabalho missionário entre os indígenas. Katya Vietta e Antonio Brand (2004, p. 219) apontam para as limitações sociais, culturais e



econômicas da missão junto aos caiuás. Os autores mostram também como o fim das maneiras tradicionais de vivência dos nativos se alteraram por meio do contato com brancos na reserva, durante quase 90 anos. Ao lado da erosão da cultura, está também a entrada de novas formas de cristianismo protestante de fisionomia pentecostal (Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus, e outras), assim como o surgimento de igrejas nativas em que algum tipo de sincretismo acontece.

Referências

- BENT, A. J. van der; WERNER, D. Ecumenical Conferences. In: LOSSKY, N. et al. *Dictionary of the Ecumenical Movement*. 2. ed. Geneve: WCC Publications, 2002.
- BEOZZO, J. O. *Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: Participação e Prosopografia – 1959-1965*. 2001. Tese. (Doutorado em História Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.



- BRAGA, E. *Pan-americanismo: aspecto religioso. O Relatório e Interpretação do Congresso de Ação Cristã na América Latina reunido no Panamá de 10 a 19 de fevereiro de 1916.* Nova York: Sociedade de Preparo Missionário dos Estados Unidos e Canadá, 1916.
- CHÉSAR, W. (Ed.). *Protestantismo e imperialismo na América Latina.* Petrópolis: Vozes, 1968.
- CHAVES, E. O fechamento do J. M. C. Eduardo Chaves. Disponível em: <<https://jmc.org.br>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- COMMITTEE ON COOPERATION IN LATIN AMERICA – CCLA. *Christian Work in Latin America.* New York: The Missionary Education Movement e Committee on Cooperation in Latin America, 1916. v. 3.
- _____. *Christian Work in South America: official report of the Congress on Christian Work in South America, Montevideo, Apr. 1925.* New York: Fleming H. Revell, 1925.
- EIGENHEER, E. M. (Org.). *Um campus para o Senhor – O JMC na perspectiva dos missionários norte-americanos.* São Paulo: Associação Alumni/ae do Instituto José Manuel da Conceição, 2008.
- FERRAZ, H. *Dom Salomão Ferraz e o ecumenismo.* São Paulo: Gráfica Scortecchi, 1995.

FERREIRA, J. A. *Profeta da unidade: Erasmo Braga uma vida a descoberto*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil em comemoração ao seu primeiro centenário*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 2v.

HISTÓRIA DA IGREJA PRESBITERIANA DO RIO DE JANEIRO – 1862-2015. Subcomissão do Livro Comemorativo do Sesquicentenário. Coordenação Guilhermino Cunha. Rio de Janeiro, 2012.

LÉONARD, E.-G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1963.

LESSA, V. T. *Annaes da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*.

São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, 1938.

LIMA, E. F. S. *Leonel Franca versus protestantes: itinerário de uma polêmica*. Londrina: UEL, 1995.

MATTOS, A. S. de. *Erasmo Braga, o Protestantismo e a sociedade brasileira – perspectivas sobre a missão da Igreja*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

MATTOS, D. P. de. *A Igreja e a ação social*. Rio de Janeiro: Editora da Praia, 1966.

MENDONÇA, A. G. South America: Brazil. In: LOSSKY, N. et al. *Dictionary of the Ecumenical Movement*. Geneve: WCC Publications, 2002.



PIEDRA, A. *Evangelização protestante na América Latina*: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante – 1830-1960. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006. v. 1.

_____. *Evangelização protestante na América Latina*: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante – 1830-1960. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2008. v. 2

VIETTA, K.; BRAND, A. Missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul. In: WRIGHT, R. M. (Org.). *Transformando os deuses* – igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2004. v. 2.



Biografia Reverendo Álvaro Reis

Jorge Luiz

Patrocínio

Doutor em Teologia Histórica na área de Estudos Reformados pelo Seminário Concórdia em Saint Louis (Estados Unidos). Pós-graduado em Gestão Estratégica de Pessoas pela Faculdade Educacional da Lapa (Paraná), pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Pesquisador do Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM.

Quando o Reverendo Álvaro Reis faleceu no dia 4 de junho de 1925, a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro ficou como que suspensa no ar. Às 2h30 da manhã daquele sombrio dia, o doutor Lobo Viana, presbítero e médico da família, examinou-o e disse: “Foi-se o nosso Álvaro”. Faleceu aos 61 anos de idade. O sentimento foi o de uma partida prematura e de que ele ainda tinha muito a fazer. No velório, no templo da Catedral, o corpo recebeu diversas homenagens. Entre elas encontra-se a dos detentos da Penitenciária Frei Caneca, onde ele praticava evangelizações frequentemente. Ao percorrer a cidade até o cemitério, com o trânsito totalmente parado, dizia-se: “É o papa protestante”. Um jornal de grande circulação noticiou: “Morre o chefe dos protestantes”.



O Reverendo Álvaro Reis fechou os olhos em plena atividade, deixando à Igreja a difícil tarefa de substituí-lo. Esse paladino da fé teve um ministério multiforme e altamente sublime: foi pastor, educador, conciliar, missionário, polemista e orador. Foi também um homem de ação social incontestável.

Seu ardor missionário peculiar

O fervor missionário do Reverendo Álvaro Reis começou antes mesmo de sua chegada ao Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1890, ele acompanhou o Reverendo Samuel Rhea Gammon na primeira viagem evangelística no interior do Brasil. Em 1893, acompanhado do Reverendo Caetano Nogueira Júnior, fez uma viagem missionária ao Triângulo Mineiro e ao sul de Goiás, organizando as Igrejas Presbiterianas de Bagagem, atual Estrela do Sul (18 de junho de 1893), Paracatu (2 de julho de 1893), Santa Luzia de Goiás, atual Lusitânia (16 de julho de 1893) e Araguari (16 de agosto de 1893). Era um evangelista nato, e seu campo compreendia, além das cidades paulistas, as cidades de Batatais, Mato Grosso de Batatais, Espírito Santo de Batatais, Ribeirão Preto, São Simão, Cajuru, Casa Branca, Mococa, São José do Rio Pardo, Santa Veridiana, Palmeiras e São João da Boa Vista.



Quando se mudou para o Rio de Janeiro e assumiu a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (IPRJ), seu ardor missionário e evangelístico não se perdeu. Visitava com frequência os presídios locais para pregar o Evangelho e, em 1910, retornando de sua participação no Congresso Mundial de Igrejas, em Edimburgo, na Escócia, Álvaro Reis foi a Portugal para estudar a situação da obra evangelística no país lusitano. Foi a partir dessa visita, em 27 de julho de 1910, que, em 17 de dezembro, chegava a Lisboa o Reverendo João Marques de Motta Sobrinho, primeiro missionário presbiteriano. Infelizmente, a falta de recursos fez com que ele retornasse ao Brasil 13 anos depois (1923). Em 1924, a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil encerrou a missão em Portugal. Entretanto, em julho desse mesmo ano, um grupo de pastores formado pelos reverendos Erasmo de Carvalho Braga, João Ribeiro de Carvalho Braga (pai de Erasmo Braga), Álvaro Reis e alguns outros amigos criaram a Sociedade Missionária para a Evangelização de Portugal, dessa vez enviando o Reverendo Pascoal Luiz Pitta.

No final de seu ministério, um ano antes de sua morte, o Reverendo Álvaro Reis organizava, na IPRJ, a classe de missionários leigos com o objetivo de preparar os cristãos para evangelizar o subúrbio do Rio de Janeiro.



Um educador por excelência

O seu envolvimento com a educação cristã era como o sangue que corria em suas veias. Basta dizer que, na noite que antecedeu a sua morte, Álvaro Reis dava a aula para os professores da Escola Dominical que lecionariam no domingo seguinte.

Em 1910, viajou aos Estados Unidos como representante da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e como delegado das Escolas Dominicais do Brasil. Naquela oportunidade, participou do Congresso Mundial de Escolas Dominicais, em Washington. Dez anos depois, mais precisamente entre 5 e 14 de outubro de 1920, o Reverendo Álvaro Reis compareceu à Oitava Convenção Mundial das Escolas Dominicais em Tóquio, no Japão. No ano seguinte, de 29 de maio a 3 de abril de 1921, a IPRJ hospedava a Quinta Convenção Nacional das Escolas Dominicais.

Álvaro Reis esteve também diretamente envolvido com o ensino teológico. Foi membro ativo da diretoria do Seminário Presbiteriano quando da sua fase áurea em São Paulo, em 1895. Em 1918, como fruto do Congresso da Obra Cristã, surge no Rio de Janeiro o Seminário Unido, também conhecido como Faculdade Teológica das Igrejas Evangélicas do Brasil. O Reverendo Álvaro Reis foi diretor desse Seminário por alguns anos. As aulas tiveram início nas



dependências da IPRJ e, dois anos depois, foram transferidas para o Instituto Central do Povo, um centro de serviço social criado pelos metodistas. É com justíssima razão que hoje temos, no bairro Engenheiro da Rainha, a Escola Municipal Reverendo Álvaro Reis.

Álvaro Reis e as questões sociais

Não foi sem motivo que o centro da cidade do Rio de Janeiro parou para o cortejo fúnebre na ocasião da morte do Reverendo. Ele e a esposa Maria Fonseca Reis (21 de agosto de 1886) não tiveram filhos biológicos, mas tutelaram e criaram 14 crianças, entre elas as órfãs de pai e mãe da Igreja Presbiteriana de Mogi Mirim, filhas do Presbítero Antonio Garcia Ferreira e Rita Isabel Garcia, que tinham sido vitimados pela febre amarela. Ainda hoje temos, na Catedral, ao menos três netas dessas sete crianças inicialmente adotadas pelo casal Reis.

Em 1910, na Assembleia Geral da IPB o Reverendo propôs a criação do Orfanato Presbiteriano. A questão da orfandade no início do século XIX era muito presente no Brasil, pois o país era assolado por moléstias como a febre amarela e a Gripe Espanhola de 1918. Assim, em 12 de janeiro de 1910, foi criado o Orfanato Presbiteriano (Lavras/MG – 1910-1919; Valença/RJ 1919-1923; Jacarepaguá –



1923-Atual). Em 1956, esse orfanato passou a ser chamado de Instituto Presbiteriano Álvaro Reis (Inpar), e ainda hoje faz presta assistência diária a 400 crianças carentes.

Em 1899, o Reverendo Álvaro Reis também fundou um asilo para senhoras da Igreja. Nos anais da história, encontram-se as seguintes palavras proferidas por ele:

Iniciamos este ano um pequeno asilo para as nossas irmãs inválidas. Muiíssimo modesto e humilde é o nosso asilo. Uma pequena casa onde as nossas irmãs pobres, inválidas e velhinhas encontram o conforto e o agasalho que a Igreja lhes pode dar. Logo que conseguimos este importante passo na senda da caridade, tivemos o grande prazer de receber auxílio das Senhoras da Igreja [...].

180

Atualmente, o Abrigo Presbiteriano possui sede própria e assiste 20 senhoras.

Um homem de Concílio

Entre os dias 7 e 14 de 1910, o Sínodo da Igreja Presbiteriana no Brasil se reuniu na IPRJ para a dissolução do Sínodo e a organização da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, e o Reverendo Álvaro Reis foi eleito o seu primeiro moderador.



As suas participações nos Concílios foram as seguintes:

- Moderador do PRJN – 1898
- Moderador da Assembleia Geral da IPB – 1910-1911
- Moderador do Sínodo Central – 1916
- Moderador novamente da Assembleia da IPB – 1929-1921

Além de sua ação efetiva na IPB, Álvaro Reis participou de forma ativa e se tornou uma das maiores vozes da liderança evangélica brasileira de sua geração.

- Congresso Mundial das Escolas Dominicais – Washington – 1910
- Assembleia Geral das Igrejas Mães – Nova York – 1910
- Convenção Mundial Missionária – Edimburgo, Escócia – 1910
- Congresso da Obra Cristã – Panamá – 1916
- Comissão Brasileira de Cooperação – Rio de Janeiro – 1917

181

Orador e polemista

Autodidata, evangelista, orador sacro e polemista. Por sua vasta erudição, veemente eloquência e segura dialética, pelo brilho da frase e arrojado das imagens, Álvaro Reis se tornou um dos maiores pregadores de sua época. O Reverendo



Erasmus Braga disse a respeito dele: “Exerce grande fascinação sobre os auditórios que ocorrem às conferências de propagandas”. A IPRJ experimentou um grandioso crescimento em seu ministério e a audiência subia para 1500 pessoas nas datas comemorativas. Muitos vinham para ouvir o Reverendo Álvaro Reis.

Álvaro Reis também se mostrou um grande polemista. Era extremamente aberto às comunicações e parcerias com os evangélicos de diferentes correntes teológicas; contudo, era igualmente vigoroso para manter a pureza do Evangelho; sustentou debates com diversas personagens ao longo de seu ministério:

- Em Campinas (SP), no ano de 1892, ele debateu contra o doutor José Campos de Novaes, que procurava demonstrar que a Bíblia fora tirada de antiga religião dos Caldeus. Como fruto desse debate, Álvaro Reis publicou *Origens Caldaicas da Bíblia*.
- Em 1894, debateu com o doutor Augusto José Silva na cidade de Lavras (MG).
- Em 1915, debateu com o doutor Frederico Figner, dessa vez, em relação ao espiritismo.
- Em 1901, debateu com o Conde Carlos Maximiliano Pimenta de Laet sobre o Romanismo.



- Em 1907, impugnou a monografia do doutor Candido Mendes de Almeida – Título A Catástrofe de Bolés.
- Em 1923, houve uma grande controvérsia em relação à construção da estátua do Cristo Redentor no Corcovado.

A participação de Álvaro Reis no Congresso da Obra Cristã, no Panamá, 1916, e no Congresso da Obra Cristã no Brasil, 1916

Ao ser eleito moderador da IPB na reunião de 7 a 14 de janeiro de 1910, Álvaro Reis se tornou também o seu porta-voz no contexto internacional e interinstitucional. A sua ida às Assembleias das igrejas-mães, em maio de 1910, rendeu-lhe o convite para a sua participação na Convenção Mundial de Edimburgo (de 14 a 23 de junho de 1910). E, apesar de ser apenas um convidado, o Reverendo Álvaro Reis não se comportou como tal, e era acompanhado pelos pastores Erasmo Braga e Eduardo Carlos Pereira.

Durante a convenção, ele percebeu que não havia nenhum representante dos países latino-americanos e questionou os presentes. Suas palavras foram tão impactantes que a convenção decidiu recebê-lo como membro efetivo de uma comissão. Talvez o ponto nevrálgico em todo o movimento ecumênico que nasceu em Edim-



burgo e a visão dos brasileiros, especialmente de Álvaro Reis, foi que Álvaro Reis entendia que os países católicos da América Latina precisavam de missões, enquanto a Convenção relegava missões apenas aos índios nativos da região.

A partir da Convenção de Edimburgo, os cristãos americanos começaram a compreender a importância de tal assunto para o continente americano. Surgiu, então, o Congresso da Obra Cristã e suas reuniões regionais, que aconteceram no Panamá, entre 10 e 19 de fevereiro de 1916. De 14 a 18 de abril de 1916 aconteceria, no Rio de Janeiro, o Congresso da Obra Cristã do Brasil.

Álvaro Reis já era, juntamente com as figuras históricas que bem conhecemos, uma voz respeitada no contexto protestante brasileiro. A abertura para hospedar o Congresso em sua Igreja já demonstrava claramente a sua compreensão da complexidade da pregação do Evangelho no Brasil e também seus desejos de fazer a oração de Jesus em João 17 ser mais do que uma aspiração inalcançável.

Poderíamos dizer que o Reverendo Álvaro Reis foi um homem que viveu à frente do seu tempo; mas, no assunto em pauta, as gerações futuras se desviaram da rota estabelecida por ele. Ou seja, o tempo se encarregou de impedir que as denominações evangélicas tomassem o caminho da aproximação que Álvaro Reis almejava.



Na realidade, essa tese de cooperação das Igrejas Evangélicas não nasceu naquele congresso com Álvaro Reis, Samuel Gammon, Erasmo Braga e outros. Em 1889, os presbiterianos do Norte se retiraram do Rio Grande do Sul, dando lugar aos episcopais e metodistas. Em 1897, o Sínodo Presbiteriano nomeou uma comissão de relações fraternas com outros grupos e convidou comissões de outros grupos para se unirem no estabelecimento das bases para uma aliança entre as igrejas evangélicas com base no plano de cortesia missionária do México. E, em 1906, aconteceu o mais radical desses movimentos: o Sínodo Presbiteriano nomeou uma comissão para estudar, com uma comissão da Igreja Metodista, a possibilidade e a vantagem da união orgânica dos dois corpos.

185

Obviamente nenhum desses esforços avançou, mas o fato é que, em 1910, quando o Congresso se reuniu no Rio de Janeiro, havia precedentes históricos para levar Álvaro Reis (e os outros pastores) a perseverar em busca de uma aproximação das denominações. E isso aconteceu de uma forma bem prática. O Reverendo Samuel Ghea Gammon apresentou um relatório pormenorizado que foi defendido de forma ardorosa pelo Reverendo Álvaro Reis.

Entre as propostas, estava a criação de um seminário teológico para a formação de pastores e obreiros de todas as denominações evangélicas. Dois anos depois, em



17 de abril de 1918, foi criado o Seminário Teológico Unido, também conhecido como Faculdade Teológica das Igrejas Evangélicas do Brasil. As aulas tiveram início nas dependências da IPRJ, e o Reverendo Álvaro Reis foi o seu primeiro diretor. Na inauguração do Seminário, ficou resolvido que cada igreja cooperadora elegeria dois representantes, e cada Junta Missionária, um representante. Esse Seminário funciona até os dias de hoje com sede na Rua Carolina Machado, 1162, Osvaldo Cruz, porém não é mais ligado à IPB.

Um fato muito interessante é que o Reverendo Álvaro Reis ficou conhecido por grandes debates públicos em prol do Evangelho: ele debateu em defesa da Bíblia e contra seitas e religiões. Em 1923, quase no fim de sua vida, ele se pronunciou de forma acentuada contra a construção da Estátua do Cristo Redentor, porque temia que se tornasse um objeto de culto e idolatria. Diga-se de passagem, ao completar 75 anos, em 12 de outubro de 2006, o Cristo Redentor foi transformado em santuário católico do Brasil. O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eusébio Oscar Scheid, disse que o local deixou de ser apenas ponto turístico e se tornou local de peregrinação.

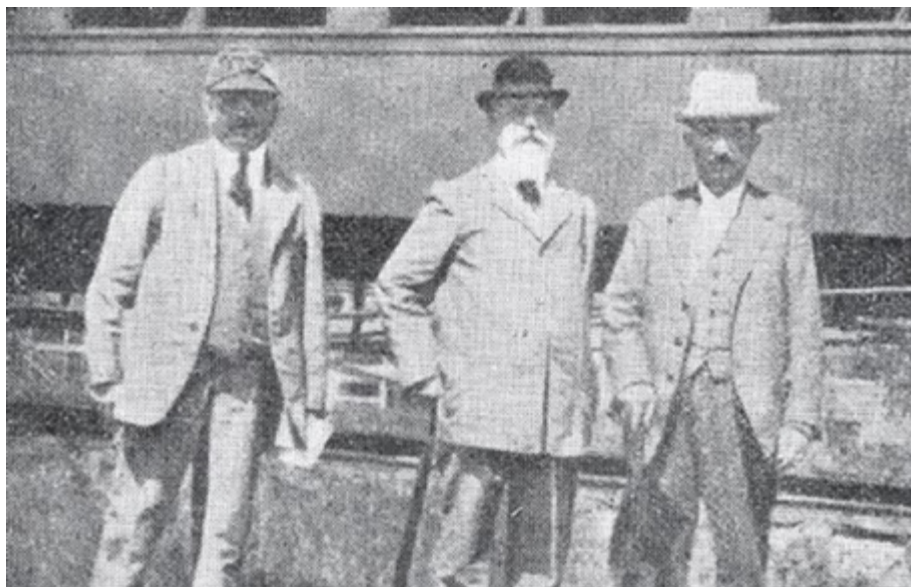
Um fato importante é o seu grande intento de aproximação com as igrejas evangélicas. Mesmo a Igreja Presbiteriana Independente, que tinha pouco mais de



uma década de existência, foi saudada pelo Reverendo Álvaro Reis no Congresso. Surgiu, em 1903, como uma denominação totalmente nacional, sem vinculação com igrejas estrangeiras. Resultou do projeto nacionalista do Reverendo Eduardo Carlos Pereira (1856-1923), que entrou em conflito com o Sínodo da IPB em torno das questões missionária, educacional e maçônica.

Anteriormente, afirmamos que o Reverendo Álvaro Reis não poderia ser um homem além do seu tempo porque, depois daquela geração, a Igreja Evangélica Brasileira retrocedeu. O tempo nos mostrou como os corpos evangélicos criaram tão grande animosidade entre si. O fato é que, apesar de abrir uma porta pela qual a sua denominação não quis entrar, o legado missionário, pastoral, educacional, estadista e espiritual do Reverendo Álvaro Reis é inquestionável.





Líderes religiosos: Erasmo Braga, Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira.



Nossa attitude para com a Igreja Romana

These apresentada no Congresso Regional da Obra Christã na America Latina, pelo Rev. Enardo C. Perelra, pastor da Igreja Presbyteriana Independente de S. Paulo

DECLARAÇÃO

O Congresso Regional, reunido no Rio de Janeiro, em continuação do Congresso de Panamá sobre a Obra Christã na America Latina, julga de bom conselho declarar, com leal franqueza, a sua attitude para com a Igreja Catholica Apostolica Romana. Durante quatrocentos annos tem corrido sob sua direcção e responsabilidade os interesses religiosos nesta parte do mundo, e agora que vamos encarar os grandes problemas, que se prendem a esses interesses, bom seria se com ella pudessemos unir os nossos esforços em larga cooperação para o levantamento moral e religioso dos povos deste continente. Não sendo isso possível, convem, entretanto, reconhecermos com justiça e caridade o seu character e influencia, e accentuarmos os nossos intuitos essencialmente espirituales na diffusão, em mais larga escala, dos principios salvadores do Christianismo.

Reconhecemos, em primeiro lugar, que a Igreja Romana, como parte integrante da Christandade, professa em seu crédo e em suas practicas todos os grandes dogmas e instituições do Christianismo.

Como todos os outros ramos christãos, ella crê na Biblia como Palavra de Deus; na Sanctissima Trindade, na pessoa do Pai, como Creador de todas as coisas; na pessoa do Filho, como Deus-homem, Senhor e Salvador da humanidade; na pessoa do Espirito Sancto, como regenerador e sanctificador do homem decaído; ella crê na divina instituição da Igreja, do ministerio, dos sacramentos, do culto; na resurreição, no juizo e no eterno destino do homem.

Em summa, ella mantem o Crédo dos Apostolos, e todas as doutrinas e practicas da religião christã.

Apraz-nos ainda confessar que as verdades christãs do crédo catholico-romano tem alimentado, no seio dessa Igreja, nobres e sanctos caracteres, já no dominio da vida particular, já na esphera ampla dos bemfeitores da humanidade.

Com prazer declaramos tambem que ella tem sido, na Providencia de Deus, uma força para manter no mundo a idéa christã, um grande baluarte do principio da auctoridade e da idéa fundamental de unidade christã, e que, na actividade e consagração de seus missionarios, em suas largas obras de beneficencia, tem ella prestado assinalados serviços á humanidade.

— : —

Reconhecida com justiça esta feição favoravel do Romanismo, manda a mesma justiça que encaremos com calma e leal franqueza a outra feição.

Infelizmente para a humanidade, a Igreja Romana encerra em seu amplo crédo e poderosa organização muitos principios e practicas em flagrante antagonismo com o elemento christão, que acabamos de reconhecer.

As grandes verdades do seu crédo oppõem-se grandes erros, que as desvirtuam, e mesmo as annullam na vida religiosa do povo e da sociedade.

Em rapida synthese, firmaremos nosso asserto.

A Biblia, a Palavra de Deus, dada para a regra de fé e practica do povo christão, é por ella fechada, e substituida pela *Tradição*, que a régula e suplementa.

As *Sociedades Biblicas*, que se esforçam piedosamente por collocar a na mão do povo, são taxadas de *pestes*.

Nas grandes cidades da America Latina, com assentimento das auctoridades ecclesiasticas, é ella publicamente queimada em auto-de-fé.

O dogma ineffavel da Sanctissima Trindade soffre praticamente concorrência victoriosa de uma outra trindade mais popular — Jesus, Maria, José — cuja pessoa central absorve o affecto filial do povo.

A obra redemptora de Christo, como o unico Mediador e unica esperança da humanidade, é completamente desvirtuada pelas obras meritorias e superrogatorias dos sanctos, pelas indulgencias remissoras, pela mediação e absolvição sacerdotal, pelo Purgatorio, pelas missas, pela mediação dos sanctos e dos anjos, mormente pela mediação da Virgem Maria, appellidada nos agiologios e devocionarios — « Co-Redemptora, Rainha dos Céos, Mãe de Deus, mãe dos homens, mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança dos degradados filhos de Eva ».

E' tal o fervor, encomio e exaltação do culto da Virgem Mãe, que o Christianismo é praticamente absorvido pelo Marianismo.

A obra regeneradora e sanctificadora do Espirito Sancto é igualmente desvirtuada: torna se elle o monopolio do clero, e preso, pelo *ex opere operato*, á materia dos sacramentos.

A sua acção livre é annullada, e fica elle adstricto á influencia magica das manipulações sacerdotaes.

A divina instituição da Igreja de Jesus Christo é despojada de seu character espiritual, e a sua catholicidade se restringe á comunidade visivel dos baptizados sob a obediencia do Bispo de Roma, sendo a Igreja de Roma proclamada a « Mãe e Senhora de todas as igrejas christãs ».

Esta concepção material e restricta do Reino de Deus é ainda absorvida no clero, e este no papa, declarado Summo Pontifice, infallivel, vice-Deus na terra.

Uma tal maneira de se encarar a natureza da Igreja de Christo a faz um reino deste mundo, superposto aos outros reinos, e a põe em conflicto com as soberanias dos Estados da terra, arrastando-a em luctas politicas, que a desviam de sua missão benefica de paz, de amor e abnegação.

Da ordem ministerial, instituida por Christo, faz o Romanismo uma casta sacerdotal, em cujo poder estão os destinos eternos das almas.

O padre romano é um sacerdote, que tem em suas mãos as « Chaves do Reino dos Céos »; « que abre e ninguem fecha, e que fecha e ninguem abre »; que perdoa ou retém os peccados; que lança o *interdicto*, e ameaça com as penas do inferno a populações inteiras; que tem o poder de chamar a Christo sobre o altar, e sacrificá-lo todos os dias, consumindo-o em seu proprio corpo.

Com essas prerogativas, o padre é um mediador entre Deus e os homens, e no tribunal da Penitencia é um substituto de Christo, com as tremendas attribuições de juiz.

Ahi o peccador, de joelhos a seus pés, recebe a sentença, que decide de seu destino eterno !

No fastigio dessa hierarchia sacerdotal, está o papa, summo sacerdote, pontifice maximo, sanctissimo e infallivel, arbitro supremo, Christo na terra, e, como tal, senhor absoluto dos reis, e, portanto, rei dos reis, possuidor soberano da espada espiritual, como da temporal.

Ora, uma tal concepção da ordem ministerial faz do ministerio christão uma ameaça perenne ás sociedades politicas; é a tyrannia organizada, a escravidão do povo, a asphyxia da Igreja, a annullação das soberanias ter-

restres, das auctoridades politicas, que se tornam meras delegações do papado.

Uma tal maneira de encarar o ministerio christão, faz delle uma theocracia perigosa, e sobretudo attentatoria da realza sacerdotal de Jesus Christo; como o unico Mediador entre Deus e os homens.

Segundo taes principios, o Filho do Altissimo abdicou no papa e no clero e entrega-se passivo ás manipulações dum sacerdocio omnipotente.

A Igreja, por sua vez, despojada de todos os seus privilegios, vegeta esmagada na completa ignorancia de seus destinos, e torna-se mera prisioneira dessa classe sacerdotal, que no ciborio conserva preso seu celeste esposo.

Não ha sociedade, não ha povo, não ha nação, não ha raça, que, na vigencia effectiva de taes principios de absolutismo religioso, de dictadura ecclesiastica, possa prosperar moral e espiritualmente.

Além das objecções contra este ecclesiasticismo dictatorial, outras e graves temos sobre o culto e a moral.

Quanto ao culto é manifesto o divorcio entre a simplicidade apostolica e a pompa externa do Romanismo.

A multidão dos ritos e vistosas ceremonias converte-se em uma nuvem de superstições, que impede a adoração em espirito e verdade, reclamada pelo Senhor.

Junctamente com o culto ás pessoas divinas, presta o Romanismo culto idolatra ás creaturas, ás reliquias, e ás imagens.

Tal culto ostenta infelizmente, na America Latina, franca feição pagã: a agua-benta, a bandeira do Divino em mãos de foliões, procissões com numerosos andores, onde se vêem imagens representando as pessoas da S. S. Trindade; a Virgem, os sanctos e os anjos; romarias constantes a preconizados sanctuarios, a imagens milagrosas, são a escola, onde se afervora o sentimento religioso do povo.

Aos dois sacramentos acrescenta a Igreja Romana mais cinco, e na celebração de todos é o povo ensinado a enxergar uma virtude talismânica no elemento material, o que constitue a fonte originaria das grandes superstições da credulidade popular.

O baptismo não é só rodeado de ceremonias supersticiosas inteiramente alheias á instituição primitiva, mas a propria materia do sacramento é desvirtuada com o accrescimento de «oleo mystico da unção», sem o qual não é licito, em condições normaes, celebrar-se o rito do baptismo.

O sacramento da Communhão é completamente desfigurado pelo dogma da *transubstanciação*; no sacrificio da Missa, o pão e o vinho são offerecidos á adoração dos fieis, como o proprio Christo tangivel—«corpo alma, divindade, tão real e perfeitamente como está no céu»!

Na celebração deste rito, Roma não só recusa o calix aos leigos, mas subverte a instituição identificando o signal com a coisa significada, e transformando, por magia transcendental, um fragmento de pão em Deus, que entrega á manducação material dos homens!

Sobre a moral casuistica de seus doutores, tem introduzido principios francamente dissolventes, como mostra o sabio auctor das *Provinciales*.

O celibato clerical, sobre ser contrario á lei natural e á divina, não poderia deixar de ser, como realmente é, um elemento perigoso á moralidade publica.

O confessorio ou a confissão auricular, por sua vez, é mais um accrescimento ás instituições christãs de perigoso effecto.

Interpondo-se o padre celibatario, nesse tribunal de penitencia, entre o peccador e o seu Deus, com o poder de dissipar agonias de consciencia com uma simples palavra sacramental, tem impedido a manutenção de um padrão moral elevado, no meio em que domina.

A tudo isto, accrescem-se tres grandes decretos modernos do Vaticano, que vieram aggravar o estado de coisas, contra o qual se ergueram os reformadores do seculo XVI.

1. O dogma da *immaculada conceição* de Maria, promulgado por Pio IX, em 8 de dezembro de 1854, com a lenda da Assumpção, veio completar a divinização da Virgem, collocando-a não só a par do Filho de Deus, concebido por obra e graça do Espirito Sancto, mas ainda superior no affecto e confiança do povo.

2. A *infallibilidade papal*, decretada em 1870, veio contrastar a divinização da mulher pela divinização do homem, tornando-o, sobre sanctissimo, infallivel, e fechando a porta a toda a reforma salutar no seio do Romanismo.

3. O *Syllabus*, promulgado por Pio IX, a 8 de dezembro de 1864, é realmente «uma declaração de guerra á civilização moderna e ao progresso», pois condemna toda a liberdade civil e religiosa, e fecha a porta a qualquer conciliação possivel entre a sociedade politica e a religião.

— : —

Exposta succintamente, a dualidade antagonica do credo e das practicas da Igreja Romana, como acabamos de fazer, passamos a assignalar nossa attitude e intuitos.

E' evidente, deante do exposto, que nossa attitude para com a Igreja Romana não pôde deixar de ser dupla: a) de sympathia e intima solidariedade para com o elemento christão, e b) de repulsa para com o elemento, que julgamos anti-christão.

Affirmando as verdades do Christianismo e repellido os erros contrarios, declaramos que os nossos intuitos são francamente espirituas e religiosos, e de cooperação sincera com todos os ramos da Christandade, que mantem e professam todos os dogmas christãos em sua pureza evangelica.

Herdeiros do nobre impulso religioso do seculo XVI, procuraremos, no seio da Christandade, ser fieis testemunhas: a) da supremacia da Palavra de Deus sobre as tradições dos homens, b) da supremacia da fé sobre as obras, c) da supremacia do povo de Deus sobre o clero.

Na manutenção destes grandes principios, objectivo, subjectivo e social, julgamos poder aprensentar uma visão mais clara do Reino de Jesus Christo, até que Elle venha.

Conscios da nossa missão, na obediencia da ordem do Divino Mestre, dada a toda a Sua Igreja, é nosso fim supremo levantar na America, como em todo o mundo, Christo crucificado, unica esperanza da humanidade.

Os nossos intuitos não são, pois, destructivos, mas constructivos; não são negativos, mas positivos; não são polemicos, mas affirmativos. Todavia, não nos furtaremos ao dever de dar testemunho opportuno contra todo o erro, que encontrarmos em nosso caminho, crendo com Vinet, que o silencio sobre um systema falso é complicitade. Na direita a tolha, na esquerda a espada, é a condição de todo o obreiro do bem neste mundo extraviado.

O nosso fim, portanto, não é destruir, mas construir.

Acima das raças e das nações, do progresso e da civilização, acima dos grandes interesses temporaes, estão os interesses ainda maiores das almas immortaes no conhecimento das grandes doutrinas do Christianismo, e esses interesses espirituas são o nosso objectivo, ao lado de todos-os que trabalham para realizar no seio da raça humana o pensamento do Pai de nossos espiritos, que de «tal maneira amou o mundo que deu o Seu Filho Unigenito, para que todo o que crê nelle não pereça, mas tenha a vida eterna».

S. Paulo, 21 de dezembro de 1915.

O ESTANDARTE

Orgam Presbyteriano Independente

Pela Coroa Real do Salvador

"Arvoreae o estandarte ás gentes"

ANNO XXIV

S. PAULO, 25 DE MAIO DE 1916

NUMERO 21

O VERDADEIRO LEADER E SUA NECESSIDADE FUNDAMENTAL

These lida perante o Congresso da Obra Christã em Panamá por E. Carlos Pereira

Leader, como soa a palavra, é aquelle que conduz, que guia; aquelle que, tendo o coração vibrante de entusiasmo pelas aspirações communs, marcha á frente da communitade, mostrando-lhe o caminho de seu destino. Sua auctoridade repousa no apoio espontaneo de seus concidadãos.

O termo *leader* é um neologismo semantico do idioma inglez: o seu sentido generico primitivo assumiu significação especifica, com que passou para o uso corrente das linguas modernas.

A sua origem e historia nos mostram ainda que a idéa especifica, de que é elle portador, se relaciona egualmente com a sociedade anglo-saxonica.

De facto, das classicas liberdades britannicas, da sociedade onde reina uma opinião publica esclarecida e sensata, do povo, que deu á sociedade moderna os ideaes da democracia, nasceu essa personagem nova, a que damos o nome de *leader*.

O verdadeiro *leader*, como o poeta, nasce, e não se faz. O seu posto elle o alcança e mantém, não pelo voto formal, mas pela adhesão espontanea de seus correligionarios.

Filho legitimo do meio, elle absorve as idéas generosas e incertas, que fluctuam no ambiente moral, os sentimentos confusos, as esperanças mal definidas, as vagas aspirações communs; interpreta-as, define-as, illumina-as. Agido pelo meio, elle reage sobre o meio. Uma corrente moral se fórma e avoluma. Trava-se a lucta, inflamam-se os espiritos; uma bandeira se desfralda aos ventos fortes do ideal, e em torno della perfilam soldados promptos a todos os sacrificios. Nos rudes embates da requesta, o *leader* torna-se heroe ou martyr. Como o Bom Pastor da Parábola, elle jamais abandona os seus aos dentes vulpinos dos inimigos.

O *leader*, porém, não é só o commandante na hora de combate: elle é tambem o interprete, o expoente, o orgam auctorizado daquelles que dirige.

Tal é, em geral, em seu aspecto superior, a função do *leader*, mormente em as novas sociedades ibero-americanas.

A condição de vida e estabilidade destas republicas está no regimen de uma opinião publica sabia e esclarecida, e este regimen não pôde florescer sem o influxo de um *leadership* sabio, prudente e auctorizado.

Nas democracias liberaes, como as da America do Sul, onde se procura a solução dos problemas sociaes através de uma livre discussão, o *leader* torna-se uma necessidade fundamental, para dirigir a discussão, e alcançar uma solução desejavel.

No desempenho de suas funcções deve elle possuir certas qualidades indispensaveis. Intuição clara, lucida e culta intelligencia, firmeza de character, e perseverança de vontade, ao lado de um espirito eminentemente pra-

ctico e conciliador, são qualidades primordiales, as quaes o habilitam a comprehender as situações e a resolver de prompto os problemas, que a seu criterio se apresentam de continuo no curso da execução de um programma, que deve ser definido.

E' evidente, entretanto, que as condições actuaes da sociedade na America Latina não são favoraveis á existencia de um verdadeiro *leadership*, e, conseguintemente, ao surto de um verdadeiro *leader*.

A's seguintes causas geraes podemos provavelmente attribuir este phenomeno.

A mais importante é, sem dubitação, a instabilidade moral e social das democracias do Sul. Esta instabilidade de espirito é plausivelmente, em grande parte, devido ao conflicto das raças, cujo caldeamento não tem ainda conseguido fixar um typo nacional de character physico e moral definitivo.

O character iberico, arrojado e aventureiro, fusio-nando com o genio nomade e suspeito do indigena, e com a sentimentalidade africana, dar-nos-á, talvez, a chave dos problemas sociaes da America do Sul.

O conflicto destas correntes ethnicas, agravadas já por certos factos da vida religiosa do povo, já por correntes immigratorias, produz certa confusão ou perturbação de idéas e sentimentos, que augmenta grandemente as difficuldades para aquelles que buscam dirigir a opinião publica na realização de altos propositos.

Ao lado deste factor ethnico, um outro apparece que podemos chamar psychologico, a saber, a ausencia de nobres ideaes. Parece ser isso o caracteristico universal dos tempos, que correm.

O industrialismo, a prosperidade material, as riquezas e o conforto da civilização moderna, tem despertado uma verdadeira fome e sede de prazer, o sensualismo pagão da natureza decahida, que suffoca os nobres impulsos para os grandes ideaes.

Na loucura do gozo, não ha lugar para as nobres cruzadas em prol da infeliz humanidade.

Uma terceira circumstancia vem dar intensidade aos factores antecedentes—é a ausencia, em geral, de um systema de educação adequado á formação de um character civico elevado.

Instaveis e incoherentes, os diversos systemas de educação nacional, fallando geralmente, tem sido insufficientes para aperfeioar e fortalecer as nobres e preciosas qualidades de que dotou a natureza o espirito latino.

A todos esses elementos deleterios, entretanto, resiste a plasticidade da raça, que vae assimilando os novos elementos ethnicos, e vae-se adaptando ao novo meio da livre America.

E' manifesto que deve haver uma base religiosa para o futuro avivamento e progresso da faça latina na Ame-

EXPEDIENTE

Publicação semanal

Assignatura annual . . . 10\$000

Gratis aos ministros

Redactor responsavel : E. CARLOS PEREIRA

Thesoureiro — ISIDRO BUENO

Endereço : CAIXA 300 — S. Paulo

Officinas : Rua Visconde de Ouro Preto, 32

rica do Sul ; e do mesmo modo é evidente que só o Christianismo, e o Christianismo em sua verdadeira fórmula bíblica, pôde fornecer-lhe base adequada para a grandeza das nações sul-americanas.

O Romanismo, com seu credo mixto e flagrante, absolutamente não lh'a dará; tal base deve se procurar no Protestantismo evangelico com seu credo puro, com seu espirito, e fórmulas democraticas de governo.

Pouco ou nenhum auxilio trará ao progresso sul-americano um Protestantismo dividido, fragmentado, intolerante e fraco, retalhado pelo espirito de seitas, perpetua pedra de escandalo aos povos latinos.

A raça saxonica, individualista, forte, a si propria sufficiente em seu exclusivismo, pôde accomodar-se ao individualismo de sua historica organização religiosa, mesmo quando essa organização se fragmenta em grupos francamente sectarios.

A raça latina, porém, social, affectiva, com sua pronunciada tendencia collectivista, com dificuldade se adaptará a este individualismo sectario. O que, na diversidade de denominações, se mostra ao espirito analytico saxonico como uma manifestação de força e lealdade a principios, ao espirito synthetico latino parece antes uma expressão de fraqueza, de egoismo, de incapacidade á larga comprehensão da unidade christã.

Porém, emquanto luctamos pelo advento de um Christianismo genuino em seu credo e em sua organização, estudemos mais de perto a necessidade de *leaders*, as difficuldades que elles, em materia religiosa, devem encontrar no actual meio evangelico das republicas do Sul.

Em quasi todos os paizes da America do Sul, agremiam-se multidões á voz do missionario, que é o *leader* primitivo das igrejas nativas.

Após cincoenta annos de evangelização, tempo era que a voz do *leader* nativo se fizesse ouvir convocando os irmãos em torno da bandeira do sustento proprio e de autonomia na obra de evangelização, o que é, de facto, o grande escopo da obra missionaria.

Ha, porém, fallando em geral, um angustioso silencio nas varias denominações. A consequencia é a ameaça de perpetuar-se um certo parasitismo missionario. Na falta de verdadeiros *leaders* nativos, surgem caudilhos ou *leaders* incompetentes, que perturbam o trabalho.

Nesta situação dissipam-se energias; cauterizam-se consciencias; multiplicam-se divisões e seitas; alastra-se a anarchia e o descontentamento; e ameaça-nos o pessimismo e a morte.

Para evitar tão desastrosos resultados do actual regimen no movimento crescente das comunidades evangelicas da America do Sul, ha urgente necessidade que surjam, dentro e fóra do ministerio, verdadeiros *leaders*, prudentes e capazes de refrear o nascente espirito de demagogia ecclesiastica, que é a perversão daquella liberdade com que Christo nos fez livres.

Em todas as épocas o Espirito do Senhor tem usado de homens escolhidos para dar cohesão e impulso á

liberdade de seus filhos e reprimir os filhos de Belial. Pouco importa o meio pelo qual são chamados esses instrumentos, desde que a missão é a mesma.

Eram chamados prophetas na Velha Dispensação; apóstolos no principio da Nova; bispos, doutores, reformadores mais tarde; em nossos dias preferem chamá-los *leaders*. Com o decorrer dos tempos, o Espirito varia o modo de sua operação, porém conserva nos instrumentos a mesma função—a do pastor que guia o seu rebanho, a do general que commanda as suas hostes, a do *leader* que reúne e disciplina o seu povo, e o impelle ao campo de acção.

Nas condições actuaes da America Latina é necessario que o *leader* seja especialmente um homem de Deus; sem ambição, sem vaidade e veleidades pessoais, não somente diligente, activo e practico em enfrentar e resolver as difficuldades de momento, mas também previdente e de largas vistas, capaz de apresentar a seus correligionarios, não a vista estreita de um combate, mas a visão larga de uma campanha.

Ha de facto, nas presentes condições moraes da America Latina e no presente regimen do trabalho evangelico, embaraços reaes e serios á chefia moral de nativos *leaders*, embaraços, que convem explanados para nosso governo de futuro.

Nesta parte de meu discurso, sou forçado a tirar lições de minha propria experiencia; espero, entretanto, que os irmãos vejam, em minha exposição, o sincero desejo de offerecer com franqueza ensinamentos sem qualquer referencia pessoal.

Atravessamos manifestamente um periodo de transição, e as lições que pudermos colher de *real*, deverão apressar o advento do *ideal*, pelo qual todos suspiramos e oramos.

As observações dos factos levar-me-ia a predizer que, no actual estado de coisas, os verdadeiros *leaders*, que se levantassem, passariam pelas seguintes experiencias.

Como Moysés e Arão, veriam levantar contra si duas fortes correntes de opposição: a murmuração prompta da multidão mixta, oriunda do Egypto, e o espirito que dominou Coré, Dathan e Abiron.

Em virtude destas correntes, o homem que dirigir qualquer movimento de autonomia, emancipação ou independencia será desde logo suspeito de ser um ambicioso, arrogante, inimigo dos missionarios, ingrato, nativista.

Sendo assim denominado pelos seus concidadãos, é natural que os missionarios sejam inclinados a crer que se tracta de facto de um caso pathologico de nacionalismo, e tanto mais que é isto uma epidemia dos tempos, mormente na America do Sul, onde o espirito iberico ostenta seu entusiasmo patriotico contra o commercialismo industrial de invasão estrangeira.

Os *boards*, por sua vez, não poderão deixar de adoptar, como mais plausivel, esta interpretação mais caridosa do movimento nativo, interpretação naturalmente confirmada pelos seus proprios representantes, que visitam e estudam o campo missionario e sua situação.

Animados e fortalecidos por tão respeitaveis elementos, os membros da opposição redobrarão de zelo e coragem; mais tensas tornar-se-ão as relações entre os partidos, mais profunda a separação, e, cercados de uma atmosfera envenenada, elles cavarão um schisma moral no seio da Igreja.

No conflicto contra o bloco dos opposicionistas, o *leader* e seus seguidores serão naturalmente reduzidos a migalhas, se o Senhor em sua Providencia não vier em auxilio delles. Parece ser este actual dilemma apresentado

ao *leadership* sul-americano nas presentes condições de nosso trabalho.

Se tal é realmente a sorte reservada a qualquer movimento actual de autonomia, será bom suggerir certas medidas, que possam abrir o caminho para o advento de homens de merito real, á quem o Senhor se digue levantar na Igreja, os quaes venham a ser os humildes precusores do surto da raça latina no desempenho de sua missão na America do Sul.

Antes de tudo, o campo deve estar francamente aberto ao *leadership* nacional. Todo o organismo para que possa viver e desenvolver exige espaço, ar e luz. O *leadership* não exige nada mais.

Será conveniente, em nosso actual regimen de trabalho, dar emphase a certas verdades, afim de que não embaracemos a realização de aspirações naturaes que, de futuro, possam acaso achar em *leaders* escolhidos organs naturaes de expressão.

Para isso, será opportuno, creio, as seguintes observações :

a) — O grande numero de ministros, insufficientemente preparados, e apressadamente lançados ao ministerio para serem sustentados pelas Missões, serão um duplo embaraço a qualquer movimento de independencia financeira.

Um tal processo significa a perpetuação do regimen parasitario, que atrophia e mata. Algumas medidas prudentes devem ser adoptadas desde logo para lançar sobre os hombros da Igreja o sustento de seu ministerio. Fallando em geral, um ministerio mantido pelos missionarios será um elemento de natural antipathia para com qualquer movimento viril de independencia, e tanto mais quanto maior for o numero de ministros e menor o seu preparo.

Emquanto não houver fortes laços de natural dependencia entre a Igreja e seu ministerio, o *leadership* nacional será coisa difficillima.

b) — Necessario é tambem que os missionarios, cheios do espirito e sentimentos de João-Baptista, velem e trabalhem anciosamente pelo tempo em que possam occupar um lugar na retaguarda e considerar-se os amigos, conselheiros e paranympfos da nascente Igreja.

c) — Embora o problema da educação pertença proeminentemente á Igreja nativa, é evidente que as missões, sem nenhum perigo serio de cultivar o espirito parasitario, podem coóperar, com grande vantagem, na educação dos filhos da Igreja, donde deverão sahir os *leaders*.

O collegio evangelico e o instituto theologico são duas importantes instituições, que, sabiamente organizadas e dirigidas, não poderão deixar de fornecer, á sociedade civil e á religiosa, homens habéis, de tempera heroica e elevado espirito, que serão a esperança das populações sul-americanas.

E para, se augmentar a plausibilidade de uma tal perspectiva, é importante que haja, nesses dois typos de instituição educativa, uma cordial cooperação de todas as denominações evangelicas do respectivo paiz, e isso não só por causa de maiores recursos financeiros e docentes, senão tambem por causa do benéfico effeito moral que de tal cooperação resultará. A união de esforços produzirá união de corações, communhão de sentimentos, e, além disso, um typo elevado de *leadership* latino.

Se deste modo dermos, á mocidade de nossas egrejas, lugar para crescer, ar puro e luz solar, veremos erguer-se varões d'escol, fortes no Senhor, bellos em os uobres traços de sua nativa virilidade, para abrirem á

raça malfadada deste novo continente as portas de um novo e grande mundo.

A voz de Deus, fallando através de cincoenta annos de experiencia, proclama, aos apóstolos de todas as denominações na America Latina, que sua obra será semelhante ao tonel das Danaides, a menos que não consigam levantar verdadeiros *leaders*, homens capazes de, soffrendo os espiritos revoltosos, reunir em torno de si os bons, mostrando-lhes o caminho da cruz e consagração ao serviço do Senhor, e levando-os á realização do nobre e divino programma das missões evangelicas.

Cincoenta annos estão, de facto, deante de nós, dando solenne aviso ás missões estrangeiras e ás egrejas nativas, de que, na grande obra da evangelização deste vasto continente, teremos, como Sisypho da fabula, de rolar perpetuamente a pedra ao topo da montanha, se, por nossas orações e esforços, o Espirito do Senhor não se dignar levantar dentre nossos filhos verdadeiros *leaders* a sua Igreja.

Vida Evangelica

Não fossem amistosas as actuaes relações das duas Igrejas Presbyterianas, e nós não estaríamos analysando com sympathia, liberdade e franqueza as resoluções da Assembléa de Valença. E' por amizade e pelo desejo de mais estreitar os laços dessa mesma amizade, que temos a attenção voltada para aquella Igreja, donde sahimos pela questão maçonica, mas a que nunca deixámos de amar, não obstante todas as tristezas e amarguras que soffremos por occasião e depois da angustiosa separação de 31 de julho de 1903.

Nossas palavras são de affecto e visam o bem para a causa em que nos achamos solidariamente empenhados; nenhum outro intuito nos move senão os altos interesses do Evangelho em nossa patria.

O nosso esforço sincero por uma aproximação completa entre as duas egrejas e as outras denominações evangelicas, collima tão sómente alargar a nossa influencia salvadora, trazendo maior numero de almas convertidas aos pés da Cruz ensanguentada do Calvario.

E' nesse espirito de amor e com esses nobres e desinteressados intuitos que vamos analysar hoje rapidamente a resolução da Assembléa GERAL de Valença sobre a validade do baptismo romano.

Aos consulentes e protestantes que lhe vieram pedir luz e remedio contra um ministro presbyteriano que acceitára a validade deste baptismo respondeu a Assembléa como já escrevemos: « Em face dos bons resultados colhidos em meio seculo de experiencia, em que ficou demonstrada a excellencia do methodo de se